

Encontro com Jesus

1ª Edição
Do 1º ao 3º milheiro

Criação da capa:
Objectiva Comunicação e Marketing

Modelo da capa:
Márcia Meireles Marques

Direção de Arte: Gabriela Diaz

Revisão:
Lúcia de Araújo Silva
Albérico Silva

Diagramação: Joseh Caldas

Copyright ã 2003 by
Fundação Lar Harmonia
Rua Deputado Paulo Jackson, 560 – Piatã
41650-020 – Salvador, Bahia

distribuidora@larharmonia.org.br
www.larharmonia.org.br
fone-fax: (071) 3375-1570

Impresso no Brasil

ISBN: 0000000000000000

Todo o produto desta obra é destinado à manutenção das
obras da Fundação Lar Harmonia.

Djalma Argollo

Encontro com Jesus



F U N D A Ç Ã O
LAR HARMONIA

FUNDAÇÃO LAR HARMONIA
CNPJ /MF 00.405.171/0001-09
Rua Deputado Paulo Jackson, 560 – Piatã
41650-020 – Salvador, Bahia – Brasil
2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Argollo, Djalma Motta
Encontro com Jesus. Salvador: Fundação
Lar Harmonia, 2005

160 p.

1. Espiritismo. I. Argollo, DjalmaMotta – II.
Título.

CDD – 133.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.9

Homenagem:

À Fundação Lar Harmonia

Materialização de um sonho de fraternidade, inspirado nos ensinamentos de Jesus e conduzido por imensa capacidade de amar e servir.

Índice

| | |
|----------------------------------|-----|
| Antelóquio | 9 |
| Explicações | 11 |
| Prefácio | 14 |
| Encontro com Jesus | 17 |
| A Semente do Reino de Deus | 25 |
| Transformação | 31 |
| A Bondade de Jesus | 39 |
| Lição de Amor | 45 |
| Regeneração | 55 |
| A Vitória do Bem | 74 |
| Redenção | 90 |
| A Misericórdia Divina | 99 |
| Triunfo | 106 |
| Vida Eterna | 120 |
| A Retribuição | 130 |
| As Dúvidas do Discípulo | 137 |
| Da Descrença à Fé | 144 |
| Despedida | 155 |

Este é o segundo livro editado pela Fundação Lar Harmonia de autoria de Djalma Argollo. O primeiro, *Junge e a Mediunidade*, pelo ineditismo do tema, tornou-se uma valiosa obra para aqueles que se interessam pelo universo junguiano. É da programação da Fundação editar outras obras do mesmo autor, em função da qualidade de sua produção, principalmente no campo espírita e a respeito de Jesus. O leitor poderá verificar a profundidade e importância dos temas pelas idéias expressadas.

Bom proveito.

Salvador

Agosto/2005

Antelóquio

*U*ma coisa é ir ao encontro de alguém, ou de algo; outra é o encontro em si. Ir ao encontro, pressupõe uma jornada repleta de alguma emoção e expectativa, certa ansiedade sobre o que se irá encontrar e como acontecerá o encontro. Nas páginas deste livro esta condição fica bem clara. Muitos vão ao encontro de Jesus para solicitar alguma benesse para si, outros para exarar-lhe o auxílio para um ente querido, alguns para ameaçá-lo – porque o sentem um perigo para si e sua classe – e ainda existem os que buscam sua presença com propósitos de saber-lhe as intenções.

Nos contos a seguir reunidos, verifica-se que todos os que encontraram Jesus foram surpreendidos pela maneira como o encontro se deu, dele saindo com uma outra visão de mundo.

Martim Buber tem razão: toda vez que interagimos com alguém, saímos do encontro transformados. E, um encontro com Jesus sempre causa mudança profunda em quem o encontrou. Muitos podem aparentar que nada aconteceu, mas isto é apenas um mecanismo de defesa do ego, porque o inconsciente foi abalado. A *totalidade psíquica*, a *Imago Dei*, o *Si-mesmo* foi tocado, desafiado, estimulado e pôs-se numa atividade sub-reptícia, produzindo símbolos que assaltam o consciente de mil formas. *Sincronicidades* passam a chamar a atenção do ego para

novas perspectivas. Enfim, uma tensão entre consciente e consciente estabeleceu-se e, mais cedo ou mais tarde, uma *função transcendente* é acionada para resolver o antagonismo entre as duas instâncias psíquicas. Ao meu pensar, foi justamente isso que o espírito que conhecemos pelo nome de Jesus veio realizar, encarnando entre nós; e foi consciente disso: *Eu não vim trazer a paz, mas a espada; eu vim por fogo na Terra, e estou ansioso que ela se incendeie*. E, sem dúvida, do encontro da humanidade com ele surgiu um conflito que se desenrola até hoje, em todos os níveis da existência. Nunca mais o mundo foi o mesmo: Impérios caíram e se formaram; pessoas sacrificaram outras ou a si mesmas; a inquietação interior, que sua presença provocou, se projetou nas circunstâncias individuais, passando daí à sociedade, gerando problemas e inspirando soluções.

Abençoado encontro! Graças a ele a humanidade deu um salto qualitativo de grandes proporções. E quem imagina que já esgotou sua influência, está redondamente enganado. Mais do que nunca aquele encontro está agindo em nós, provocando-nos com desafios diversos, inquietando-nos em todas as instâncias da existência. Isto porque o *encontro com Jesus* é teleológico. Tem o objetivo de nos tornar conscientes do *processo de individuação*, imperiosa necessidade para que transcendamos ao próximo patamar evolutivo, à próxima etapa da construção – ou descoberta – da consciência plena, quando todos – ou o que imaginamos assim – os níveis do psiquismo estarão conscientemente à nossa disposição! Sem dúvida, aquele encontro, acontecido há dois mil anos, mudou a História, porque mudou o Ser Humano!

Explicações

O exercício da mediunidade é fonte inesgotável de surpresas. Embora portador de poucos recursos nesse campo, infinitamente distante das primorosas faculdades dos conhecidos expoentes dessa faculdade, tenho me deparado com inesperadas e instrutivas situações. As histórias que compõem este livro nasceram de forma singular e imprevista.

No final do ano de 1985, quando estava para encerrar uma reunião de desenvolvimento mediúnico, por mim coordenada no Grupo da Fraternidade Leopoldo Machado, apresentou-se-me à percepção mediúnica um espírito em trajes e postura de um tribuno romano. Disse chamar-se Mnêmio Túlio e que gostaria de utilizar minha possibilidade psicofônica, se eu com isso concordasse. Aquiesci com alegria, ante a oportunidade de servir, envolvendo-me nos fluidos suaves e luminosos da entidade. Surpreendido, acompanhei a comunicação se desenvolver na forma de uma história, baseada no episódio do centurião de Cafarnaum. Desde então, e por certo período, o fato se repetiu, sempre com uma nova história, inspirada em eventos relacionados com os tempos inesquecíveis da encarnação do querido Mestre Jesus, na Terra.

Numa das reuniões, uma médium vidente, que visitava a Reunião, informou, momentos antes da incorporação de Mnêmio Túlio, a entrada no recinto de um grupo de

monges budistas desencarnados, os quais se assentaram na tradicional postura de lótus, quedando atentos.

Após a mensagem, ela me disse que, durante o seu transcurso, os fatos narrados eram projetados em uma grande tela, na qual se plasmava cada detalhe da cena. As entidades orientais assistiam, comovidas – algumas em lágrimas – à exposição áudio-visual, cuja beleza, no *mundo espiritual*, transcendia em muito ao que filtrava a minha faculdade mediúnica. Os mentores dos trabalhos revelaram-lhe, no momento, que a sucessão de histórias faziam parte de um curso que os espíritos asiáticos estavam fazendo sobre Doutrina Espírita e Evangelho, com a finalidade de encamarem no Brasil, com tarefas específicas no movimento espírita.

Dois anos depois, recordando o conteúdo edificante e emulador dos contos, resolvi colocá-los no papel para que suas mensagens pudessem chegar a outras pessoas, servindo de inspiração à nossa caminhada comum, rumo às esferas sublimadas dos Espíritos Puros.

Não se trata, pois, de uma obra psicografada, na lídima expressão do termo. Trabalhei com o que recordava das comunicações, usando os recursos culturais que possuo, sem dúvida muito aquém dos inerentes à entidade, autora efetiva das histórias. Portanto, não as escrevi imediatamente após as transmissões mas, tempos depois, e sem a necessária aplicação. Por isso, declaro-me o único responsável por qualquer erro histórico, vernacular ou de qualquer natureza que se apresentem.

Escrevi as histórias com o propósito de servir, se bem que pobremente, à causa da transformação moral dos que, como eu, ainda vivem as lutas da *erraticidade*¹. Espero, por isso, contar com a compreensão e o beneplácito dos que tiverem a paciência de ler este humilde trabalho.

¹ Termo empregado por Allan Kardec para designar a condição dos espíritos que ainda precisam reencarnar.

Para a grafia de nomes de cidades e acidentes geográficos da Palestina à época de Jesus, utilizei o “Dicionário Enciclopédico da Bíblia”, organizado pelo Dr. A. Van Der Born, traduzido do holandês por Frederico Stein, 1ª edição, publicado pela Editora Vozes, em 1977. As citações bíblicas estão de acordo com a Bíblia de Jerusalém, da École Biblique de Jerusalém, editada pelas Edições Paulinas, 1984, com exceção das referentes aos Evangelhos de Mateus e Marcos, as quais estão de acordo com a minha tradução destes Evangelho, do grego, utilizando o The Greek New Testament, texto estabelecido por Kurt Aland et alia., em sua 4ª edição revisada.

Prefácio

Qual o tipo, o mais perfeito, que Deus há oferecido ao homem para lhe servir de guia e de modelo? “Vede Jesus” (Kardec, 1972, questão 625) ².

Esta é uma nova edição, revista e ampliada, do primeiro livro que escrevi entre os anos de 1985 e 1988, e que foi publicado pela primeira vez em 1989 por intervenção do meu querido amigo Wilson Midlej. Até hoje, quando vem a lume esta edição, tem sido motivo de alegrias para mim, por causa das referências e testemunhos de diversas pessoas, em vários Estados, sobre o quanto receberam dele em consolação, estímulo e esperança.

Este livro foi o início de uma série de publicações que produzi em torno de Jesus e dos Evangelhos. Nele, já se encontra o núcleo central de minhas idéias sobre o Mestre: sua personalidade afável, amigável e total informalidade em relação aos costumes da época. Busco sempre resgatar a pessoa de Jesus, que se me apresenta, às pesquisas, completamente oposta à descrita em alguns livros, espíritas ou não.

O *mito Jesus* tem sido um entrave à aproximação do *homem Jesus*, um indivíduo que viveu de forma harmoniosa e sem preconceitos. Judeu, seguidor fiel da religião de seu povo, que realizava todos os atos de piedade

² Tradução minha.

estabelecidos pela tradição, mas que sempre pôs os sentimentos nobres acima de qualquer imposição ritualística. Sua religiosidade nunca foi piegas nem beata, mas simples e ativa como a própria vida. Minha visão dele é completamente diferente do *deus factótum* do Cristianismo. Esta doutrina, que foi gerada por Paulo de Tarso, é hoje a resultante sincrética, que o inconsciente coletivo dos povos politeístas ampliou em seus diversos ramos, tanto do Ocidente, quanto do Oriente. E, igualmente, é bem diversa do espectro docetista, criado por mentes apaixonadas pelo sobrenatural e pelo fantástico, e que fazem tudo para fugir ao prosaísmo da realidade, por não satisfazer o vício das emoções exacerbadas, mesmo que frutos de improbabilidades.

O Mestre era uma pessoa alegre e feliz. Valorizava o mundo como Criação de Deus e usava seus recursos de maneira equilibrada, sem fanatismo. Sua alegria transparaça em muitas palestras, e na forma como coloca apelidos interessantes em discípulos, como Simão e os irmãos Tiago e João, filhos de Zebedeu. Senta-se à mesa dos banquetes que lhe oferecem, ou que proporciona – como a última ceia – e come e bebe sem quaisquer pruridos de moralismo ou doentia exaltação religiosa.

Convive com os discípulos, tolerando o nível evolutivo de cada um, sem imposições de qualquer natureza. Veja-se o caso de Judas, enquanto os cristãos vivem a envolvê-lo em permanente execração, o Mestre não fez a menor referência ao seu ato, quando retornou, após a morte, em diversas aparições aos seus seguidores. Seu coração não guardava mágoas, somente amor.

As histórias aqui coletadas recordam o Jesus real: companheiro, amigo, terno e amoroso. Quando se descobre esse grande ser humano, e espírito de escol, se tem um modelo inexecedível para pautar a existência.

A partir desta edição, este livro tem por finalidade colaborar com os projetos da Fundação Lar Harmonia, notável empreendimento do Bem idealizado por Adenáuer Novaes, e por ele desenvolvido, com o auxílio de inúmeros e dedicados colaboradores.

Encontro com Jesus

A primavera derramava miríades de flores por toda a Galiléia, numa policromia esfuziante.

A brisa, que brincava alegremente com as folhas das árvores, carregava em seu bojo, como se fora uma nave translúcida, a alegre algaravia dos pássaros.

O sol estreitava a natureza num cáldido abraço de ouro eterizado.

Mulheres e crianças, tocadas pela magia da estação, passeavam sua beleza por toda parte, em ruidosa manifestação de alegria, adicionando um toque de graça ao festival de beleza natural que se realizava.

Nossa casa, localizada nos arredores de Cafarnaum, apresentava a única nota destoante naquele conjunto harmonioso. Uma deprimente nuvem de tristeza sufocava as tentativas que as flores do nosso jardim e as árvores do nosso pomar faziam para nos sintonizar com a felicidade reinante por toda parte. Há alguns dias, o nosso querido servo Telêmio jazia prostrado no leito, vítima de misterioso mal que o consumia lentamente.

Meu pai já fizera vir, para examiná-lo, os médicos, de alguma notoriedade, que viviam nas cercanias do lago de Genesaré. Por último, graças à intervenção de alguns políticos de sua amizade, o médico particular do procurador Pôncio Pilatos viajara os quase 843 estádios³ de

³ Cerca de 150 Km. O Estádio era uma medida grega de comprimento, em torno de 177,6 metros por unidade.

Jerusalém à nossa cidade, para tentar diagnosticar e curar a doença que ameaçava a vida do amado servidor. O mal, entretanto, resistia às torturantes sessões de sangrias e às mais estranhas e nauseabundas poções.

Desesperançados, aguardávamos apenas o momento fatal. Meu pai não se afastava um só instante da cabeceira do doente. Soldado, acostumado à rígida disciplina das legiões e à crueza dos campos de batalha, era agora surpreendido, em inúmeras oportunidades, a soluçar qual criança ante a perspectiva da separação definitiva de seu querido escravo.

Telêmio era o anjo bom de nossa casa. Seu pensamento providencial abarcava os mínimos problemas da administração doméstica. Todos lhe devíamos muito, em vários aspectos. Minha educação se processava sob a supervisão de sua pedagogia inteligente e bondosa. Guiado por ele, perλουstrava os caminhos históricos da minha raça, participando das aventuras itálicas de Enéas e sofrendo a angústia mortal de Rea Sílvia. Era companheiro de Rômulo e Remo, vivendo sob os cuidados amorosos de Aca Larência. Defrontava-me com os Sabinos, submetia os Etruscos, punha em debandada os Socii. Dirigido pelo seu vasto saber, convivia com Múcio Scévola e participava da epopéia dos Gracos. Batia-me com os cartagineses Amílcar e Aníbal. Sofria a humilhação de ver Roma invadida pelos bárbaros gauleses de Breno, mas redimia-me com Júlio César em campanhas memoráveis.

Graças à sua ilustração invulgar, entendi as verdades profundas que se escondem sob véus alegóricos em nossa religião. Desenvolvi um profundo respeito pela força bondosa e sábia que reside por trás dos fenômenos naturais. Mas, sempre que tentei uma analogia que me fizesse compreender essa invisível providência, a ação de Telêmio em nosso lar sempre me parecia a mais apropriada.

Valendo-me de sua sabedoria, penetrei as terras gregas. Hesíodo, Homero, Tales, Sólon, Licurgo, Péricles, Sócrates, Platão e Aristóteles passaram a ser realidades em minha mente. Com espírito de aventura, lutei no cerco de Tróia. Fui Aquiles, Ajax e Heitor, Menelau e Príamo, e me via como Paris raptando Helena. Eu tinha, então, doze anos...

Meu pai, também, polarizava-me a atenção com suas aventuras guerreiras. Aliás, era sempre com sua face que eu imaginava os grandes heróis do passado. Todavia, o evento que mais me agradava ouvi-lo contar, era o de seu encontro com Telêmio:

Estávamos em plena guerra civil, dizia ele. Assassinado o Grande César, seus matadores tentaram empolgar o poder, no que foram impedidos pela pronta ação de Marco Antônio. Após inúmeras peripécias, Antônio e Otávio, esse último o filho adotivo do divino Júlio, dividiram o império. Tal situação, entretanto, não podia perdurar. Havia inúmeros interesses em jogo. eclodiu a luta. Eu acabava de envergar a toga viril. Sedento de glórias, agreguei-me ao exército do herdeiro do grande general.

Em Actium travou-se a batalha final. Após algum tempo de luta renhida e cruel, a esquadra de Otávio era vencedora. Passava eu, então, em tarefa de liquidar os últimos focos de resistência, numa trirreme abordada, quando vi um dos nossos soldados tentando matar um jovem escravo que, desarmado, defendia-se a custo. Senti uma imediata e profunda simpatia por ele e ordenei ao soldado que parasse. Enlouquecido, contudo, pela tensão do combate, atacou-me, inesperadamente, ferindo-me gravemente no ombro. Empenhamo-nos num corpo a corpo mortal, durante algum tempo. Por fim, com uma estocada feliz, atravessei-lhe o tórax com o gládio, matando-o. Já era tempo, a perda abundante de sangue minara-me as forças e tombei desmaiado.

Dias depois acordei, enfraquecido ainda, e lá estava Telêmio. Transportara-me até um abrigo em terra e cuidara de mim com desvelo. Desde então nunca mais nos separamos.

Um fato acontecido mais tarde transformou a estima de meu pai pelo seu escravo em verdadeira veneração. Sonhou certa feita, quando servia nas fronteiras germânicas que, em tempos antigos, antes da fundação de Roma, vivera nas margens do Nilo e Telêmio fora seu pai. Para um adepto dos mistérios como ele, o sonho era uma revelação divina e, desde então, dedicou ao servo um profundo amor filial.

Quero ressaltar que Telêmio permanecia escravo por sua própria vontade. Em várias oportunidades meu pai lhe dera liberdade, mas ele sempre recusava sob o mesmo argumento: *Uma pitonisa em Pérgamo, consultada por seus pais, previra-lhes a morte, bem como a de minha irmã, para breve. Olhando-me fixamente, de uma forma que nunca poderei esquecer, disse que eu sobreviveria, mas na condição de escravo. Prosseguindo, afirmou que essa seria a maneira pela qual eu resgataria os graves erros cometidos numa existência anterior, quando fora um cruel mercador de escravos entre os bárbaros da Média. Todavia, finalizara a mensageira dos deuses, o meu sofrimento seria aliviado por causa de um sincero arrependimento, enquanto amargava, no Hades, o resultado dos crimes cometidos e dos esforços continuados na busca da virtude, de que dera provas em vidas posteriores. Como suas predições se realizaram integralmente, dizia, recusando o documento que o libertava, quero viver o meu destino até o fim, para retornar ao reino das sombras definitivamente liberado das culpas do ontem, de consciência em paz.*

A manhã transcorria sem maiores novidades, quando um grupo de judeus eminentes da cidade foi visitar meu pai, para manifestar-lhe apreço e solidariedade.

Normalmente, os seguidores de Moisés não confraternizam com estrangeiros, em particular romanos. Meu pai, contudo, era uma exceção, pois lhes freqüentava as cerimônias na qualidade de simpatizante, mostrando um profundo respeito pelas suas tradições. Contribuía sempre com generosidade, para suas cerimônias, bem como fazia larga distribuição de esmolas para os necessitados da região, o que é altamente louvável, segundo seus escritos sagrados. Mas, o que mais o tornava credor do respeito e consideração dos habitantes do lugar, era o fato de haver mandado erguer, às suas próprias custas, a bela sinagoga da cidade, motivo de orgulho deles.

Enquanto conversavam sobre a misteriosa doença de nosso servo, alguém perguntou a meu pai se já havia solicitado a ajuda do Nazareno, o qual estava a realizar prodígios ali mesmo, em Cafarnaum, e por toda a Galiléia. Meu pai afirmou que ouvira algumas referências, mas não lhes dera importância, julgando se tratar de mais um dentre os muitos charlatães que existiam, prontos a ilaquear a boa fé dos incautos. Armou-se de pronto uma discussão entre os visitantes: alguns diziam que o homem era um louco, outros que era um perigoso subversivo que vivia cercado de uma súcia formada por degenerados e mendigos, insuflando a revolta e o inconformismo. Havia os que discordavam dessas colocações, dizendo que não se conseguira provar nada disso, apesar do empenho do saduceu Eliúde Barjosiah e seus amigos, que lhe moviam uma campanha sistemática e sem tréguas. Quanto aos seus poderes, afirmavam que, segundo se dizia – e o próprio confirmava – ressuscitara a filha de Jairo, o chefe da sinagoga. Para confutar o fato, alguém lembrou que não eram raros os casos de pessoas dadas como mortas que voltaram à vida e, provavelmente, acontecera o mesmo, no caso.

Buscando acabar a controvérsia, que se azedava rapidamente, meu pai propôs se buscasse aquele homem,

solicitando-lhe a cura de Telêmio. Não se perderia nada com a providência, pois a situação era sem esperanças mesmo. Era uma oportunidade de desmascará-lo, provando-lhe a impostura, e ele poderia tomar as medidas cabíveis, com a autoridade de centurião. Todos aquiesceram alegremente, saindo em comissão para buscá-lo.

Toda aquela discussão excitara-me a curiosidade sobre o personagem, objeto de tanto desacordo. Resolvi, pois, acompanhá-los.

Na praça da cidade o encontramos, rodeado de grande multidão. Com dificuldade, conseguimos chegar junto dele. Ao lhe fitar o rosto, o amei de pronto.

De seu porte altivo irradiava-se uma autoridade serena e irretorquível. Seus cabelos longos, de cor castanho-clara, derramavam-se em ondas sobre os ombros, balouçando suavemente quando mexia a cabeça de um lado para o outro, respondendo perguntas ou explicando alguma coisa.

A barba, da mesma tonalidade dos cabelos, terminava em duas pontas sob o mento. A pele, amorenada pelo sol causticante daquela região, deixava entrever o azul das veias que passavam sob ela. Sua voz máscula, ao mesmo tempo suave, transmitia uma sensação de imensa alegria a quem o escutava. Os olhos, todavia, ressaltavam em sua imponente figura: castanhos, eram, ao mesmo tempo, lícidos e profundos. A maneira direta e desassombrada com que olhava nos olhos de quem dele se aproximava, levava a se acreditar que podia ler a alma de qualquer criatura, não se lhe podendo ocultar qualquer segredo.

Quando falava, sua voz era clara e bem modulada, e sua retórica – durante os discursos – utilizava vocábulos simples e imagens do cotidiano, sem qualquer afetação.

Enfim, o seu ser emanava uma aura de simpatia e tranqüilidade impossível de descrever.

Os componentes do grupo, que haviam chegado junto a ele, confiantes e eufóricos ante a perspectiva de

desmoralizá-lo, estavam agora desconcertados e perplexos. E, quando finalmente conseguiram chegar perto dele: *rogavam-lhe insistentemente: Ele é digno de que lhe concedas isto, pois ama nossa nação, e até nos construiu a sinagoga*⁴.

Sem delonga, Jesus os seguiu. Perto de nossa casa, alguns servos de meu pai nos alcançaram, trazendo a seguinte mensagem para ele: *Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres em minha casa; nem mesmo me achei digno de vir ao teu encontro. Dize, porém, uma palavra, para que o meu criado seja curado. Pois também estou sob autoridade, e tenho soldados às minhas ordens; e a um digo: Vai! e ele vai; e a outro: Vem! e ele vem; e ao meu servo: Faze isto! e ele o faz*⁵.

O episódio causou-me tanta surpresa, quanto ao grupo que viera buscar o Mestre. Ele próprio, mostrando grande admiração, voltou-se para a multidão que o seguia, dizendo: *Eu vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé*⁶. E, dirigindo-se aos enviados de meu pai, disse-lhes que poderiam retornar, pois a cura pedida já ocorrera. Em seguida, retirou-se em direção à margem do lago.

Ansioso, corri para casa, encontrando Telêmio, sentado na cama, numa surpreendente recuperação, e meu pai de joelhos, chorando convulsivamente, a louvar o nome do Nazareno.

Quando tudo serenou, havendo os visitantes se retirado, naturalmente estarecidos e desapontados, meu pai contou-me que, enquanto esperava, lhe aparecera o espírito de um jovem de grande beleza, envolto em aura luminosa, o qual lhe falou sobre o homem que haviam ido buscar: *Ele é o príncipe da paz!* Afirmara o Mensageiro dos Céus. *Nele se cumprem as esperanças dos aflitos e infor-*

⁴ Lc 7, 4.

⁵ Lc 7, 6-8.

⁶ Lc 7, 9.

tunados da Terra. Doravante começa uma Nova Era quando, como prefigurava o profeta, o lobo conviverá tranqüilamente com o cordeiro. O egoísmo cederá lugar à Abnegação, o ódio ao Amor, o crime à Fraternidade, o vício à Virtude. Um valor novo desponta no horizonte espiritual dos povos, ao seu influxo divino, para dignificar a existência humana: a Caridade. Graças à sua inspiração sublime, os homens aprenderão a sair da concha estreita dos seus pequenos interesses, para o vale iluminado e rico da dedicação absoluta ao bem estar dos seus irmãos. Em verdade isto é, segundo ele, um pálido resumo do muito que lhe foi dito pelo nobre ser espiritual.

Tão grande impacto lhe causara a revelação, que não se julgara digno de receber em nossa casa aquele que, segundo o Celeste Enviado, era a *Luz do Mundo* e a *Esperança dos Homens*.

A Semente do Reino de Deus

A cidade de Cafarnaum estava quase deserta naquele dia. A maior parte de seus habitantes deslocara-se para Betsaida Júlias, onde Herodes Antipas promovia uma grande festa em homenagem ao casamento da filha de um dos seus áulicos preferidos. Um variado espetáculo público fora montado, com apresentação de habilidosos ilusionistas, representações artísticas em anfiteatros improvisados, e vasta distribuição de comidas e bebidas, motivação principal para a imensa multidão de pobres que viviam nos arredores do lago de Genesaré.

Os ricos estavam aproveitando a oportunidade para se exibirem diante do tetrarca, marcando presença com o fito de criar clima propício à requisição de favores e regalias.

Ricos e pobres, nobres e plebeus, contudo, buscavam, na verdade, uma ocasião, rara naquelas regiões, de se divertirem em grande estilo, com o mínimo de despesas, ou melhor, nenhuma.

Em virtude disso, Jesus tivera um dos raros dias, em sua vida pública, de poucas solicitações, podendo conviver melhor com o reduzido círculo de seguidores constantes, os quais tinham o privilégio de usufruir sua intimidade.

Durante o transcurso daquela oportuna tranqüilidade, aproveitada para esclarecimentos e revelações espirituais mais amplos, o Mestre percebera que Simão Pedro manti-

nha-se retraído e monossilábico, o que era contrário à sua natureza, em geral expansiva e borbulhante.

À tardinha, o Rabi despediu-se dos discípulos, pois desejava aproveitar o crepúsculo para meditar a sós, contemplando a natureza. Enquanto eles se dispersavam, o Mestre demandou à orla do lago.

O sol agonizava no horizonte, matizando de ouro e púrpura o poente.

Jesus contemplava, enlevado, o quadro de beleza incomparável, caminhando lentamente pela ribeira do lago. Seus olhos castanhos, todavia, pareciam vislumbrar paisagens transcendentais de indescritível sublimidade, como deixava entrevero sorriso nos seus lábios bem feitos, enquanto a brisa do entardecer brincava docemente com seus longos cabelos, extraindo-lhes reflexos áureos, aos últimos raios do sol poente.

Caminhando vagorosamente, o Messias aproximou-se de pequena enseada onde ancoravam os barcos dos pescadores, em particular os dos irmãos Pedro e André, e de seus sócios Tiago e João, filhos de Zebedeu. Em terra, aguardando reparos, algumas embarcações, suspensas ou adernadas, exibiam seus cascos por inteiro com longas manchas de betume, ou parte de suas estruturas à mostra, como estranhos esqueletos lígneos.

Simão Pedro, de olhos fixos na linha irregular do horizonte, onde o sol mergulhava célere, abstraía-se em fundo cismar.

Enquanto o Mestre se aproximava, seus olhos lúcidos pareciam escrutar a intimidade da alma do filho de Jonas que, de tão absorto, só se deu conta da sua presença quando ele disse:

– Cefas, meu irmão, o que te preocupa com tanta intensidade?

– Rabi! – exclamou o pescador, voltando de súbito à realidade. E, enquanto Jesus recostava-se junto a ele,

prosseguiu – pensava sobre o *Reino de Deus*, que pregas com tanta beleza e carinho.

Como será bom viver no mundo, quando ele estiver definitivamente estabelecido entre nós. Os ricos transformando suas fortunas em trabalho, pão, agasalho, remédio e oportunidades para os menos afortunados. Senhores e escravos, de mãos dadas, exercitando a mais pura fraternidade. A extinção da guerra, com as armas modificadas em arados, pás e outros utensílios de amanhã da terra e cuidados com a lavoura. Os governos sendo exercidos pelos mais capazes, dedicados e honestos, verdadeiros servos da comunidade, incapazes de manipular o poder em benefício próprio ou de correligionários, sem discriminar ou perseguir seus adversários.

Enfim, com o ódio, o vício, o crime e todas as iniquidades tão comuns nos dias atuais, como simples e tristes lembranças de um passado a se perder nas brumas do esquecimento.

Nesse ponto do seu inflamado discurso, Barjonas, fez uma pausa, que o Sublime Galileu aproveitou para dizer:

– Salve Simão! Vejo que alcançaste os verdadeiros objetivos do *Reino*, traduzindo-os fielmente.

– Entretanto, Rabi, – retorquiu o filho de Betsaida, – se é fácil enlevar-me na contemplação mental dessas esperanças, o cruel mundo das realidades cotidianas me faz senti-las como um sonho impossível. Em toda a parte, o egoísmo e a maldade imperam triunfantes. Os legionários romanos distribuem-se por todos os lugares, cometendo inomináveis atrocidades, estimulados pelas autoridades de Roma, as quais se locupletam com o produto de suas pilhagens. As nossas próprias autoridades civis, militares e religiosas extorquem de nosso povo o pouco que lhes sobra, reduzindo-o à mais absoluta miséria. Por causa disso, vicejam o roubo, a prostituição e a mendicância, como saída desesperada que resta aos infelizes espoliados.

No contexto da nossa sociedade, políticos, empresários, comerciantes e assaltantes só se diferenciam pelo tipo de armas que utilizam.

A essa altura, abundantes lágrimas de amargura derramavam-se dos olhos do apóstolo.

– Até, Senhor, – continuou o pescador, – os que são testemunhas dos teus atos de amor, como os sacerdotes, fariseus, escribas e doutores da lei, em lugar de se entusiasmarem com as curas extraordinárias que realizas, prendem-se a mesquinhas questiúnculas legalistas. Contudo, o que mais fere é ver aqueles que são atendidos pela tua magnanimidade entregarem-se, em sua maioria, a atitudes vis e egoístas, em lugar de aproveitarem a bênção da cura para repensarem suas atitudes, modificando suas vidas à luz dos teus ensinamentos.

Josias de Pela, por exemplo, a quem devolveste o uso das pernas paralisadas, aderiu aos sicários e vive assassinando seus irmãos em nome da libertação de Israel; Calé de Séforis, a quem limpaste da lepra, reentrou na posse dos seus bens e exerce mesquinha vingança contra seus familiares, por se terem afastado dele quando contraiu a doença.

O pranto convulsivo obrigou o discípulo a interromper, momentaneamente, sua acre exposição, enquanto Jesus, fitando-o com um olhar cheio de tolerância e amor, aguardava a conclusão do arroubo.

Eu mesmo, Senhor, quando estou ouvindo tuas preleções e testemunhando teus atos de bondade, sinto-me empolgado e planejo uma vida de virtude, nobreza e altruísmo para, quando longe de ti, voltar às atitudes egoístas, que sempre me caracterizaram. Como poderá, Rabi, diante de tanto mal a medrar por toda parte, materializar-se esse *Reino* de Paz, Amor e Concórdia?

Sem poder continuar, Simão Barjonas entregou-se a convulsivo pranto, que refletia o seu angustiado pessimismo.

Durante largos instantes, o Divino Amigo permaneceu em silêncio, deixando que amainasse a exacerbação emotiva do companheiro, para que pudesse manter uma conversação tranqüila. Quando isso aconteceu, dirigiu-se ao irmão de André inquirindo:

– Simão, filho de Jonas, vês aquele olival ali adiante?

– Após a resposta afirmativa do apóstolo continuou. Vai até lá, apanha uma oliveira, e vem colocá-la aqui na minha mão.

O experimentado nauta do lago da Galiléia passou a mão pela face queimada de sol, onde a barba abundante pintalgava-se de fios de prata, inquirindo perplexo:

– Como, Mestre?

– Vai até aquele olival, toma uma oliveira e vem colocá-la na minha mão.

Repetiu Jesus, pacientemente, apresentando a palma estendida ao confuso seguidor.

– Senhor – contrapôs o futuro mártir – mesmo que eu tivesse a força necessária para arrancar uma delas, não caberia em tua mão!

– Já que te recusas a atender ao meu pedido, vou apanhá-la eu mesmo, replicou o Ungido, demandando em direção às árvores, que se espraiavam a uns cem metros de distância.

Algum tempo depois, retornou para junto do intrigado discípulo, trazendo algo na mão fechada, que logo abriu diante dos seus olhos expectantes.

– Mas é apenas uma oliva – exclamou o pescador, deixando transparecer na voz sua decepção.

– Enganas-te, Simão – respondeu o Mestre. Tenho aqui uma oliveira completa. Se quiseres comprovar, planta-a em lugar apropriado, cuidando dela com carinho. Rega-a, periodicamente pela manhã e ao entardecer. Aduba-a de quando em vez, limpando o terreno em volta, para que as ervas daninhas não lhe roubem o alimento ou

venham a sufocá-la. Protege-a, devotadamente, contra insetos e pragas que possam prejudicá-la. Isto fazendo, terás, em breve, uma grande e bela oliveira, que te proporcionará ótima colheita de frutos belos e opimos. Igualmente, meu irmão, na semente que estou a semear nos corações dos homens, o *Reino de Deus* já se encontra pré-formado, aguardando apenas as condições propícias para se desenvolver. Como um lavrador devotado, estarei cuidando de todas elas, com muito carinho. Vou adubá-las com os restos das ilusões mortas; regá-las com a linfa abençoada das lágrimas que brotam nos altiplanos das dores anônimas; e mantereí limpo o terreno dos corações, onde estão plantadas, com os instrumentos das provações e das lutas expiatórias, arrancando as pragas geradas pela irresponsabilidade e pelo cultivo do prazer fácil e degradante.

E com os olhos perdidos num amanhã que só ele podia vislumbrar, arrematou:

– E um dia, numa bendita colheita, estreitarei em meus braços, como frutos ansiosamente esperados, todos os espíritos da Terra, completamente redimidos de seus erros, para juntos participarmos do sublime banquete da Felicidade Imorredoura.

Depois, como quem acorda, relutante, de um sonho agradável, fixou os belos olhos castanhos no amigo que o fitava extasiado e feliz, dizendo, enquanto passava o braço por sobre os seus ombros largos:

– Hoje, porém, Simão, é tempo de semear, a sega virá depois. Importa agora trabalhar sem esmorecer, pois, do nosso esforço no presente, depende a colheita abundante do amanhã.

E, sob a luz cintilante das estrelas – que se derramavam como gemas preciosas sobre o veludo da noite – os dois voltaram para casa, mergulhados em profundas cogitações.

Transformação

*F*oi no dia primeiro de fevereiro de 2003. Convidado para fazer o encerramento da XX Semana Espírita do Centro Espírita Casa de Redenção Joanna de Ângelis, ali estava, junto com Adenáuer Novaes, sentado na primeira fileira de cadeiras do salão de reuniões. Cássia Aguiar, com alguns companheiros músicos que a acompanhavam, começou a cantar algumas canções, com sua voz harmônica. Era o início das festividades que marcariam o final da semana de palestras espíritas, comemorativa de mais um aniversário daquele Centro. Em dado momento, percebi um espírito junto a mim. Vestia-se como um romano, e disse que iríamos – ele e eu – iniciar a palestra com a história do seu encontro com Jesus.

Preparando-me, talvez, para o cometimento, pôs-se a projetar algumas cenas da Roma dos tempos iniciais do governo de Tibério César, e de Jerusalém da mesma época. Desta última, recordo que me mostrou os arredores da Cidade Santa, com seus dois vales, os extensos olivais e os vinhedos cultivados pelos lados do Cedron, nas encostas do Monte das Oliveiras. Via as estradas que começavam a partir dos seus portões, em diversas direções. Lembrome de atravessar a Porta dos Jardins, com suas árvores, flores e, naturalmente, soldados romanos.

Identifiquei o *Vale do Tiropeon*, ou *Cidade Baixa*, a *Cidade Alta* e o *Templo*, a *Torre de Herodes* e a *Fortaleza Antônio*,

além de outros pontos onde se desenrolaram muitos dos episódios dramáticos da história bíblica e evangélica.

As *visões* interromperam-se de chofre, quando fui convidado para fazer parte da mesa diretora do evento, pelo companheiro que fazia as vezes de *mestre de cerimônias*.

Ao me ser concedida a palavra, a influência da entidade se fez mais intensa, e me ouvi contando o que se passara poucos instantes antes. Depois continuei, repetindo o que me vinha à mente:

Há mais de dois mil anos, tive uma existência em Roma. Fazia parte da Gens Emilia, donde o meu nome Múcio Scévola Emiliano, sendo os prenomes uma homenagem ao famoso herói dos tempos iniciais da República que, preso por inimigos, ante a ameaça de tortura, pôs voluntariamente a mão sobre o braseiro em chamas até consumi-la, sem soltar um só gemido, impondo respeito a seus captores. Nasci no ano 719 da fundação de Roma⁷ quando se renovava o triunvirato de Marco Antônio, Lépido e Otávio, o futuro Augusto.

De acordo com a tradição, segui a carreira militar, sendo nela iniciado no ano 737⁸ quando o Imperador Augusto assumiu o consulado perpétuo. Participei de inúmeras batalhas, em diversos lugares do império. Mas, para o que vou narrar, interessa apenas que fui transferido para Jerusalém no transcurso do ano 783⁹, ali estava, servindo sob as ordens de Pôncio Pilatos, então Procurador de Tibério César, no governo da Província Imperial da Judéia e Samaria.

Eu permanecia aquartelado em Cesaréia Marítima, cidade portuária a noroeste da Samaria, construída de acordo com o estilo romano pelo Rei Herodes¹⁰, que lhe deu o nome em homenagem a Caio César Octávio, Augusto. O

⁷ Cerca de 38 a.C.

⁸ Cerca de 19 a.C.

⁹ Cerca de 29 d.C. Por essa época Jesus tinha em torno de 35 anos, pois a cronologia tradicional, sabe-se hoje, está errada.

¹⁰ O Grande. O título aplica-se muito bem à sua crueldade, mais do que a realizações político-administrativas.

Procurador ali residia a maior parte do tempo, porque detestava Jerusalém. Em verdade, detestava todo o povo judeu, descarregando neles, quando podia, a frustração de ter um cargo de somenos importância, pois a Palestina era uma das províncias de menor valor, e isto significa que era pobre em contribuições de impostos para o tesouro imperial. Afinal, Pilatos era apenas um membro da ordem eqüestre, a qual não gozava de prestígio significativo, no momento político, então vivido em Roma.

Nos tempos em que servi na região da Panônia, tive oportunidade de fazer amizade com vários judeus que, por um impulso de simpatia, evitei que fossem escravizados. Atraído por seus costumes e práticas religiosas – no princípio por mera curiosidade – terminei participando de seus rituais na sinagoga, como simpatizante. Por isso, pude aprender a língua em que suas escrituras eram vazadas, chegando a ler e escrever com relativa fluência, além de aprender o idioma comum, utilizado no cotidiano, principalmente, na Palestina. Por causa disso, fui requisitado pelo Legado da Síria, para auxiliar Pôncio Pilatos em serviços de inteligência, coletando informações a respeito de alguns problemas de segurança que poderiam se tornar graves. Queria o Procurador cortar qualquer possibilidade de insurreição pela raiz.

Ao me apresentar em Cesaréia, Pilatos explicou a natureza e objetivos do trabalho que deveria desenvolver: aparecera um galileu que muitos acreditavam ser o Ungido, que Moisés e os profetas da história judia haviam prometido o qual, acreditavam alguns, libertaria os judeus do jugo de outras nações, tornando-os um grande e eterno império. Seu nome era Yeshoua ben Iosseph,¹¹ e viera de uma obscura aldeia das montanhas ao sudoeste da Galiléia, perto do Lago.

¹¹ Jesus, filho de José. O nome Jesus é uma tradução grega do nome hebraico Yeshua.

Como ele, Pilatos, já enfrentara um levante dessa natureza, queria saber tudo sobre o tal galileu. Inclusive, se dizia que ser perito em artes de feitiçaria, fazendo curas espetaculares. Se fazia acompanhar por vários seguidores e residia numa cidade da orla do Lago de nome Kephar-Nahoum¹² (Cafarnaum).

Munido de tais informações, tratei de criar um disfarce de mercador judeu da Ásia Menor e, devidamente abastecido com mercadorias que haviam sido apreendidas por diversas razões, demandei a Galiléia, onde o tal Ungido parecia ter seu campo de atividades.

Instalei-me em Cafarnaum, discretamente, e comecei o trabalho de reunir e coletar informações. Havia muitos relatos de curas instantâneas e prodígios, tais como, andar sobre as águas e multiplicar alimentos. Mas, me concentrei na pessoa mesma de Jesus, que logo voltou à cidade. É claro que ele era para mim, de início, um charlatão perigoso, conforme as instruções que recebera. Mas as informações que recolhia sobre ele eram confusas, pois uns o acusavam de pernicioso e outros de um grande profeta. Os que o defendiam citavam, para confirmar a defesa, uma série de atos miraculosos, tão inverossímeis, que aumentaram minhas desconfianças.

Assim, cheio de preconceito, dirigi-me ao local em que Jesus se encontrava, segundo informe de meus auxiliares. Era uma das ruas do lado norte da cidade, que descia em direção ao lago, na terceira insula a contar da parte superior da ladeira, uma depois da Sinagoga. Não tive oportunidade de vê-lo direito, pois estava tomando um barco, com seus seguidores, para algum lugar às margens do lago, e a multidão compacta dificultava qualquer aproximação. Porém, mesmo à distância, sua figura era imponente, de altura maior que a média dos judeus da região.

¹² Aldeia de Naum.

Dois dias depois, pude vê-lo em atuação. Não tinha qualquer sintoma que denunciasse o fanático. Seus olhos castanhos eram calmos, sem o arregalo característico dos alucinados. O discurso desenvolvia-se em palavras calmas e sentenças objetivas. A dialética usada era a de quem explana, com o objetivo de se fazer entendido.

Não parecia um incendiário, a incentivar a desordem e o crime, mas um Mestre ensinando a viver em paz e harmonia. Falava de caridade, de amor, de compaixão. Sua voz distinguia-se pelo tom de autoridade, sem exageros. Toda a multidão que se postava num semi-círculo à sua frente, estava presa a cada palavra sua, numa espécie de fascinação. Eu mesmo terminei por esquecer de minha missão de espionagem, para ficar embevecido pela sua preleção.

Nunca escutara conceitos, a um só tempo simples e profundos. E já ouvira muitas pregações de rabinos, em diversas sinagogas na Germânia e na Ásia Menor. O conteúdo, portanto, não me era estranho. Todavia se me parecia novidade, por uma estranha razão, que na época não sabia definir. Não eram meras palavras a penetrarem pelos ouvidos, mas energias sutis que franqueavam o coração, despertando sentimentos desconhecidos, impossíveis de se crer existentes num soldado calejado pela crueza de inúmeras batalhas, onde o ódio e a raiva eram emoções permanentes e queridas.

Assustei-me, quando lágrimas começaram a rolar-me pela face, molhando a barba que deixara crescer, para maior credibilidade do meu disfarce. Ao findar a peroração, demandei à residência e, sem tomar qualquer alimento, deitei-me. A noite foi passada em funda meditação de tudo o que ouvira.

Nos dias que se seguiram acompanhei os deslocamentos de Jesus, por diversos lugares da Galiléia, sendo surpreendido por acontecimentos que nunca imaginara possível, a exemplo de curas instantâneas, cuja veracidade

tive oportunidade de investigar pessoalmente ou através de meus subordinados.

Após um mês, retornei a Cesaréia, e relatei a um incrédulo e espantado Pilatos, tudo o que tivera oportunidade de constatar. Concluía que Jesus de Nazaré não oferecia perigo ao domínio romano, ao contrário, ensinava o respeito à lei e à autoridade. Meu entusiasmo por ele era tão evidente, que o procurador passou a me olhar com suspeita e irritação. E, no momento, eu não me dei conta. Despedido por ele, com um gesto de enfado, recolhi-me aos aposentos na Torre Antônia, para me recuperar dos dias exaustivos que passara.

À noite, deitei-me com uma resolução na mente: deixar a vida de soldado, e me engajar como discípulo daquele homem. Por causa dos constantes deslocamentos, não sentira vontade de constituir família, estando com plena liberdade para fazer o que quisesse de minha vida. Já cumprira meu dever para com o Império, com dedicação e lealdade aos valores romanos. Sentia-me cansado da vida castrense, com suas rígidas obrigações, e da crueza de lutas sem fim, com seus horrores que, muitas vezes, povoavam meus sonhos em terríveis pesadelos. Esses sentimentos ficaram bem fortes, após ouvir Jesus. Sua mensagem me tocara a alma, fazendo-me descobrir o conceito de fraternidade universal. O que fazia de mim, um romano, superior aos outros? A força bruta? O Poder discricionário? O domínio? Mas isso tudo gerava sempre o ódio contido e o rancor surdo, nos povos dominados. E, além disso, o sofrimento dos que enfrentara, ferindo e matando, era do mesmo tipo dos meus, quando ferido, ou quando perdia amigos queridos, durante os combates. Tomando minha sensibilidade como padrão, concordava com Jesus, que ela não diferia da de qualquer outra pessoa, romana ou não. Isto levava à conclusão que não deveria fazer aos outros o que não gostaria que fizessem a mim.

Com tais pensamento, adormeci. Imediatamente, no que me parecia um sonho de extrema lucidez, vi-me à beira do Lago da Galiléia. A noite sem luar, refletia as luzes safirinas das estrelas esparramadas pela abóbada celeste, límpida de nuvens, como geralmente acontece na Palestina. Sentia a umidade que evolava das águas tranqüilas, e que a brisa noturna espalhava por toda parte, amenizando o calor intenso do dia que findara. Ouvia o marulhar das pequenas ondas que se quebravam na praia estreita, saturada de pedrinhas escuras, polidas pelo secular ir e vir das águas do lago.

– Ave Múcio, meu irmão!

Apesar da saudação inesperada, não me assustei, como seria de esperar. Ao contrário, me voltei com o coração cheio de alegria, pois sabia que era Jesus quem me saudava.

– Ave, Rabi! – Respondi espantado que ele soubesse meu nome, pois nunca nos havíamos falado durante o tempo em que o espionara.

– Não apenas sei o teu nome, como conheço o que tens feito e vivido até hoje.

Falou isto sem qualquer atitude pretenciosa, como um fato normal. E ante minha curiosidade, prosseguiu:

– A tua generosidade com meus irmãos de raça, livrando muitos deles de uma vida de sofrimentos e humilhações, fala a teu favor. Agiste fraternalmente e com nobreza. Por isso estamos aqui, num momento decisivo de tua jornada. Dentro em pouco tua existência será interrompida, e entrarás no Reino sob os auspícios das novas resoluções que te iluminam a alma.

Intrigado como deveria entender o significado daquelas palavras, ia indagar, quando senti um dor aguda e penetrante, no tórax. Sabia que era a dor causada por um gládio, pois a sentira, inúmeras vezes, em graus diversos de gravidade.

Uma força imensurável ameaçou me arrebatrar de volta ao leito e, durante uma fração de segundo eu me percebia

em dois lugares ao mesmo tempo: ali, em frente ao Mestre, e vendo meu corpo ensangüentado sobre o leito do dormitório na Torre Antônia. Uma força irresistível, e muito mais forte, me mantinha no lugar onde o sonho me levara. Sabia que partia de Jesus aquela força potente. Ele, estendendo a mão, direcionou-a ao meu peito, e a dor desapareceu, imediatamente. Ao mesmo tempo, um choque percorreu-me o ser. Em seguida intensa sensação de liberdade e euforia substituiu o mal-estar que sentira.

– Acabas de deixar a vida física, meu irmão. O infeliz Pilatos, desconfiado de ti, mandou um servo te assassinar, enquanto dormias. Como podes ver, a morte é uma ilusão, pois somente existe vida, que nunca se acaba. Esquece os despojos, e a existência que se extinguiu. Tens a mente iluminada por resoluções novas, que nortearão as próximas existências, que viveras. Vais, agora, te preparar para as novas jornadas, como legionário do Bem e do Amor. Que o Pai esteja sempre contigo!

Sentindo o rosto molhado por lágrimas de alegria, fui tomado por agradável sonolência, terminando por adormecer, levando na retina a imagem dAquele que é a expressão máxima de amor que veio à Terra, desde, que ela existe.

A Bondade de Jesus

A luz titubeante da alvorada, começava a dissolver a escuridão da madrugada, anunciando o nascer do sol para daí a instantes, quando Jesus e seus discípulos desceram a encosta do Monte das Oliveiras e, atravessando o Vale do Cedron, se dirigiram à Porta Dourada, entrando em Jerusalém.

A cidade despertava para as lides de um novo dia. No Vale do Tiropeon, ou dos Queijeiros, na maioria das *hanûyôt*¹³ acontecia o azáfama da arrumação de mercadorias, para atrair os compradores, alguns dos quais já começavam a tarefa de escolher o que mais lhes interessava. Em poucos momentos, quando o sol dominasse o firmamento, enchendo de luz a natureza, uma multidão estaria se acotovelando ali, transitando por entre as colunatas que balizavam a rua, criando uma corrente viva a circular por todos os recantos da *sûq há-‘elyon*¹⁴ e da *sûq há-tahtôn* (o bairro de Acra)¹⁵. Afinal, a cidade estava tomada por um número incalculável de pessoas, vindas de diversos países conhecidos, para a realização da Páscoa, e ninguém iria perder a oportunidade de realizar compras nos dois principais bazares (*sûq*) da cidade, localizados na cidade alta e na cidade baixa.

¹³ Lojas.

¹⁴ Cidade alta.

¹⁵ Cidade baixa.

Chegando ao templo, muitas pessoas ali já se encontravam. Algumas, reconhecendo Jesus, foram ao seu encontro, atraindo sobre ele as atenções, e assim se formou, logo, ao seu redor, uma pequena aglomeração. Alguém trouxe um banquinho, e o Mestre, assentando-se, começou a responder perguntas e a atender pedidos de curas, como fazia desde que chegara, naqueles dias que antecediam a *Pesah*¹⁶, a festa mais importante do calendário judaico.

Em determinado momento, todos foram surpreendido pela chegada de um grupo de pessoas, onde se podiam notar fariseus e doutores da lei, a arrastarem uma mulher ainda jovem que tentava esconder o rosto, como podia, chorando convulsivamente.

A pequena multidão que escutava Jesus abriu caminho, e o grupo, chegando à sua frente, empurrou a mulher para o meio do espaço que se formara. Um dos fariseus, cuja veste estava carregada de diversos filactérios, denunciando o ortodoxo inflexível, destacou-se do grupo e dirigiu-se a Jesus, com indisfarçável ironia:

*– Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. Ora, Moisés nos ordena, na Lei, que tais sejam apedrejadas. Tu, porém, o que dizes?*¹⁷.

Jesus correu os olhos pela multidão que o fitava expectante, avaliando cada um, principalmente os recém-chegados. Depois, sua visão se demorou um pouco sobre a pobre mulher, tão cruelmente exposta. Em seguida, tomou uma atitude inesperada: inclinando-se, começou a rabiscar o pavimento com o dedo indicador, como se escrevesse. O que interpelara o Mestre olhou para seus companheiros com ar de indisfarçável sorriso de triunfo, que eles corresponderam com sorrisos e acenos de cabeça. O que haviam concertado estava prestes a acontecer. É claro que não esperavam pelo que seria o melhor: que

¹⁶ Páscoa.

¹⁷ Jo 8, 4-5.

Jesus se opusesse à Lei; isto seria uma blasfêmia, e com o número de testemunhas ali reunido, a condenação à morte por lapidação, seria conseqüência natural.

Na verdade, o objetivo do grupo era atingir a opinião favorável que o Mestre tinha entre as mulheres, mostrando que ele era um Rabi como qualquer outro, sem diferença ideológica fundamental. Jesus se destacava por valorizar as mulheres, lhes dar atenção, valorizá-las.

Como é sabido, as mulheres sempre foram consideradas entre os judeus como seres de segunda classe, sem capacidade para gerir a própria vida, devendo estar subordinadas, sempre, a um homem. Afinal, a Sagrada Escritura ensina que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, enquanto a mulher, qual um *clone* alterado, foi moldada a partir de uma costela do homem, por isso, deve, sempre, estar subordinada a suas vontades e caprichos¹⁸. A Lei dava aos homens poderes extraordinários face à mulher, fosse ela mãe, filha ou esposa. Esta última, inclusive, poderia ser repudiada com a maior facilidade, bastando para tanto que o marido lhe escrevesse uma carta de divórcio. *Mutatis mutandis*, é o que acontece nos dias atuais nos países muçumanos.

Diferentemente dos demais Rabis, Jesus tinha várias mulheres na condição de discípulas, sendo que algumas o seguiam em suas peregrinação pelas diversas regiões da Palestina, cuidando da alimentação e demais tarefas de teor

¹⁸ Esta inferência aparece em diversos escritos judaicos, até em chistes e anedotas, como a que se segue:

Porque é mais fácil aplacar um homem do que a mulher? Porque o primeiro homem foi criado do barro, que é mole, ao passo que a primeira mulher foi tirada de um osso, duro e resistente (Nidá, 3l, in Scliar, Finzi e Toker, "Do Édem ao Divã: Humor Judaico", 6ª edição, Grupo editorial Shalom, sem data). Atitudes de desqualificação da mulher passaram do Judaísmo para o Cristianismo, e apareceram em diversas manifestações de humor, infelizmente, na sociedade Ocidental, onde ainda, em muitas circunstâncias, é tratada de forma desigual e inferior ao homem. No Oriente, principalmente nos países muçulmanos, a situação da mulher é humilhante e deprimente, uma simples escrava dos caprichos do homem.

doméstico, a que estavam acostumadas. Mulheres abastadas contribuíam para a bolsa do grupo, a qual fornecia o numerário para o sustento de todos, e também para ações de socorro aos necessitados. É o que informa os Evangelhos: *...andava Jesus de cidade em cidade, e de aldeia em aldeia, proclamando e anunciando o evangelho do reino de Deus; e iam com ele os doze, bem como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidade: Maria, chamada Madalena, da qual haviam sido expulsos sete espíritos maus*¹⁹. *Joana, mulher de Cusa, procurador de Herodes*²⁰, *Suzana e muitas outras que o serviam com os seus bens*²¹. Atente-se para a expressão “muitas outras”, para se ter em mente que o número de discípulas era expressivo, o que não deixava de causar espécie numa sociedade onde elas eram reprimidas de maneira brutal e inimaginável nas sociedades civilizadas dos tempos atuais, com exceção dos citados países mulçumanos, onde os animais são melhor tratados e considerados do que elas.

Ansioso por alcançar a vitória que parecia iminente, diante do silêncio do Mestre, que se prolongava, o inquisidor o instou a responder logo, no que foi acompanhado, em coro, por seus companheiros.

Jesus, então, erguendo-se, deu uma resposta que os apanhou de surpresa:

– *Aquele dentre vós, que esteja livre de erros, seja o primeiro que lhe atire uma pedra*²².

E, voltando à posição anterior, continuou a rabiscar o chão.

¹⁹ Que, indevidamente, foi rotulada como uma prostituta arrependida, numa calúnia histórica que até espíritos desencarnados sustentam, em contos. Felizmente está havendo uma retificação dessa qualificação inverídica, graças a pesquisas históricas de diversos estudiosos.

²⁰ Antipas.

²¹ Lc 8, 1-3.

²² Jo 8, 7.

Se um raio houvesse caído sobre a multidão não causaria tanto impacto quanto aquelas palavras. Todos se entreolhavam espantados. Depois, lentamente, as pessoas começaram a se afastar, até que restou apenas Jesus e a mulher, praticamente sozinhos, no pórtico, pois até os discípulos haviam se afastado para certa distância.

Então, erguendo-se, Jesus lhe disse:

– *Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?*

Disse ela:

– *Ninguém, Senhor.*

Disse, então, Jesus:

– *Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais*²³.

Quem poderia descrever o que se passou no íntimo daquela mulher? Uma coisa é certa, sentiu que a vida renascia para ela. Sem dúvida, ainda enfrentaria inúmeros problemas, e difíceis, na convivência social, mas teria coragem para superá-los e vencê-los.

O Mestre, com extrema sabedoria, soubera sair da situação em que fora colocado: não contestara a Lei, nem condenara a mulher. Na verdade concordou que a Lei deveria ser aplicada, pois nunca se colocara contra os princípios mosaicos. Além do mais, o adultério era a única condição em que, na sua visão, o repúdio poderia ser aplicado. Todavia, usando da prerrogativa dos Rabis, estipulara uma condição para que o ritual da lapidação se realizasse: que um dos acusadores, completamente puro, ou seja, que nunca houvesse cometido qualquer erro, atirasse a pedra que iniciava o suplício, conforme estabelecia a tradição. A um só tempo constrangera os acusadores e desqualificara a acusação. Haviam-na trazido até ali por um crime considerado “hediondo”: o adultério; mas Jesus o transformara em um deslize de comportamen-

²³ Jo 8, 10-11.

to como outro qualquer. Sim, pois não estipulara que o atirador da primeira pedra fosse alguém que nunca houvesse adulterado, mas que nunca houvesse cometido qualquer tipo de erro.

Depois, fez a mulher entender isso, ou seja, que sua falta era uma falta como as que são cometidas a qualquer hora, pelos seres humanos. Não tinha uma qualidade especial. Fez, assim, um notável trabalho de psicoterapia, diminuindo a dimensão do equívoco e, por conseguinte, possibilitando que a mulher tivesse um melhor relacionamento com sua culpa. Afinal, ninguém se sentira em condições de executar a sentença que lhe cabia.

Somente ele poderia ter atirado a primeira pedra, pois sua consciência não lhe fazia qualquer acusação, todavia, por isso mesmo, a bondade do seu coração puro impedia-o de ser cruel.

Finalmente, ao despedir a mulher, consolidou a terapia breve, instando para que ela não voltasse a cometer essa e outras faltas dizendo, nas entrelinhas, que ela fora libertada do equívoco cometido, e uma nova oportunidade lhe estava sendo concedida. Que soubesse usá-la!

Lição de Amor

Desde a chegada de Jesus a Cafarnaum, Eliúde Barjosiah lhe fora encarniçado opositor.

Dono de grande fortuna, sua posição político-religiosa era a do saduceu convicto e polemista. Quando lhe disseram que estava na cidade um Nazareno, pregando o advento de um *Reino de Deus* e realizando prodígios, como poderoso profeta, retrucou de imediato:

– Qual! Trata-se de mais um desses misticadores alucinados que estão proliferando como praga em nossos sofridos tempos. Igual a tantos outros, conseguirá envolver pessoas crédulas e de boa fé, terminando morto pelos soldados romanos ou apodrecendo numa cruz ao longo das estradas. E os infelizes que nele acreditarem sofrerão o mesmo destino, provocando dor e sofrimento a inúmeras famílias. Para evitar que infortúnios sem conta caíam sobre nós – prosseguiu exaltado – devemos tomar providências imediatas para coibir-lhe a atividade, enquanto é tempo.

Unindo a palavra à ação, resolveu ir ao encontro do tal profeta, imediatamente, para desmascará-lo, cortando o mal pela raiz.

Informando-se sobre onde vivia aquele homem, dirigiu-se para lá, acompanhado de alguns amigos que lhe aprovaram o tentâmen.

Foi encontrá-lo sentado num tosco banco de madeira, à sombra de velho sicômoro, em frente à casa de Simão Barjonas, o pescador. Grande multidão formava um semi-

círculo em torno dele escutando-lhe, embevecida, as palavras.

Eliúde e seus companheiros atravessaram a aglomeração, estampando nos rostos acintosa expressão de arrogância e nojo, enquanto as pessoas, humildes na maior parte, se afastavam respeitosa e, franqueando-lhes passagem.

Chegados junto ao Rabi, antes que pudessem dizer algo, uma mulher, cujos trajés denunciavam a situação de penúria, lançou-se-lhe aos pés, suplicando:

– Senhor! Cura o meu filhinho.

E lhe apresentava uma criança cujo corpinho estava coberto de chagas purulentas.

Os que se achavam próximos não conseguiram evitar um movimento de asco, ante a visão do pequeno enfermo, e do mau cheiro que exalava. Jesus, porém, com muito carinho, tomou nos braços o sofrido pequerrucho e, envolvendo a pobre mulher num intenso olhar de ternura, falou-lhe:

– Mulher, tua vida tem sido um desdobrar de imensas dores. O volume de lágrimas derramado por ti, na solidão de noites de angústia, só de meu Pai é conhecido. Elas representam a reavaliação de culpas acumuladas através dos tempos, na convivência com a insensatez e a irresponsabilidade. Chegou entretanto o teu ano Jubilar,²⁴ e a Misericórdia Divina te alcançou com o Seu perdão.

E, devolvendo o menino, afirmou:

– Vai em paz! Teus erros te são perdoados. Seja feito como pediste.

A criança que voltava aos braços da mãe já não era a mesma. Em lugar das chagas purulentas, apresentava um corpo são, e a pele aveludada, como se nunca houvesse sofrido a menor escoriação. A mãe, infeliz de momentos antes, se metamorfoseara em radiante expressão de felicidade e alegria. Chorando e rindo, a um só tempo, gritava louvores a Deus, bendizendo o nome do seu benfeitor.

²⁴ Ano que ocorria a cada 50 anos onde as terras deviam descansar, as dívidas serem per doadas e as terras alienadas voltar a seus antigos donos.

Serenado o tumulto, Jesus voltou-se para o estupefato Eliúde, dizendo-lhe:

– O que desejas, amigo?

Fazendo visível esforço para se recompor, o saduceu retrucou titubeante:

– Venho, em nome de pessoas respeitáveis de nossa cidade, saber com que autoridade fazes essas coisas.

– Com a que me foi outorgada por meu Pai, que está nos céus! Replicou o Mestre com segurança.

– Mas isto é uma blasfêmia! Gritou, indignado, o discípulo de Sadoc, enquanto seus acompanhantes ecoavam-lhe as palavras, com expressões indignadas.

Antes, porém, que Jesus pudesse apresentar qualquer réplica, um moço de aproximadamente vinte anos de idade deu um grito agudo, caindo ao chão, onde passou a se revolver por entre esgares e exclamações absurdas:

– Miserável! Nem mesmo o Ungido te salvará de minhas garras. Destruir-te-ei aos poucos, desmoralizando-te diante de todos. Farei com que a frustração, a carência e o desespero sejam teus companheiros inseparáveis...

Deixando Eliúde e seus amigos, Jesus acercou-se do rapaz, e ajoelhou-se ao seu lado, ajudando uma senhora, em cujas lágrimas adivinhava-se a genitora do pobre infeliz, a contê-lo.

Bastou que o Mestre colocasse a destra sobre a sua testa molhada de suor, para que o jovem se aquietasse de imediato, caindo em sono profundo. Em seguida, dirigindo-se à aflita matrona, o Rabi inquiriu com bondade e carinho:

– Desde quando isto lhe acontece?

– Há três anos, aproximadamente, respondeu a senhora, continuando: Ele é o meu primogênito, Senhor. Carinhoso, trabalhador e querido por aqueles que o conhecem. Contudo, sempre foi dado a momentos de profunda melancolia e a constantes pesadelos. Esses sempre foram iguais: um homem de aparência terrível, corpo disforme, como se tivesse sofrido cruéis torturas, perseguindo-o com ódio.

Nessas oportunidades acorda aos gritos, assustando a mim e aos que vivem conosco. Após completar dezoito anos, ao testemunhar a execução de um nosso conhecido pelos romanos, o espírito do mal se assenhoreou dele, buscando destruí-lo. Cura o meu filho, poderoso Rabi, cura-o...

Soluções angustiados não a deixaram continuar.

Compadecido, Jesus a puxou para si, aconchegando-a ao peito e, enquanto acariciava-lhe os cabelos marchetados de fios brancos, dirigiu-se ao moço em prostração, falando ao obsessivo:

– Espírito infeliz, o ódio é uma manifestação absurda no Universo criado e mantido pelo Amor do Pai. Teus sofrimentos não serão aliviados através de uma vingança mesquinha. Somente o perdão, sem reservas, nos torna dignos do nome de Filhos de Deus. Eu te concedo, neste instante, a oportunidade da libertação. Coloca-te a serviço do Bem, substituindo a violência pela afabilidade, a dissensão pela fraternidade. Agora, afasta-te desse moço, e segue o teu caminho em busca de paz.

Um forte tremor sacudiu o corpo do rapaz, após o qual, com ar estremunhado, perguntou, tentando levantar-se:

– Mãe, o que aconteceu?

Enquanto a pobre senhora o abraçava carinhosamente, o Mestre disse:

– Mulher, o Amor de Mãe é a bênção maior que Deus legou à humanidade! Vai em paz, teu filho está curado.

Reaproximando-se de Eliúde e seus companheiros, falou:

– Poderá um blasfemador curar enfermidades e expulsar espíritos perturbadores em nome de Deus?

Completamente transtornado, o saduceu redarguiu:

– Tuas magias, inspiradas nas artes de Belzebu, não me impressionam. E voltando-se para seus amigos: Vamos acabar com este charlatanismo barato. Arrastemos este blasfemo impostor para fora da cidade e o apedrejemos.

Mal acabara de falar e um coro de protestos indignados elevou-se da multidão. Um dos companheiros, seguindo-o pelo braço, sussurrou-lhe ao ouvido:

– Não seas louco! Esta gentalha está fascinada por ele e nos despedaçaria se tentássemos alguma coisa. É melhor deixar para outra oportunidade.

Verificando a precariedade de sua posição, Eliúde recuou do intento e, lívido de cólera, dirigiu-se ao Mestre:

– Ver-nos-emos em ocasião mais propícia.

Ao que Jesus retrucou com serenidade:

– Estás sendo profeta, Eliúde. Haveremos de nos encontrar, realmente, em melhor situação.

O grupo retirou-se, vomitando improperios e freminido de raiva impotente.

A partir de então, Eliúde desenvolveu uma campanha sistemática contra o Rabi Galileu. Escrevia longas cartas a correligionários em Jerusalém, alertando-os contra os perigos encerrados nas atitudes de Jesus. Promovia conciliábulos com as autoridades religiosas de Cafarnaum, arquitetando planos para interromper-lhe as atividades. Enviava mensageiros às cidades da Galiléia por onde o Mestre passava, chamando a denunciando a *atividade subversiva do impostor Nazareno, herdeiro de Belial, protegido de Belzebu...*

Muitos meses depois, estava Jesus com os discípulos, nas cercanias de Tiberíades. O sol mergulhava no horizonte, colorindo o firmamento de púrpura e ouro, quando o Mestre, chamando-os, disse:

– Partamos agora mesmo, pois precisamos estar em Cafarnaum ainda esta noite.

Rapidamente o barco de Simão Pedro foi aprestado e, havendo todos embarcado, partiram imediatamente.

Era noite plena quando chegaram a Cafarnaum. Jesus, deixando os outros companheiros cuidarem do barco, convidou Pedro, Tiago e João a acompanhá-lo, dirigindo-se à parte da cidade onde moravam as pessoas abastadas.

Os três apóstolos ficaram admirados ao verem o Mestre entrar, resoluto, pela casa de Eliúde. A porta se encontrava aberta, apesar do inusitado da hora.

Conquanto a estranheza que a atitude do Senhor causava, os três o foram seguindo pelo interior da residência do Saduceu, até que o encontraram a andar nervosamente de um lado para o outro, num dos seus cômodos. Estava tão absorto que, só após algum tempo, se apercebeu da presença dos quatro personagens.

– Que fazes aqui?! – Exclamou.

Reconhecendo Jesus, dirigiu-se-lhe numa voz onde existia o travo da amargura:

– Vens por acaso rejubilar-te como meu infortúnio? Tripudiar sobre a minha dor, numa vingança mesquinha e indigna?

– Eliúde! – Respondeu o Rabi – Afasta o julgamento insensato da mente, pois seremos medidos com a mesma medida que utilizamos para os outros. Além do mais, em meu coração não existe lugar para sentimentos dessa estirpe. Venho sim, estender-te mão amiga no momento de tua provação.

Soluçando convulsivamente, braços pendidos ao longo do corpo e a cabeça grisalha caída sobre o peito, o velho saduceu falou:

– Apesar do quanto te tenho combatido, ofereces-me tua amizade, neste momento de infortúnio? Há uma semana, quando os médicos diagnosticaram que a minha querida Rebeca estava leprosa, imediatamente os amigos se afastaram de nós com expressões de horror. Até Eliazar, o filho idolatrado, fugiu de casa, entrando com um processo em juízo, para se apropriar de nossos bens que, na verdade, foram acumulados para ele mesmo...

E para completar minha desventura, recebi, hoje à tarde, intimação das autoridades para transferir, sem mais delongas, minha querida esposa para o vale dos réprobos, em Jerusalém. Como, porém, os nossos servos fugiram,

acompanhando o filho ingrato, não tenho como atendê-la. A morte me parece o único caminho para nós dois...

– Eliúde! Eliúde! Onde está tua fé em nosso Pai Celeste? – Exclamou Jesus, enquanto abraçava o infeliz. Ele não nos abandona nunca. É pela Sua Misericórdia que estou aqui, para que a Alegria e a Paz voltem ao teu lar, e possais se tornar partícipes do Reino de Deus, tu e tua mulher.

Enquanto falava, o Mestre passou o braço sobre os ombros do pobre homem, entrando com ele na alcova, onde Rebeca soluçava, tristemente, com o rosto nos travesseiros.

Sentando-se ao lado da infeliz senhora, afagou-lhe os cabelos brancos, dizendo-lhe:

– Filha! O desespero é fonte de muitas infelicidades. Acalma o coração e crê em Deus, para o qual nada é impossível.

– A pobre mulher, fitando Jesus com os olhos congestionados de chorar, perguntou-lhe:

– És tu o Nazareno de quem tanto se fala?

Ante o gesto afirmativo de Jesus, prosseguiu, com o rosto iluminado de súbita esperança:

– Muito tenho ouvido falar de ti. Soube que arrancaste a filha de Jairo das garras da Morte, e devolveste a Ezequiel, o comerciante de jóias, a visão que ladrões lhe haviam tirado. Apesar de tudo o que têm dito contra ti, sei que não poderias fazer o que tens feito se Deus não estivesse contigo. Cura-me, Senhor!

O rosto do Rabi iluminou-se com um sorriso de ternura, enquanto dizia:

– Seja feito conforme desejas.

No mesmo instante, as marcas da lepra, que se faziam visíveis nos braços e no pescoço, desapareceram, como por encanto.

Após a natural explosão de júbilo dos esposos, a se traduzir em agradecimentos gritados por entre lágrimas de contentamento, o Mestre conversou com eles sobre as

alegrias da Boa Nova, até que o sol apontou no horizonte, anunciando as bênçãos de um novo dia.

Cumprido o ritual de purificação dos leprosos que ficam curados, de acordo com o estabelecido na Lei.²⁵, Eliúde entregou ao filho sua parte na herança, sem qualquer discussão, e transformou o sítio onde morava num albergue para doentes pobres. Jesus, sempre que voltava à cidade, costumava passar ali boa parte do seu tempo, ajudando os filhos do infortúnio que haviam ganho, nas pessoas de Eliúde e Rebeca, dois abençoados protetores.

O tempo distendeu as asas sobre esses acontecimentos. Jesus foi preso e executado, em Jerusalém, pelo crime imperdoável de ser bom. O evento trágico repercutiu sobre os seguidores do Mestre em todas as regiões da Palestina, principalmente na Galiléia, onde era maior o número de discípulos. Os adversários do movimento reformador aproveitaram a oportunidade para ridicularizar e oprimir seus adeptos.

Eliúde e Rebeca choraram dolorosas lágrimas de saudade, as quais foram estancadas pelo próprio Mestre, ao se apresentar, ressurrecto, no abençoado albergue dos desvalidos, que era o lar deles.

Numa soberba exibição de imortalidade da alma, Jesus conviveu com os ali acolhidos, durante algum tempo, distribuindo alegria, consolo e esperança. Comeu, bebeu, brincou, sorriu, concretizando diante de todos a verdade de sua afirmação: *Deus não é Deus de mortos, mas sim de vivos!*²⁶.

Passados aqueles dias de felicidade, quando o Céu desceu à Terra num imenso festival de espiritualidade, vieram os tempos dos testemunhos, como o próprio Cristo previra: *Sereis traídos até por vosso pai e vossa mãe, irmãos, parentes, amigos e farão morrer pessoas do vosso meio e sereis odiados por causa do meu nome* ²⁷.

²⁵ Lv 14, 1-57.

²⁶ Mt. 22, 3 2.

²⁷ Lc 21, 16-17.

Em Jerusalém estalou a perseguição, liderada pelo jovem Saulo de Tarso, que fez do destemido judeu-grego Estevão, sua primeira vítima. Em meio à repressão, os principais dos saduceus lembraram de Eliúde, e de sua conversão, a qual causara enorme rebuliço, tanto pelo nome respeitado que possuía no partido, quanto pela oposição sistemática que desenvolvera, antes, contra o Nazareno. Um grupo de soldados do templo, comandados por Naasom, velho conhecido de Eliúde e saduceu intransigente, foi enviado a Cafarnaum para conseguir, dele, uma retratação. Ela seria usada para desmoralizar os partidários do Mestre, na Galiléia, enfraquecendo o movimento.

A tropa chegou à cidade em torno do meio-dia. Naasom contactou os correligionários locais que relataram, com indignação, as atitudes do antigo confrade. Resolveu, então, o emissário do Sinédrio, ir à residência de Eliúde, acompanhado de uma comissão formada por representantes das diversas correntes do Judaísmo, que ali moravam, com o objetivo de fazê-lo renegar a relação com o Nazareno, a qualquer custo.

Chegados ao portão da herdade, Naasom exigiu a presença do antigo companheiro, do lado de fora, com arrogância.

Sentindo a gravidade da hora, o antigo saduceu, segurando a mão de Rebeca, apresentou-se diante do grupo, que o fitava com olhares rancorosos. Reconhecendo o dirigente da turba, endereçou-lhe um sorriso de simpatia, saudando:

– Que a Paz esteja contigo, amigo Naasom!

– A Paz sempre está com os que permanecem fiéis à Lei! Não considero amigo quem trai nossas crenças e tradições, para seguir charlatães e embusteiros. Retrucou o orgulhoso discípulo de Sadoc, grosseiramente. E, sem dar tempo a qualquer resposta, prosseguiu:

– A generosidade dos que dirigem nosso movimento, com a qual não compartilho, manda te oferecer o posto

de representante vitalício, no Sinédrio, com todas as honorarias devidas à posição se, em troca, renegares os ensinamentos do impostor galileu, que se autodenominava o *Ungido*, auxiliando na desarticulação da súcia alucinada dos seus sequazes. O que respondes a isso?

Esboçando um sorriso triste, o ancião disse:

– Vendo tua presunção e empáfia, e a baixeza dos que te enviaram, percebo o quão ridículo fui, noutros tempos, quando combati o *Cordeiro de Deus*. Nem na época de minha mais ativa militância em tuas hostes, postulei qualquer cargo no Sinédrio, por sabê-lo velhacouto de desonestos traficantes das coisas santas. A proposta abjeta que trouxeste, só merece meu desprezo e uma profunda piedade por ti e pelos que representas. Que o Mestre Jesus tenha compaixão de vós, e faça com que sejais transformados para o bem, como eu o fui.

Um rugido de cólera e de indignação estrugiu da boca de Naasom e dos que o acompanhavam.

– Vai encontrar-te então com o teu Mestre, no Vale da Sombra e da Morte.

Com tal exclamação de ódio, lançou sua montaria sobre os dois indefesos anciãos, pisoteando-os selvagememente, até vê-los reduzidos a informe massa sangrenta, ante o aplauso e incentivo de seus comparsas.

Quando a turba se afastou, entre doestos e impropérios, os infelizes protegidos do velho casal, que haviam assistido a cena cruel, transidos de dor, aproximaram-se, entre lágrimas e soluços, para recolher os despojos ensanguentados dos queridos benfeitores, a fim de lhes dar sepultura condigna. Ao carregarem Eliúde, verificaram que ainda vivia, e puderam recolher-lhe as últimas palavras, ditas num sussurro quase imperceptível:

– Jesus, perdoa-lhes. Eles não sabem o que fazem!

Regeneração

Saindo de Cesaréia de Filipe, um destacamento romano de cinco cavalarianos, comandados por um centurião, cavalgava a toda brida pelo antigo *Caminho do Norte*, com destino a Jerusalém.

Chegando a Cafarnaum ao cair da tarde, pararam a fim de entregar correspondências. ao comandante da guarnição local e pernoitar, pois as estradas da Palestina não eram seguras à noite, principalmente para soldados romanos viajando em pequeno número.

No dia seguinte, aos primeiros clarões da alvorada, retomaram a cavalgada, com ímpeto singular.

Caio Flávio Marcelo, o oficial no comando do grupo, demonstrava a tensão de que estava possuído num galopar desenfreado que os soldados, com muito esforço, conseguiam acompanhar. Os lábios crispados e os traços duros do rosto refletiam os pensamentos que fervilhavam-lhe no cérebro. Em sua tela mental desenhava-se a figura de bela mulher com os traços típicos de uma israelita: cabelos negros, longos e sedosos, olhos da mesma cor, tez alvinhenta e suave, como pétalas de lírio.

A evocação lhe despertava ódio profundo, atingindo as raias da irracionalidade.

Estimulada pelo rancor, a mente recordava, em doentio monoideísmo, a razão de tais emoções:

Há cinco anos, recém-chegado da Germânia, onde servira como centurião, conhecera Suzana, filha única de Matan de Gérasa, conselheiro especial de Herodes Antipas. Sentira-se logo atraído por sua beleza e juventude, verificando, prazerosamente, que era correspondido.

Em breve, a jovem lhe dominava a mente, escravizando-lhe pensamentos e emoções.

Para ela, contudo, ele representava apenas oportunidade de prazeres novos, pois, ambiciosa e calculista, acertava, com o auxílio do seu pai, casamento de conveniência com rico e velho aristocrata. A avançada idade deste lhe permitiria, conforme planejava, se apossar de vasto patrimônio em pouco tempo, libertando-se definitivamente da tutela paterna, para se entregar ao culto da luxúria e do prazer, sem peias que a contivessem.

Concertado o matrimônio, descartara o romano, humilhando-o e ridicularizando-o, frente a inúmeras pessoas, seus companheiros de esbórnia. Para culminar, conseguira que ele fosse transferido da capital da Judéia para um posto avançado da região de Palmira, em pleno deserto da Síria.

Partira, ruminando idéias de vingança, que se tornaram uma obsessão durante os três anos em que, sob um sol causticante, vigiara o caminho das caravanas que passavam pelo importante oásis. Durante esse tempo, movimentara os parentes e amigos influentes em Roma, através de cartas, para conseguir o retomo à Palestina, onde poderia dar curso ao anseio de desforra.

Finalmente conseguira, há pouco mais de um ano, transferência para Cesaréia de Filipe, a antiga Pânias. Logo procurara informações sobre o paradeiro da mulher de seus ódios, sem lograr encontrá-la. Soubera que, pouco depois do casamento, morreria-lhe o pai e, após, o marido, em circunstâncias suspeitas. Existia a crença generalizada de que fora envenenado por ela, para se apossar dos seus haveres que, juntamente com a herança paterna, a faria

imensamente rica²⁸. Durante algum tempo, levava uma vida de dissipações em Jerusalém, levantando contra si a opinião de sua, hipocritamente puritana, sociedade. Por causa das pressões, se transferira para uma de suas propriedades na Galiléia. Segundo alguns, ela fora expulsa da corte por ordem direta de Herodes Antipas, que não tomara providências mais rigorosas em deferência à memória do pai dela, por quem tivera elevado apreço.

Em seu novo lugar de morada, dizia-se, acontecera um fato inesperado: após se tornar discípula de um galileu que iniciara uma nova seita, enlouquecera, havendo distribuído sua fortuna aos pobres, desaparecendo sem deixar maiores vestígios.

Sua frustração fora imensa, pois não conseguia esquecer o desejo de vingança. Mas, continuara procurando-a, através de emissários que percorriam a Galiléia, colhendo informações sobre o paradeiro dela.

Há um mês soubera que fora vista nos arredores de Magdala, na região de Dalmanuta, cuidando de crianças órfãs e pregando a vinda de um *Reino de Deus*. Problemas nas fronteiras com os Partas impediram-no de procurá-la imediatamente, como desejava. Agora, porém, surgira a ocasião, com a necessidade de ser levada uma mensagem urgente ao Procurador Pôncio Pilatos.

Enquanto atravessava velozmente Magdala, pondo em risco a vida de homens e animais, prelibava a vingança em detalhes de sadismo e crueldade. Logo após a cidade, dobraram à esquerda em direção à orla do lago de Genesaré, onde se localizava o sítio em que residiam Suzana e as crianças.

Entrando violentamente pelo portão da herdade, Flávio e seus soldados vararam o acesso até a entrada da casa, numa imprudência criminosa, pondo em risco a vida dos

²⁸ Apesar de, no judaísmo, a lei não estabelecer que as mulheres herdavam, nos tempos do Cristo, pela influência da Grécia e de Roma, nas classes privilegiadas eram comuns contratos de casamento, que estabeleciam ficassem os bens do marido para a mulher, em caso de morte daquele.

pequeninos, que trabalhavam, ou se divertiam, nos graciosamente simples jardins, à margem do caminho que conduzia à casa, arrancando-lhes gritos de susto. Antes que o cavalo parasse inteiramente, o moço romano, num salto que demonstrava toda sua destreza, desmontou e, no impulso da inércia, atravessou correndo a porta de entrada da residência, estacando no átrio em frente à jovem judia que, assustada com a algazarra das crianças, acorria para saber o que estava acontecendo.

O súbito aparecimento do romano fê-la parar, apreensiva, pois adivinhava os motivos que o levavam até ali, e exclamar:

– Marcelo!

– Surpresa, querida Suzana? Retrucou com ironia. Fora melhor me haver assassinado, como fizeste com teu marido, pois os mortos não retornam para se vingar, a não ser nas tragédias gregas.

Uma gargalhada se seguiu à afirmação, enquanto a moça, ferida pelo cruel apontamento, se punha a chorar.

Ao seu redor, abraçadas umas às outras, as crianças choravam de medo.

Dirigindo-se aos petizes apavorados, o oficial prosseguiu impiedoso:

– Sabem que a protetora de vocês é uma criminoso sem entranhas? Uma prostituta ambiciosa que se vende por um punhado de moedas?

– Elas sabem de tudo a meu respeito – replicou a jovem, recobrando o ânimo – e são testemunhas diárias dos esforços que faço para me redimir dos erros cometidos.

– Quer dizer que Clitemnestra²⁹, arrependida, busca se redimir da morte de Agamenon? – Exclamou o romano, irônico.

²⁹ Clitemnestra, filha de Tíndaro e Leda, esposa de Agamenon, rei de Micenas e Argos. Assassinou – juntamente com seu amante Egisto – o esposo que regressava de Tróia, pelo fato dele haver sacrificado a filha de ambos, Ifigênia, aos deuses.

Ignorando a observação, Suzana continuou:

– Jesus de Nazaré, o Messias, ensinou-me que o *Amor cobre a multidão de pecados*³⁰, e, dedicando-me aos filhos do infortúnio, busco reparar meus desvios morais. O Mestre também me ensinou ser preciso fazer as pazes com os adversários, enquanto estamos a caminho com eles, assim, quero aproveitar esta oportunidade...

Pondo-se de joelhos, concluiu entre soluços:

– Sei que te magoei muito com minha irresponsabilidade, suplico-te, contudo, que me perdoes, por misericórdia.

Ante o gesto inesperado de humildade, o moço romano ficou estupefato por alguns momentos para, repentinamente, reagir com violenta bofetada que a lançou por terra, sangrando, com os lábios partidos. Em seguida, completamente desvairado, gritando impróprios e obscenidades, ordenou aos soldados que a violentassem ali mesmo, diante das crianças aterrorizadas, e depois a matassem com estocadas no baixo ventre.

Os soldados prepararam-se para cumprir a ordem cruel com a sádica alegria dos pervertidos, rasgando a roupa da infeliz mulher que, inutilmente, tentava resistir, enquanto clamava por compaixão.

Todavia, antes que consumassem a perfídia, souo no recinto uma voz:

– Basta!

A energia do comando fez com que os soldados largassem sua vítima, e se voltassem para ver quem falava.

No meio da sala, estava posicionado um homem alto, de compleição harmoniosa, cabelos castanhos, barba da mesma cor, olhos lúcidos, e tez amorenada por constante exposição ao sol. Irradiava tal autoridade que os romanos permaneceram estáticos algum tempo, enquanto as crianças e Suzana gritavam em uníssono:

³⁰ Ágrafo citado por Clemente de Alexandria no Stromata. Ágrafo significa não escrito, e é o nome técnico de ditos atribuídos a Jesus, não encontrados nos quatro Evangelhos.

– Rabi!

Jesus aproximou-se da jovem hebréia e, retirando a capa, a envolveu, vestindo-lhe a nudez que ela, envergonhada e confusa, tentava inutilmente cobrir com pedaços das vestes rotas. Ajudando-a a levantar-se, manteve-a carinhosamente aconchegada ao peito, enquanto alisava-lhe os cabelos com ternura.

Vencendo com esforço o estupor que o possuíra, o centurião exclamou:

– Com que autoridade interferes nos assuntos de um oficial de Roma?

– Com a autoridade moral dos que cumprem a vontade de Deus, sobre os representantes da iniquidade – respondeu o Mestre, fixando-o nos olhos.

Desembainhando o gládio, no que foi seguido pelos legionários, o moço inquiriu com ar irônico:

– Como pretendes nos impedir?

– Pelo poder da virtude, que ainda ignoras – retrucou o Rabi Galileu, sereno, prosseguindo firme. Ordeno-te, e a teus companheiros, que embainhes a espada e te retires deste lugar consagrado à Misericórdia do Pai.

Subjugados por uma força transcendente, Flávio e os soldados viram, estupefatos, suas próprias mãos colocarem as armas nas bainhas, enquanto eram impelidos, contra a vontade, em direção à saída.

– Não descansarei até te encontrar novamente, e então veremos quem dirá a última palavra – ousou blasonar o romano, ante o absurdo de sua situação.

No belo rosto do Cristo pousou um sorriso pleno de significado, quando ele respondeu a ameaça do impotente representante de César:

– Como disseste, assim será!

Ao tempo em que os militares, montando seus cavalos, desapareciam na estrada, o Messias, rodeado pelas crianças que extravasavam sua alegria, acariciava a face de Suzana e, enquanto lhe enxugava as lágrimas, fazia

desaparecer, instantaneamente as marcas das agressões de que fora vítima.

Enquanto no Lar de Amor que a ex-sibarita construía como manifestação viva de sua *metanóia*,³¹ Jesus sorria com a peraltice dos pequerruchos – brincando com elas como *primus inter pares* – Flávio Marcelo cavalgava alucinadamente rumo a Jerusalém. Em seu íntimo digladiavam-se dois sentimentos antagônicos: uma grande admiração pelo homem que o enfrentara e vencera, sem dúvida utilizando artes mágicas, pensava, e a frustração de não haver conseguido realizar a tão almejada vingança. Haveria, não obstante, uma outra vez, e aquele mágico conheceria a fúria de sua desforra. Chegando ao Quartel General, mobilizaria uma força mais numerosa, caçando-o por toda Palestina e, quando o prendesse, fá-lo-ia torturar, impiedosamente, para que servisse de escarmento aos que tivessem veleidades de enfrentar a força e o poder de Roma.

No início da tarde entraram em Jerusalém pela porta de Damasco, rumando velozmente para a Torre Antônia, quartel da guarnição.

Após entregar as correspondências de que era portador ao comandante local, Flávio informou-o que havia encontrado um perigoso indivíduo na Galiléia o qual, se não fosse neutralizado imediatamente, poderia criar problemas à dominação romana.

– Então, outro galileu a causar transtorno – comentou o chefe da guarnição. Pilatos não vai gostar nada disso.

Prosseguindo, inquiriu:

– Diga-me, centurião, como se chama esse subversivo?

– Jesus de Nazaré.

³¹ Metanóia, palavra grega formada por Metà = além de, em meio de, com, depois de e Noéu = mente, pensar, inteligência. É geralmente traduzido dos evangelhos por arrependimento. Entretanto, as versões que melhor exprimem o seu significado são: “transformação da mente”, “mudança da visão de mundo” (Weltanschauung), “mudança de sentimento”.

O susto do comandante foi tão grande que o fez se levantar num ímpeto, atirando a cadeira para trás com violência.

– O que foi que disseste?

– Jesus de Nazaré – repetiu o militar, desconcertado com a reação do superior.

– E pode-se saber onde o encontraste? Reinquiriu o chefe rispidamente, com um olhar carregado de desconfiança.

– Em Dalmanuta, nas vizinhanças de Magdala – informou Marcelo, perplexo com a atitude hostil do General.

– Descreve o homem que alegas ter visto.

O soldado atendeu à ordem, completamente aturdido com a situação que se formara, intrigando-o o termo *alegar*, que o seu superior acentuara ostensivamente. Terminada a descrição, o comandante reagiu num tom onde transparecia a raiva contida:

– Não atino, no momento, com o propósito desta tua história, mas logo o descobrirei e haverás de te arrepender por pretender atrair sobre nós o ridículo e a zombaria. Não é possível aceitar o conluio de um oficial romano, com os comparsas do falso Messias, nessa invencionice a respeito da ressurreição dele.

Atarantado, Flávio Marcelo perguntou:

– Com vossa permissão, senhor, que ressurreição? Sobre o que o senhor está falando?

O comandante fitou-o por algum tempo, como se quisesse ler no seu íntimo, respondendo em seguida:

– Vou admitir, por enquanto, que nada sabes, não passando tudo de um terrível mal-entendido.

Após breve pausa, para alinhar as idéias, prosseguiu:

– Este homem que acabas de descrever, e dizer ter visto esta manhã em Dalmanuta, foi crucificado há mais de dez dias, aqui mesmo em Jerusalém, pelos meus soldados. Eu mesmo me certifiquei de que estava morto, antes de permitir que o descessem do madeiro, mandando

perfurar, com uma lança, o seu tórax. Não posso permitir, pois, que saias por aí espalhando boatos que ponham em perigo minha autoridade e a integridade das tropas sob minha direção. Considera-te preso, não te sendo permitido comunicação com qualquer pessoa, enquanto perdurar o inquérito que mandarei levar a efeito, imediatamente, sobre esse fato. Os soldados que vieram contigo, também serão detidos e interrogados.

Se um raio o houvesse atingido, não seria maior a perplexidade do moço romano. Deixou-se levar para a prisão como um autômato, sem esboçar qualquer reação. Enquanto isso, o general dava início às averiguações, inquirindo separadamente os soldados que vieram com ele, os quais confirmaram-lhe a história, sem qualquer contradição. Passado um mês de investigações, as quais lhe provaram a lealdade, o militar foi solto, sob ordens severas de não voltar a falar no assunto com quem quer que fosse.

Enquanto estava preso, Flávio Marcelo nunca se preocupou com seu destino. Sua mente girava sempre em torno do que acontecera em casa de Suzana e do que lhe dissera seu superior, a respeito da morte do homem com quem falara. Como poderia ter dialogado com um morto? A situação era de total absurdo. Conhecia inúmeros casos sobre aparição de sombras retomadas do hades, mas nunca lhes dera crédito. Depois, em sua atividade guerreira matara um sem número de inimigos e vira morrer uma grande quantidade de amigos e companheiros, contudo nunca surpreendera suas almas saindo através das feridas dos corpos mutilados. Não possuía, portanto, elementos para acreditar na imortalidade pessoal. Os próprios deuses não lhe significavam nada, a não ser como um meio eficaz de, em determinados momentos, mover o ânimo de seus subordinados, quase sempre supersticiosos e ignorantes.

Começara, também, a experimentar singulares pesadelos. Neles revivia cenas de sua vida guerreira: massacres de populações e aldeias, morte de crianças e velhos, mulhe-

res violentadas, homens torturados, que lhe apareciam portando as marcas das brutalidades sofridas, e clamando por vingança. Nessas ocasiões, acordava apavorado e encharcado de suor.

Retomando as atividades normais, esforçou-se para sair daquela situação doentia, entregando-se a noitadas de dissipações, bebendo até a completa aniquilação dos sentidos. Durou quase um ano esse esforço desesperado de subjugar a consciência, através do prazer sem medidas. Tudo inútil, todavia. Por mais que se embriagasse, os pesadelos aconteciam, inexoravelmente.

A situação começou a se refletir no seu comportamento, que se tornou cada dia mais agressivo e irritadiço, criando problemas de relacionamento com subordinados e colegas. Sentindo que aquilo não podia continuar, procurou o médico da legião, relatando-lhe os problemas. O esculápio diagnosticou um estado de aguda exaustão, devido a longo período de atividades, recomendando uma licença e mudança de ares, para efetiva recuperação. O comando da legião, ao ser notificado, concedeu o afastamento temporário, além de conseguir sua transferência para a guarda pretoriana em Roma, a qual se tornou possível por haver seu pai servido e morrido como herói, sob as ordens de Druso, o amado irmão de Tibério, durante as brilhantes campanhas daquele general na Germânia.

Como possuísse grande propriedade na capital do império, herança de seu pai, e uma expressiva fortuna acumulada graças aos saques e participação nos despojos de guerra, não lhe foi difícil estabelecer-se na Cidade Eterna. Parentes e amigos o introduziram na vida social da grande metrópole, principalmente nos círculos da corte. Mas, seus problemas psíquicos, agravados por pertinaz obsessão, pioraram, levando-o a desenvolver uma grave depressão.

Penalizado do seu estado, um escravo levou-o para consultar um conhecido mago que morava nas encostas

do Esquilino. Flávio sentiu asco ao entrar no tugúrio onde morava Ra-Seneb, o egípcio praticante das artes mágicas tradicionais de sua pátria, dentre elas a evocação dos mortos.

Plantas e animais ressecados empestavam o ambiente com desagradável odor, que o perfume de incenso, a evolar, continuamente, de um pequeno recipiente de barro, não conseguia superar.

Após breve apresentação, Ra-Seneb fez o patrício sentar-se à sua frente, sobre um banco tosco, junto a uma mesa rústica, que continha uma pequena bacia de bronze com água. Depois de alguns momentos de profunda reflexão, fitando a água, o egípcio falou:

– Vejo uma casa ampla... muitas árvores... animais domésticos... um pequeno riacho, descendo de um morro não muito elevado... não é um lugar em Roma... é mais para o sul... perto do mar...

– Agora estou vendo uma mulher... uma mulher jovem e muito bonita... uma escrava ajeita-lhe os cabelos negros, enquanto uma criança brinca ao seu lado, no chão... espere ... dizem-me que a criança é o nobre patrício... a mulher... sua mãe ...

– Neste momento apresenta-se um homem ... militar importante... vejo muitas batalhas... sangue e miséria... é seu pai... sim, o bravo militar é pai do distinto consulente...

Durante algum tempo, o vidente lhe descreveu a infância e a mocidade; as primeiras glórias, a morte de seu pai em batalha; a morte da mãe, que não pudera resistir à ausência do esposo. Em seguida, descreveu Suzana e sua paixão por ela; a humilhação que sofrera; seu ódio e desejo de vingança.

O moço estava admirado de ver aquele desconhecido descrever seu passado, com detalhes, sem nunca havê-lo visto antes.

– Chegou o dia da esperada desforra... a mulher, contudo, é protegida dos deuses... um ser de luz intervém,

livrando-a de suas mãos... você ousa ameaçar o Emissário dos Céus...

Nesse momento, o psíquico sofreu inesperada transformação. Seu porte magro e pequeno, e seu rosto de duende, mudaram como por encanto. Na semi-obscuridade da mansarda o centurião viu, aterrado, surgir à sua frente a figura de um guerreiro germano, com os cabelos louros caindo em duas grandes tranças sobre os ombros e os olhos azuis faiscando de ódio. Perplexo e assustado, o militar romano exclamou:

– Sigmar, o Novo!

– Eu mesmo, centurião – respondeu o espírito materializado.

Olhos esbugalhados, respiração ofegante, o moço aduziu:

– Mas você está morto – acrescentando com voz rouca de emoção – eu o vi queimar-se até as cinzas.

– O pavor estampado no teu rosto é alegria para os meus olhos. E o medo que ressoa nas tuas palavras é mais agradável que o canto das Valquírias. Wotan preservou-me para a vingança. Infelizmente, forças, cuja origem desconheço, me impedem de realizá-la agora mesmo. Não obstante, a lenta agonia a que te submetemos, eu e Isnelda, é mais agradável. Levar-te-emos à loucura e à morte quando, então, te receberemos aqui no Niflheim ³², para continuarmos a saciar nossa sede de vingança, com tormentos inimagináveis, só aqui possíveis. Eu e minha mulher renunciamos às delícias do Walhall ³³ apesar dos inúmeros apelos dos nossos ancestrais, para estarmos junto a ti, devolvendo-te cada um dos sofrimentos que nos impuseste. Vejo sempre, cão romano, o dia fatídico em seus mínimos detalhes. Na verdade, revivo integral-

³² Niflheim, país dos mortos, onde reinaria Hel, a deusa dos mortos, filha de Lóqui.

³³ Walhall, local para onde iriam os mais valentes guerreiros, mortos em combate. Nele reinava Wotan.

mente a cena sentindo outra vez todas as agonias e dores. Saímos de nossa aldeia às margens do Weser, em pequeno grupo, para sacrificar aos deuses. Como amigos dos romanos, não podíamos temê-los, mas sim contar com a proteção de suas legiões. Mas havia tu e tua ambição criminosa. Quando nos encontramos, na clareira dos Fylgjir³⁴, de nada suspeitei. Caímos, por isso, na armadilha que nos havias preparado, para roubar nossos bens.

À medida que o espírito recordava, a tênue névoa cinzenta que o envolvia tornava-se mais escura, sendo, a intervalos, percorri da por ondas de cor vermelha escura. Sua voz arquejante e a face congesta denunciavam as emoções violentas que o possuíam:

– Vejo, miserável traidor, os meus serem massacrados por ti e pelos teus sequazes. Os meus filhinhos – e o pranto escorreu abundante pela face da entidade, enquanto um grito angustiado de mulher cortava o ambiente – sendo despedaçados contra as árvores, ao tempo em que eu, amarrado num tronco, assistia a tudo impotente e estarecido. Minha mulher e minhas filhas sendo violadas e mortas diante de mim.

Enquanto assim procedias, eu, Sigmar, bravo filho de bravos, rogava compaixão e misericórdia, não para mim, mas para os meus. E tu, covarde cão romano, gargalhavas e zombando de minha agonia. Finalmente acendeste, com as próprias mãos, a fogueira que me destruiu o corpo.

Atingindo um paroxismo de dor, impossível de descrever, a materialização começou a esvaecer, gradativamente, enquanto sua voz continuava a ressoar, cada vez mais distante.

– Pagarás caro, romano miserável... Não haverá paz para ti, nem de dia, nem de noite, nem na vida, nem na

³⁴ Fylgjir, plural de Fylgia, o outro eu das pessoas, a sombra dos homens. Com o tempo, passou a designar seres demoníacos, que eram capazes de causar grandes males.

morte... velamos sempre, ao teu lado... nada conseguirá livrar-te de nossas mãos...

Enquanto Flávio, transpirando em abundância, sentia-se esmagar ao peso do que acabara de acontecer, o médium voltou ao normal, esfregando os olhos, estremunhado, como se acordasse de um sono profundo. Olhando o oficial de forma pensativa, o cultivador das ciências ocultas, dando por terminada a entrevista, falou:

– Nobre patrício, existe um terrível duelo se travando no teu íntimo. De um lado o Bem, representado pelo Homem de Luz, que te apareceu na Galiléia, e de outro o Mal, personificado pelos inimigos que tua cupidez suscitou. Não existem recursos na minha ciência que te possam libertar. Uma voz, vinda do Hades³⁵, me diz que só tu podes abrir as portas que te darão a liberdade. E as chaves estão nas mãos do Filho dos Céus, que tiveste a felicidade de conhecer.

Voltando para casa, o centurião afundou-se mais em sua depressão. Aos amigos e parentes que o vinham visitar, afirmava que estava condenado; que as Fúrias³⁶ o estavam castigando, não havendo salvação alguma para si.

Com o passar do tempo, e o agravamento de sua situação, amigos e parentes se afastaram completamente, entregando-o a própria sorte. Seus escravos o tratavam com desprezo e negligenciavam os deveres, deixando a casa em completo abandono. Emagrecido, por causa da alimentação deficiente, barba por fazer, cabelos hirsutos e falta de higiene pessoal, apresentava um aspecto deplorável, transformando-se em motivo de zombaria e sarcasmo.

Um dia, porém, no auge do desespero, veio-lhe à mente a figura de Jesus de Nazaré. Ele voltara do túmulo para

³⁵ Hades era, na mitologia grega, originalmente, o nome da região dos mortos, passando, com o tempo, a designar o próprio deus que reinava sobre os mortos.

³⁶ Fúrias, divindades infernais encarregadas de punir os criminosos. Identificam-se com as Erínias dos gregos.

defender uma discípula que, sendo uma vez criminosa, havia se recuperado graças à sua influência. Será que, pensou, diferentemente dos deuses gregos e romanos, haveria em seu coração misericórdia e complacência? Num supremo esforço, o infeliz pôs-se a suplicar o socorro daquele homem, sobre cuja bondade muito ouvira falar na terra dos hebreus. Deixou que o seu coração extravasasse numa sentida rogativa e, à medida que se aprofundava nela, sentia-se envolvido em ondas de paz, terminando por adormecer num sono tranqüilo e sem sonhos, como de há muito não lhe acontecia.

Horas depois acordou, sentindo-se repousado e sereno, mas com uma grande sensação de fraqueza, em virtude da desnutrição. Para seu espanto, junto a si estava um homem de meia idade, cabelos grisalhos, que o saudou com um sorriso alegre:

– Que a Paz de Jesus esteja contigo, meu irmão!

O nome de Jesus, pronunciado pelo simpático desconhecido surpreendeu-o ainda mais e, com voz que lhe denunciava a debilidade, inquiriu:

– Quem és tu?

– Chamo-me Clódio³⁷, e vim a mandado de Jesus, em resposta à tua súplica.

Como o doente, intrigado, quisesse continuar a perguntar, Clódio, fraternalmente, lhe impôs silêncio e, convocando os servos, obrigou-os a limpar a casa, preparar alimentação adequada para o doente, trocar-lhe as vestes, providenciando, também, que lhe fossem cortados os cabelos e feita a barba.

Algum tempo depois, o moço romano apresentava outro aspecto, limpo e arrumado assim como seu lar. Clódio, então, pôde falar sobre si e sobre o porquê chegara até ali.

Ele fora um comerciante romano e vivera em constantes viagens de negócios, pelas diversas regiões do Império.

³⁷ Ver capítulo Da Descrença à Fé.

Certo dia, na Judéia, tivera a oportunidade de encontrar Jesus, sendo tocado por suas palavras. Desde aquele momento modificara sua vida. Desfizera-se de sua fortuna, distribuindo-a com os pobres, conservando apenas o necessário ao sustento. Para realizar isto, fizera uma viagem à Ásia Menor e, meses depois, quando retornara para se integrar ao grupo de discípulos, o Mestre havia sido assassinado. Sofrera um doloroso golpe, que se transformou em transporte de ventura quando, nos arredores de Cafarnaum, ele e mais de quinhentas pessoas, discípulas do Nazareno, viram-no redivivo em plena luz matinal e ouviram-lhe voz inesquecível, traçando o roteiro de paz e amor, serviço e dedicação, por onde deviam trilhar suas existências, dali por diante. Retornara logo depois a Roma e, num sítio de sua propriedade, nos arredores da cidade, estabelecera um local de divulgação da mensagem do Rabi Galileu, utilizando suas recordações e ds anotações de discursos e ensinamentos feitos pelo Apóstolo Levi, das quais conseguira uma cópia. Além do mais, recebia constantemente a visita de vários discípulos que, em seus deslocamentos, passavam pela capital do Império. Ao lado dos estudos e orações, que a cada dia eram mais concorridos, havia um abençoado trabalho de auxílio aos necessitados e de abrigo acrianças órfãs e expostas,³⁸ bem como a velhos e doentes desamparados.

Naquele dia, pelo nascer do sol, enquanto orava solicitando as bênçãos da cura e do alívio para um grupo de doentes graves, o Mestre lhe aparecera, mandando-o vir até aquela casa, como resposta à oração que ele, Flávio, fizera. Dera-lhe o Senhor a localização precisa da residência, recomendando assistí-lo na compreensão da *Boa Nova do Reino*.

³⁸ Crianças expostas, costume cruel da Antigüidade Oriental e Ocidental, que consistia em a mãe abandonar seu filho recém-nascido em qualquer lugar, para morrer ou ser apanhado por quem o encontrasse, principalmente os mercadores de escravos, que o criava, às vezes infligindo-lhe cruéis deformações, para vender, mais tarde. Essa prática era tão comum, ou mais, quanto o aborto na atualidade.

Alguns dias depois, Flávio Marcelo participava, ativamente, dos estudos e trabalhos na *Casa de Jesus*, a abençoada oficina de Amor que a fidelidade de Clódio, ao Mestre, edificara.

Depois de algum tempo, Marcelo desligou-se de suas atividades militares, libertou seus escravos, dando a cada um dinheiro e propriedade, para reconstruírem suas vidas e, vendendo os bens que possuía, doou o dinheiro arrecadado à *Casa de Jesus*, onde passou a viver como auxiliar prestimoso e dedicado.

Com a desencarnação de Clódio, foi colocado na direção da pequena comunidade, por solicitação unânime dos seus participantes. O amor, carinho e dedicação aos doentes, às crianças e aos velhinhos, eram um constante exemplo de sua vivência dos ensinamentos de Jesus.

Quando Paulo de Tarso chegou preso a Roma, Flávio era um dos integrantes do grupo que o recepcionou no Fórum de Ápio. Movimentou-se, ativamente, em favor da libertação do Apóstolo, rogando o concurso de parentes e amigos ligados à corte de Nero. Conseguida a liberdade, o antigo fariseu passou alguns dias na *Casa de Jesus*, encantando e edificando a todos com a palavra fluente e a vibração de profunda espiritualidade. Pedro, na chegada à Metrópole Imperial, encontrou-se com o Convertido de Damasco naquele Ninho de Paz, em dia de intensos júbilos espirituais.

Quando Tigelinus provocou o incêndio que destruiu quase metade da Cidade Eterna, para satisfazer os desejos insanos do imperador Nero, participou corajosamente, junto com outros cristãos, do salvamento de pessoas, arriscando a vida em muitas oportunidades.

Sobrevivendo à perseguição contra os adeptos da Boa Nova, sob a falsa acusação de haverem atestado o incêndio, tanto se expôs no auxílio aos prisioneiros que terminou sendo preso.

Submetido a cruéis torturas, tendo inclusive as gônadas esmagadas a golpes de bastão, tudo suportou com

denodo e palavras de perdão para os algozes. Em momento algum apelou para a condição de cidadão romano e laureado militar, o que poderia ter evitado os sofrimentos, proporcionando morte mais rápida, por decapitação.

Sobrevivendo às violências sofridas, foi amarrado numa estaca, em pleno Circo Máximo e queimado vivo. Quando as chamas o envolveram, o cântico de louvor que entoava durante o martírio emudeceu-se em seus lábios. Sentiu-se, então, penetrado por intensa sensação de Paz, enquanto todas as dores desapareciam como por encanto. Adormeceu profundamente. Ao despertar, viu-se, surpreso, à borda do Lago de Genesaré, enquanto algo lhe dizia estarem na região de Dalmanuta. Nesse momento, uma voz de mulher, que reconheceu imediatamente, lhe disse:

– Bem-vindo o servo fiel, para receber a coroa da Vida Eterna.

Voltando-se, o ex-centurião deparou-se com Jesus, ladeado por Suzana, Clódio e uma multidão de espíritos, portando ramalhetes de flores luminosas, sorrindo alegres e felizes. Quando, ébrio de felicidade, ia atirar-se ao encontro do Mestre, que aprendera a amar, vieram-lhe à mente os episódios da clareira dos Fylgjr. Deixou-se cair de joelhos, em lágrimas, exclamando:

– Senhor, não sou digno da alegria desta hora, pois trago as mãos manchadas de sangue!

Jesus, aproximando-se dele, fê-lo levantar dizendo:

– Se a consciência te acusa de ainda alguma coisa, aproveita a oportunidade e desfaz os últimos elos com o passado.

No mesmo instante, um grupo de espíritos destacou-se da multidão, vindo ao encontro dos dois. Flávio os reconheceu imediatamente. Eram Sigmar, Isnelda e todas as demais vítimas do doloroso evento. De imediato, o romano falou:

– Venho, de há muito, pedindo a Deus que me proporcionasse esse encontro. Rogo-vos a piedade do perdão para

mim, criminoso e pecador. A ignorância da Verdade cega-me, e a ambição impelia as minhas atitudes. Os ensinamentos de Jesus, todavia, me fizeram reconhecer meus erros e desde então venho buscando compensar os crimes praticados, dedicando-me aos pobres e infortunados, mas, apesar de tudo, preciso ouvir de vocês o perdão, por tudo o quanto lhes fiz sofrer.

Nesse ponto, os soluços lhe embargaram a voz. Sigmar, em lágrimas, fê-lo levantar-se e, abraçando-o, disse:

– Flávio, meu irmão, como tu, o Mestre nos fez entender que só o Amor constrói para a eternidade. Olhando o passado, verificamos que também não trazemos as mãos limpas, falecendo-nos o direito de acusar quem quer que seja. Desde o momento da tua renovação, que foi também o da nossa, temos lutado juntos em prol do aprimoramento de nossas almas, compartilhando de teus esforços. Unidos, trabalhamos ativamente pelos queridos necessitados da *Casa de Jesus*. Entre nós só existem laços de Fraternidade, que substituíram os insanos grilhões do ódio.

E, guiados por Jesus, que os aconchegara amorosamente ao peito, partiram em sublime caravana na direção do infinito, em busca dos Planos Iluminados, onde habitam os que descobriram *a gloriosa liberdade* do Amor Incondicional.

A Vitória do Bem

*N*a casa de Matan de Gérasa, localizada no Monte Sião, perto do Palácio dos Asmoneus e da ponte que ligava a Cidade Alta ao Templo, por sobre o vale do Tiropeon, havia muita tensão e expectativa. Rode, a esposa do dono da casa, estava em trabalho de parto há algumas horas. As parteiras, juntamente com o médico – que fora chamado por causa de complicações ocorridas no processo do parto – esforçavam-se para que tudo saísse bem, embora sentissem que o desfecho poderia ser fatal para a jovem mãe.

O angustiado esposo caminhava nervosamente de um lado para o outro, em sala contígua ao quarto onde se encontrava a parturiente. Além do fato de ser aquele o primeiro filho do casal, doía-lhe saber que sua adorada mulher estava sofrendo sem que ele pudesse estar junto a ela, confortando-a com seu carinho, pois o costume vedava ao pai acompanhar o parto do filho: ficava aguardando que as parteiras trouxessem a feliz notícia do nascimento para, juntamente com parentes e amigos, entrar no aposento e *colocar a criança sobre os joelhos*, num reconhecimento público de sua legitimidade.

Matan, naturalmente, desejava que o seu primogênito fosse homem. Com tal esperança, logo que a esposa lhe comunicara a gravidez, fizera um sacrifício pacífico de agradecimento e outro expiatório, para que Deus o

perdoasse de qualquer pecado cometido, tanto consciente como inconscientemente, e não o castigasse fazendo que seu primeiro rebento fosse do sexo feminino. Isto não significava que uma filha não fosse bem recebida, apenas que o entusiasmo não seria o mesmo de um filho varão, pois *herança do Senhor são os filhos; o fruto do ventre o seu galardão, mas as filhas não passam de um tesouro ilusório*. Cada judeu concordava, porém, que uma filha era melhor do que não ter filho algum pois, como afirmavam os rabinos: *o homem sem filhos deve ser considerado como um homem morto*.

Os amigos e parentes que rodeavam Matan buscavam, embalde, levantar-lhe o ânimo.

Quando o médico apareceu à porta da sala, o angustiado marido pressentiu a triste notícia que ele trazia:

– Minha mulher? – Inquiriu ansioso.

– *O Senhor dá, o Senhor tira. Bendito seja o nome do Senhor* – disse o esculápio, preparando-lhe a alma. A criança nasceu e está bem. Rode, contudo, vive os seus últimos momentos. Vai depressa, meu amigo, despedir-se dela. Tenha coragem...

Desesperado, o infeliz esposo atirou-se em direção ao quarto onde, em prantos, assistiu à desencarnação de sua amada mulher, carregando a filha recém-nata em seus braços.

Cumpridos os rituais de sepultamento e purificação, Matan de Gérasa providenciou para que a filha tivesse toda a assistência, entregando-a a servas capazes e leais. Ele, todavia, não conseguia suportar conviver com a criança, pois, intimamente, culpava-a pela morte da esposa.

Para aliviar a dor que sentia, mergulhou com afinco nas suas obrigações na corte, onde, por sua dedicação e capacidade de trabalho, tornou-se em pouco tempo admirado por todos. Nunca mais se aproximou de outra

mulher, mantendo fidelidade à memória de sua inesquecível Rosa.³⁹

A menina desenvolveu-se longe do pai, a quem só via espaçadamente, em meio aos servos e servas que cuidavam de sua educação.

Ao completar doze anos, idade em que a mulher judia já era núbil, foi viver com o pai na corte de Herodes Antipas, onde continuou entregue à própria sorte, porque os múltiplos deveres de Matan não lhe facultavam muito tempo para conviver com ela. Assim, tendo vivido os primeiros anos de sua vida sem o carinho paterno, sem uma disciplina efetiva e sem a presença paterna, a qual poderia lhe impor uma contenção necessária, foi atraída para os círculos mais irresponsáveis e degradados da aristocracia palaciana.

Fenômeno natural nos círculos do poder, a existência de uma casta de ociosos vivendo às custas da bajulação e da intriga, cuja única preocupação é usufruir as vantagens da posição, cultivando a inutilidade, o parasitismo. Nela vicejam a corrupção, a venalidade, o tráfico de influências, o vício e, naturalmente, o crime. Isso sempre ocorreu e ocorre nos diversos níveis de poder e estratos sociais, sem exceção. O que varia é o grau de manifestação de tais atitudes, os quais estão na razão direta da amplitude do poder em exercício.

A vida de Suzana passou a ser uma série infindável de festas e aventuras, numa busca insofreável de prazer, levando-a, gradativamente, aos escusos níveis da degradação. A proximidade do pai, contudo, conseguia evitar que ela mergulhasse totalmente na devassidão. A jovem, então, arquitetou um plano para fugir de sua tutela: casar-se-ia. Mas, para tanto, alguns requisitos prévios deveriam ser preenchidos pelo futuro marido: em primeiro lugar, ser muito rico; em segundo, de idade avançada, para morrer em pouco tempo, se necessário cem alguma ajuda.

³⁹ Rode é rosa em hebraico.

A escolha recaiu sobre Azarias de Jizreel, rico e fútil cortesão de quase setenta anos.

O pai resistiu, em princípio, aos planos de casamento da filha, cujos verdadeiros motivos ele desconhecia, pois desejava um genro mais novo que lhe desse muitos netos, para lhe alegrar a velhice solitária. Todavia, sua veia ambiciosa, inteligentemente explorada pela jovem, acabou por prevalecer, levando-o a negociar os termos do matrimônio.

Nesse meio tempo, chegou à cidade um jovem centurião romano⁴⁰, envolto numa auréola de heroísmo, conquistada nas florestas da Germânia, em lutas contra os bárbaros das margens do Weser e do Danúbio. Em pouco tempo, graças à sua fama, mocidade e beleza, transitava nos altos círculos de Jerusalém e da corte de Antipas, acompanhando-a, muitas vezes, em seus deslocamentos pelas principais cidades sob a jurisdição daquele monarca.

A convivência, em regime de intimidade entre os representantes do império e a classe rica da Judéia, era constante e comum. Aliás, era graças ao beneplácito dos romanos que ela mantinha sua fortuna e privilégios. O próprio Herodes devia sua posição ao Imperador e a conquistara às custas de muito suborno e bajulação.

Enquanto o povo em geral resistia aos dominadores, recusando-se a qualquer trato com eles que não o forçado, envolvendo-os em hostilidade mal disfarçada, eterna fonte de conflitos generalizados e constantes, os ricos os bajulavam e se aproveitavam da situação para explorarem, impiedosamente, seus conterrâneos menos favorecidos.

O encontro entre a nobre judia e o militar de Roma foi o ponto de partida para uma intensa paixão. Vibrando na mesma faixa de juventude, sedentos de emoções fortes, se atraíram de forma irresistível. Mas, enquanto o jovem patrício se entregava completamente ao sentimento que

⁴⁰ Ver capítulo Regeneração.

o empolgava, a bela descendente de Rute usufruía o prazer da novidade, com espírito da cálculo, para que a emoção não viesse a lhe estorvar os planos.

Quando os acertos para o casamento foram definitivamente completados, marcou-se uma grande festa para celebrar as bodas, numa propriedade de Herodes em Bet-saida Júlias.

Naquele dia, Flávio Marcelo, o centurião romano, estava em seu catre, na Torre Antônia, sonhando com a bela jovem israelita, quando lhe entregaram um pergaminho com o selo do pai de sua amada. Antes de abrí-lo, continuou as fantasias que elaborava, numa espécie de sonho acordado. Nele se via casando com a Israelita, freqüentando ao seu lado as casas mais nobres de Roma, inclusive a própria *Domus Imperial*, sentindo-se alvo da inveja dos seus patrícios. Ainda com um sorriso de felicidade nos lábios, pôs-se a ler a correspondência recebida. À medida que seus olhos percorriam o documento, uma sensação de incredulidade e espanto lhe avassalava o ser. Era um convite para o casamento de Suzana com Azarias, a realizar-se no mês seguinte.

Enquanto isso, a leviana judia idealizava planos para a noite, quando a corte estaria reunida para mais um dos intermináveis banquetes, nos quais se consumia o dinheiro extorquido do povo.

Quando lhe anunciaram a presença do romano, o recebeu rodeada de amigos, dando-lhe um tratamento frio e distante. À solicitação dele para conversarem a sós, retorquiu que não tinha segredos para as pessoas que ali estavam, de sua amizade e confiança. O moço, então, impetuosamente, interrogou-a sobre aquele casamento inesperado, exigindo explicações, dado o relacionamento existente entre ambos. Ela lhe retrucou com expressões de desdém, dizendo não ter de lhe dar satisfações dos seus atos, pois nunca assumira compromisso mais sério com ele. Na verdade,

não lhe tinha, nem nunca tivera, amor. Em seguida o expulsara da casa, saindo ele a jurar, em altos brados, vingança. Os amigos da jovem aconselharam-na a se precaver contra o que o militar pudesse fazer, pois lhe conheciam a natureza impetuosa e apaixonada. Ela procurou auxílio do pai que, depois de inteirado do episódio, naturalmente colorido de forma a não comprometê-la, conseguiu, pelo uso de amizades influentes entre os romanos ligados ao procurador Pôncio Pilatos, que o centurião fosse imediatamente transferido para o corpo militar romano sediado em Palmira, com o objetivo de velar pela segurança das caravanas, defendendo-as dos assaltos das tribos nômades do deserto.

Realizou-se o casamento com pompa inesquecível, dele participando a maioria da população das cidades circunvizinhas ao lago, beneficiadas com grandes representações públicas e distribuição gratuita de comidas e bebidas.

Cerca de seis meses após o conúbio, desencarnou Matan de Gérasa. Toda sua fortuna passou à filha, sendo, porém, administrada pelo marido dela, conforme cláusula do contrato de casamento. Somente depois da morte de Azarías poderia entrar no gozo pleno das duas heranças. Outro item importante desse contrato dispunha que, no caso de divórcio motivado por conduta incorreta da jovem, só lhe caberia um terço dos bens herdados de seu pai. Esta cláusula foi inserida pelo próprio Matan, por suspeitar as intenções da filha ao planejar tão estranho consórcio.

O casamento, pois, em vez de libertação, tornara-se uma prisão para a jovem. Desejando livrar-se dele, resolveu acelerar o plano de matar o esposo, envenenando-o com um tóxico por si mesma preparado.

Naturalmente levantaram-se suspeitas com relação à causa da morte de Azarias. Herodes Antipas, contudo, resolveu abafar o caso em memória de Matan, a quem estimara profundamente pela lealdade e dedicação irrestritas. Como, porém, Suzana retomasse com maior intensi-

dade sua postura libertina, o rei comunicou-lhe seu desagrado, exigindo que se afastasse da corte para sempre.

Cercada por um grupo de amigos, os quais lhe compartilhavam os vícios, foi morar numa propriedade em Gérgesa, às margens do Mar da Galiléia. Ali, entregou-se completamente à dissipação, pois nada, nem ninguém, podia estorvar-lhe os desejos.

Em meio a tudo isso, apenas uma nota soava dissonante: os pesadelos, onde, a princípio espaçadamente, com o passar do tempo mais freqüentemente, lhe aparecia o marido, como um cadáver em adiantado estado de putrefação, perseguindo-a por entre acusações e ameaças de vingança.

Certo dia, um dos seus amigos, vindo de uma viagem a Cafarnaum, comentou sobre um galileu que, segundo ouvira dizer, andava a fazer prodígios pelas cidades do país. Alguém lembrou que ali mesmo, nas cercanias de Gérgesa, o Galileu havia curado um homem possuído por espíritos imundos, fazendo que, através de sortilégios, eles entrassem numa vara de porcos que estava por perto. Os animais enlouquecidos se haviam atirado num despeñadeiro, para desespero de seus donos, os quais, revoltados com os prejuízos, mas amedrontados com o poder mágico do homem, fizeram-no expulsar pelas autoridades, com ordens expressas de nunca mais por os pés na região, sob pena de severas punições.

Enquanto a conversa se desenvolvia, entre gargalhadas e chistes, Suzana decidiu que procuraria aquele homem, para que a livrasse dos sonhos atormentadores.

No dia seguinte, convocou alguns escravos, fazendo-os ir em busca de informações sobre aquele personagem. Algum tempo depois, voltaram com os seguintes dados: o nome do galileu era Jesus, sendo originário de Nazaré, uma vila localizada à distância de cerca de trinta quilômetros a sudoeste do Lago de Genesaré. Atualmente morava em

Cafarnaum, junto a um grupo de discípulos. Todavia, deslocava-se constantemente de cidade em cidade, pregando o advento de um *Reino de Deus*. Decidida a encontrá-lo, Suzana mudou-se para outra de suas propriedades no vale de Genesaré, perto de Cafarnaum, colocando seus servidores em alerta diuturnamente naquela cidade, para avisarem-na quando ele chegasse.

Num ensolarado dia da segunda metade de Tammuz,⁴¹ vieram notificar-lhe que o Rabi se encontrava na cidade, onde chegara na noite anterior. Mandou-lhe então o administrador de sua casa, com um convite para que comparecesse à noite em sua casa, pois estaria dando uma festa em sua homenagem. Ao mesmo tempo, distribuiu convites às pessoas do seu círculo, bem como a autoridades locais, notificando-lhes que teriam a oportunidade de privar com o poderoso mago de Nazaré. Esperava fasciná-lo com uma recepção requintada, a fim de ganhar-lhe as boas graças, conseguindo algum amuleto ou poção que a livrasse das angústias noturnas.

Quando o servo na liteira especial de Suzana chegou à casa de Simão, o pescador, encontrou uma multidão que em semicírculo postava-se diante da figura esbelta do Mestre Galileu. Seu magnetismo pessoal era tão intenso que empolgava a todos, fazendo-os guardar um silêncio contrito e ansioso. Atravessando a massa com arrogância, aproximou-se do Mestre e disse:

– Poderoso Senhor! Minha Senhora, a nobre Suzana, filha de Matan de Gérasa e viúva de Azarias de Jizreel, havendo tomado conhecimento dos extraordinários feitos que realizas como profeta do Deus Altíssimo, suplica o obséquio de ires a sua casa, hoje a noite, para honrares com tua presença a festa que fará realizar. Nela receberás as justas homenagens a que a tua força e teu poder te credenciam.

⁴¹ Tammuz quarto mês do calendário hebraico, corresponde a junho/julho.

O ar presunçoso do porta-voz desmentia o conteúdo do convite que, na verdade, exprimia uma convocação imperiosa.

Jesus, interrompido bruscamente em suas considerações ao público que o ouvia, fitou o servo durante alguns instantes, em silêncio, quando este terminou de falar. A penetração do seu olhar era tão intensa que o escravo, após tentar sustentá-lo com petulância, baixou os olhos confundido e envergonhado, perdendo a empáfia e assumindo a postura servil a que estava acostumado. Depois, respondeu com serenidade:

– Diga à sua senhora que os que se empenham nos trabalhos da difusão do *Reino de Deus* não têm tempo a perder com futilidades sociais, próprias dos ociosos. Diga-lhe também que consciência culpada só é corrigida pelo arrependimento sincero, acompanhado de esforço perseverante no Bem.

Suzana escutou, atônita, o relato do criado, explodindo em seguida num violento acesso de cólera, o qual não poupou servos e objetos ao seu alcance. Em seguida, mandando aprestar a liteira, convocou vários escravos fortes e armados para ir, pessoalmente *dar uma lição naquele insolente cão bastardo*.

Nesse meio tempo, Jesus despediu a multidão, permanecendo sentado à sombra do velho sicômoro, em atitude de profunda meditação que os discípulos não ousaram interromper.

Chegando à casa de Simão, Suzana, possessa de raiva, saltou da liteira, segurando um pequeno chicote que usava para castigar os servos que lhe causassem qualquer desagrado, cujo cabo apertava com tal força que as juntas dos dedos estavam brancas pelo esforço.

Mal deu o primeiro passo em direção ao Nazareno, aconteceu um fenômeno inesperado: diante dela materializou-se o Espírito de Matan de Gérasa, em cujo olhar luzia a indignação.

Ante o impacto da aparição, Suzana exclamou:

– Pai!

Num tom de voz cortante, o Espírito lhe falou:

– Como ousas afrontar o Bendito de Deus? Ajoelha-te, diante dAquele a quem nosso povo tem esperado há séculos, implorando a Deus te perdoe a atitude desrespeitosa.

Sem contestar, a jovem caiu de joelhos, enquanto a aparição prosseguia:

– Muito tenho sofrido pela irresponsabilidade da tua conduta, coroada com o crime. Sinto-me culpado pelas tuas ignomínias, pois não te impus uma educação capaz de coibir os impulsos infelizes de tua alma, acostumada ao erro. O Ungido, entretanto, permitiu-me buscar suprir, neste instante, meus atos de negligência. Arrepende-te, filha, dos desvarios e suplica ao Enviado do Senhor que te ajude na tarefa do reajuste.

Enquanto falava, a entidade deixava cair o pranto que o remorso lhe fazia verter. Então, com a mesma subitaneidade que aparecera, o antigo áulico de Antipas desapareceu da mesma forma como surgira.

Os escravos, aterrorizados com o que haviam presenciado, fugiram em desabalada correria, soltando gritos de pavor, abandonando sua patroa que, em estado de choque, permanecia ajoelhada.

Atraídos pela algazarra dos servos em debandada, vizinhos e passantes aproximaram-se curiosos. Jesus, então, chegando-se à pobre mulher, ergueu-a cuidadosamente, fazendo-a adentrar a casa de Cefas. Ali, a sogra do pescador, solícita e carinhosa, fê-la tomar um pouco de água fria, trazida num púcaro rústico de barro cozido, proporcionando-lhe palavras de conforto e incentivo. Bastou, entretanto, que o Mestre afagasse de leve os seus cabelos para que ela tornasse a si, saindo do estado de estupor que a paralisavam, prorrompendo em largo e doloroso pranto que o Rabi deixou acontecer por muito tempo.

Quando ele se transformou em calmos e doridos soluços, o Senhor lhe falou:

– Minha irmã, vejo que as exortações de teu pai atingiram-te o coração. O arrependimento que começa a iluminar-te a mente com pensamentos renovados assemelha-se a abençoado amanhecer, renunciando o dia da regeneração. É preciso, todavia, não deixar se instale o remorso, filho direto da autopiedade egoísta e destrutiva, tisonando as promessas alvissareiras do reconhecimento da responsabilidade ante as faltas cometidas.

Antes de Pai Severo e Justo, Deus é Amor e Misericórdia. Sublime Juiz, seu julgamento é de Caridade e Perdão, proporcionando ao culpado infinitas oportunidades de reeducação e refazimento do próprio destino. Esquece a lamentação improdutiva, relegando o passado ao esquecimento e preparando-te para suportar as conseqüências dos atos irrefletidos, pacientemente, sem reincidir nos erros cometidos, esforçando-te por levar uma vida de virtude e abnegação.

Aos desvios sexuais, contrapõe a disciplina dos impulsos, canalizando as energias psíquicas para atividades enobrecedoras, realizando a alegria do vínculo de outras maneiras. Transforma a emoção desgovernada em sentimento equilibrado, dirigido ao bem do próximo. Por teres tirado uma vida, Propõe-te nunca mais fazê-lo, aprendendo a valorizar a tua vida, e a do teu próximo. Realiza a maternidade, amparando crianças para que, abrigadas em tua dedicação, cresçam em virtude e honradez. Abre, enfim, teu coração para os desgraçados e infelizes que te cruzarem o caminho, como abençoado Anjo de Misericórdia, e verificarás que o Amor é a lixívia que apaga o mal; é o bendito manto do Pai Celeste que cobre a multidão de pecados.

Envolvida no doce magnetismo do *Cordeiro de Deus*, Suzana sentiu-se como que liberta de espesso fardo de

sombra, como se escuros véus de trevas se rompessem, descortinando, ante seus olhos deslumbrados, luminosos horizontes de esperança.

Ela passou o resto do dia na casa de Simão, com Jesus e seus discípulos. Pela primeira vez na vida sentiu a doce emoção das alegrias puras, nascida da simplicidade do coração, onde não encontravam guarida a dissimulação e a malícia. Quando alguns escravos, ainda amedrontados, voltaram à sua procura, os despediu, ordenando cancelassem as festividades programadas.

À noite, após refeição singela que lhe soube melhor do que a mais fina iguaria que já havia provado. Partilhou da reunião de orações e comentários de Jesus sobre a *Boa Nova do Reino*. A palavra do Mestre se revestia de beleza e profundidade. Ministrava os mais complexos ensinamentos com simplicidade e clareza, pontuando as afirmações com histórias tiradas do prosaísmo cotidiano, que dissipavam qualquer dúvida. A segunda vigília da noite já ia bem adiantada, quando ela, acompanhada por André, Tiago e Natanael, voltou para casa, sentindo-se transformada e feliz.

Desde então, começou para Suzana um longo período de lutas e sacrifícios.

Os velhos companheiros de esbórnia tentaram, por todos os meios, fazê-la voltar às antigas práticas. Como não obtivessem sucesso, passaram a hostilizá-la de várias maneiras, sempre que a encontravam nos lugares públicos de Cafarnaum. Chegavam ao ponto de assalariarem vadios para seguirem-na, gritando doestos e atirando-lhe imundícies. A jovem, todavia, aplicando integralmente os ensinamentos de Jesus, tudo sofria com paciência e resignação, fazendo da prece um refúgio e sustentáculo.

Seus maiores combates, entretanto, desenrolavam-se no íntimo. A cada momento era preciso dominar a natureza voluntariosa, o orgulho desmedido, o entranhado egoísmo, os pensamentos luxuriosos e concupiscentes.

Suas noites de sono eram atormentadas por sonhos eróticos, resultantes da liberação, pelo inconsciente, das experiências passadas, em atividades de compensação. Acordava sempre com o corpo e a mente em fogo, sob o impacto da energia sexual liberada, sentindo-se à beira da loucura, pelo esforço que despendia na superação do desejo.

Para superar esse problema, passou a executar serviços extenuantes até o momento de dormir, para que o cansaço não lhe permitisse sofrer o assédio das forças genésicas descontroladas.

Certa noite, quando os apelos do instinto alcançaram o limite do suportável, sentindo que iria fraquejar, correu alucinada em direção às plantações que lhe cercavam a residência, atirando-se sobre um espinheiro, cujos acúleos dilaceraram-lhe dolorosamente as carnes, conseguindo assim superar a crise. Na manhã seguinte, ao se aproximar do Mestre, ele lhe disse:

– Minha filha, tenho acompanhado tuas lutas e a sinceridade dos teus esforços. Como recompensa pela perseverança nos propósitos de renovação, deixarás de ser, doravante, assediada pelas solicitações do instinto sexual.

Desde então cessou a inquietação sexual, e nunca mais voltou a incomodá-la.

A casa de Simão Pedro tornara-se um núcleo ativo de trabalhos beneficentes. Era um lugar onde o Mestre poderia ser encontrado, todas as vezes que estava na cidade. Era o local para onde convergia, diariamente, uma multidão de pessoas que buscavam o auxílio *do Médico Sublime*, para os seus males físicos e espirituais. A maioria era de indigentes que, além de suas doenças, sofriam carências de toda ordem. Os discípulos de Jesus que não o seguiam em suas peregrinações se agrupavam ali, bem como na casa de Eliúde Barjosiah, para o serviço da caridade fraterna aos infortunados.

Uma tarde, quando voltava para casa depois de um dia de intensos trabalhos de assistência em ajuda à

valorosa servidora do bem que era a sogra do nobre pescador, Suzana trazia as faces molhadas de pranto. Ia por um caminho que circundava a cidade, evitando os locais onde pudesse sofrer afrontas. A imagem do pai não lhe saía da mente. Acordara pensando nele com intensa saudade e, enquanto caminhava, parecia senti-lo junto a si, abraçando-a carinhosamente.

Numa curva da vereda, encontrou cinco crianças maltrapilhas e magras, em cujos rostos tristes se podiam ler as marcas de sofrimentos profundos. Suas idades variavam entre cinco e nove anos, sendo três meninas e dois meninos. A menorzinha chorava copiosamente, enquanto os outros buscavam confortá-la. Apiedada, aproximou-se, indagando-lhes o que acontecia. A mais velha contou-lhe que vinham de aldeia nas vizinhanças de Corazim. Seu pai fora preso e morto pelos soldados de Herodes Antipas, sob a acusação de pertencer a um grupo de revoltosos que se escondiam nos montes dos arredores, enquanto sua mãe fora estuprada e morta por soldados romanos embriagados, há três dias, quando vinha com elas para Cafarnaum em busca de trabalho. Logo após a tragédia, haviam encontrado um velhinho bondoso que as ajudara a encontrar abrigo e alimento, lhes prometendo um novo lar e uma nova mãezinha. Concluiu o doloroso relato dizendo:

– Desde esta manhã o vovô Matan saiu dizendo que ia buscar a nova mãezinha e até agora não voltou. Estamos com medo que lhe tenha acontecido alguma coisa.

Ao ouvir o nome de seu pai, a jovem compreendeu a causa da sensação da presença dele e, chorando copiosamente, abraçou os pequeninos, dizendo-lhes ser a nova mamãe que o vovô prometera e, levando-as para casa, adotou-as como filhos, passando a lhes dedicar seu afeto.

Nesse mesmo dia, após ter colocado as crianças para dormir, traçou o programa de sua existência: cuidaria das crianças abandonadas. Recordou nitidamente as palavras

de Jesus no dia em que o encontrara. Seria essa a forma pela qual resolveria suas culpas. Tornar-se-ia mãe dedicada e carinhosa dos pequenos filhos da dor, empenhando-se completamente nessa tarefa.

Expôs seu projeto ao Mestre que, não só aprovou, como recomendou que escolhesse como local para sua Casa de Amor, um sítio que ela possuía nos arredores de Magdala. Como objetasse que assim ficaria distante dele, o Rabi lhe retrucou:

– Os que se amam verdadeiramente nunca se separaram, mesmo que quando se encontram a grande distância um do outro. Além do mais, aproxima-se o tempo em que terei de dar o meu testemunho de amor e tu, como os que me seguem, terás de aprender a caminhar sozinha no mundo, embora sob minha proteção invisível e constante.

Suzana, que de há muito havia libertado seus escravos, dando-lhes propriedades e dinheiro a fim de recomeçarem suas vidas, vendeu tudo o que possuía, guardando o necessário para o empreendimento projetado, distribuindo o restante com os pobres. Depois, acompanhada por Jesus e os doze, na barca de Simão, foi estabelecer-se no seu novo Lar, para desenvolver aquele projeto existencial.

O tempo correu célere. O Mestre foi crucificado em Jerusalém, após um julgamento parcial e iníquo. Suzana teve a oportunidade de vê-lo, ressurgido, juntamente com os filhos do seu amor, em ocasião difícil, sendo por ele salva da vingança de Flávio Marcelo, o antigo apaixonado, transformado em inimigo ferrenho⁴².

A tarefa elegida exigiu grandes sacrifícios e rudes provações, contudo, conheceu indescritíveis compensações espirituais, sendo a maior um conjunto de sensações íntimas de alegria e serenidade, que passou a inundá-la com freqüência constante e crescente intensidade. Suas facul-

⁴² Ver capítulo Regeneração.

dades psíquicas dilataram-se, na mesma proporção de suas vitórias íntimas, levando-a a realizar curas extraordinárias, além de a transformarem em exímia pregadora *da Boa Nova*. Sua fama propagou-se por toda a borda do lago, atraindo grande número de pessoas que buscavam alívio e conforto para seus males. E isso incomodava bastante as autoridades religiosas judaicas da região de Dalmanuta, que lhe moveram perseguições de toda sorte.

Durante as perseguições de Herodes Agripa I contra os seguidores do Cristo, em 44 d.C., quando foi martirizado Tiago, o Maior, filho de Zebedeu e Salomé e irmão de João, foi presa. Levada a julgamento por práticas de magia, forjaram contra ela testemunhos, sem lhe dar oportunidade de defesa. Condenada à morte por apedrejamento,⁴³ foi arrastada para um local fora de Magdala e lapidada.

Suzana suportou o suplício heroicamente, desencarnando em prece, rogando perdão para seus algozes.

Quando despertou no mundo espiritual, seu coração encheu-se de júbilo. Ladeado por Matan de Gérasa e cercado por uma multidão de espíritos onde predominavam crianças a cantarem hinos de boas vindas à serva fiel e a lhe atirarem pétalas luminosas e perfumadas, Jesus estendia-lhe os braços, convidando-a a partilhar com ele a Felicidade reservada aos que perseveraram até o fim.

⁴³ Apesar de pena de morte ser um privilégio da autoridade romana, as autoridades judaicas a aplicavam, algumas vezes, à revelia, principalmente quando do vazio administrativo que se fazia durante a troca de procuradores.

Redenção

Existem dores superlativas que atingem o indivíduo com muita intensidade, anulando-lhes o poder de resistência, drenando suas energias fisiopsíquicas num instante. Às vezes causam até modificações físicas drásticas, quase que instantaneamente.

A absorção de quantidades significativas da libido, pelo inconsciente, priva o ego de parte de sua capacidade de gestão das atividades conscientes, colocando o indivíduo num estado depressivo, do qual dificilmente consegue sair por esforço próprio. Urge, então, que um forte estímulo externo proporcione intensa transferência de libido do inconsciente para o consciente, a fim de suprir a que foi retirada, e a geração de efetiva motivação psicológica, estimulando o instinto psíquico de autopreservação e resuscitando a capacidade de elaboração e integração do evento traumático.

Josué, o cego, atingira o ápice da astenia psíquica, após o último golpe que acabara de sofrer. Apesar da aflição já fazer parte de sua vida, a violência da decepção superara tudo quanto padecera em sua existência de infelicidades. Estando com quarenta e dois anos, a dor sempre fora uma companheira constante. Como uma sombra fatídica ela o seguia de perto, desde a primeira infância.

A partir da undécima hora do parasceve ⁴⁴ contudo, quando um coração generoso, condoído por vê-lo prostrado numa das ruas estreitas de Jerusalém, conduziu-o até aquela gruta no vale do Cedron, deixara-se ficar derribado, sorvendo o travo de amargura deixado em sua alma pela frustração das expectativas que acalentara.

O fato de não se alimentar há mais de quarenta e oito horas, fazia-o sentir-se exânime, enquanto arrepios esparsos indicavam o estado febril do organismo.

Tão repentinamente como surgira, o mal-estar cessou, sendo substituído por uma grande sensação de alívio e tranqüilidade. A mente fugiu-lhe ao controle e, como ator e assistente privilegiado, simultaneamente, viu desfilar diante dos olhos surpresos toda sua vida, a começar do instante do nascimento. O mais impressionante era que, além de recordar o detalhe mais ínfimo, também percebia as conseqüências próximas ou remotas de cada um dos atos praticados, pensamentos e emoções, mesmo os mais irrelevantes.

Josué,⁴⁵ como o seu famoso homônimo, era da tribo de Efraim. A diferença estava em que sempre fora um perdedor, antítese do comandante da conquista de Canaã.

Dos cinco primeiros anos de sua infância vinham as únicas recordações agradáveis de sua vida. A figura de sua mãe destacava-se dessas reminiscências como um belo vulto de cabelos negros, que sabia a carinho e ternura. Nos momentos de acerbos aflições, como um anjo bom, ela lhe povoava os sonhos com Amor e Esperança. Este pequeno interlúdio de felicidade foi brutalmente interrompido numa noite de horror.

O quadro terrível que lhe ficara indelével na mente era composto de vozes ásperas, blasfêmias, súplicas, gritos,

⁴⁴ Dia da preparação, antecedia o sábado.

⁴⁵ Josué = Javé é, ou dá, a salvação; Jesus é uma forma tardia desse nome, bastante comum entre os judeus.

tinir de espadas, ruído de coisas se despedaçando, fogo e fumaça. Seu pai lutando desesperadamente contra vários soldados, entrando no quarto aos recuos, o corpo coberto de sangue, e tombando, finalmente, trespassado por gládios e lanças. Os gritos lancinantes de sua mãe, terminando num gargarejo doloroso e macabro. Um rosto assustador, de olhos perversos e lábios cruéis, arrancando-o do leito com tanta brutalidade que ele perdera a consciência.

Desde então, sua vida se transformara num desdobrar de humilhações, sofrimentos e amarguras. Fora transformado em membro da numerosa classe dos seres marginalizados, que a legislação grega denominava *instrumentos animados: os escravos*. Entregues, ele e um servo de seu pai, a um mercador de escravos que exercia seu nefando comércio nas Gálias, foram vendidos a uma família romana, proprietária de extenso latifúndio às margens do Saôna, em Lugdunum.

Esses eventos dolorosos foram motivados pelo seguinte: O pai de Josué, Elisama Ben Shemuel, era fariseu, portanto um ferrenho adversário de Herodes, o Grande. Durante muito tempo conseguira enganar os espiões reais, mas em 10 a.C., foi denunciado ao tirano, que decidiu liquidá-lo e a toda a família, pessoalmente.

Uma noite, à frente de sua guarda pessoal⁴⁶, invadiu a casa de Elisama, localizada nos arredores de Betfagé, matando a todos, com exceção da criança e do servo, que mandou vender como escravos. O motivo de poupá-los só pode ser explicado por uma interferência dos Espíritos Superiores, já que Herodes não se deixava levar por sentimentos de piedade, quando se vingava dos seus opositores.

No cativeiro, ele se desenvolveu por entre castigos e humilhações. Seus problemas começavam com o antigo servidor, Ayuba, que buscava vingar nele as frustrações

⁴⁶ Gauleses que tinham servido como segurança de Cleópatra, que Otávio lhe dera de presente após sua vitória, agradecido pela ajuda na guerra contra Antônio.

do tempo de cativo na casa de seu pai. Mesmo assim, foi Ayuba quem lhe ensinou o hebraico para que pudesse ler a Lei e os Profetas, *tia pureza e tia verdade*, sem ter de hauri-la *na fonte conspurcada pelo grunhido dos goyn*⁴⁷.

Certa noite, quando percorria a herdade em tarefa de vigilância, surpreendeu um casal a permutar carícias atrás de uma sebe do jardim que ficava próximo da margem do rio. Os dois fugiram ante sua aproximação sem que conseguisse identificá-los. De volta ao alojamento dos escravos contou o incidente, afirmando que, como bom observador, notara certos detalhes os quais, cedo ou tarde o levariam a identificar a mulher que lá estivera. Sua indiscrição lhe foi fatal.

Dois dias após o incidente, terminado o jantar, saiu para fazer a ronda noturna costumeira. Sentia muita sonolência, coisa que não lhe era habitual. Em um certo momento, não podendo mais resistir ao sono, caiu desmaiado numa das veredas do pomar. Alta madrugada, acordou sentindo dores agudas nos olhos, sem nada enxergar, completamente amarrado e amordaçado.

Foi uma noite de sofrimentos e angústia inenarráveis. Pela manhã, quando os companheiros o encontraram, verificou-se que tinha os olhos vazados, estando irremediavelmente cego para o resto da vida.

Durante quase três meses oscilou entre a vida e a morte, já que as feridas inflamaram, sendo necessário cauterizá-las com ferro em brasa, para conter a infecção, podendo-se imaginar as dores por que passou.

Quando se recuperou, o amo lhe permitiu morar num casebre, perto do rio. Foram tempos de privações, pois vivia dos alimentos que seus companheiros, principalmente Ayuba, lhe levavam por espírito de piedade. Também a adaptação ao novo estado foi motivo de desespero.

⁴⁷ Goyn – estrangeiro.

Começou, então, a alimentar a idéia de suicídio. Para tanto, pensava, bastaria atirar-se no rio e estaria tudo liquidado. No momento em que tomou a decisão, sentiu um brando torpor dominar-lhe o corpo e, como a sonhar, viu o vulto de sua mãe, abraçando-o com ternura. Ela lhe falou, longamente, sobre o significado da dor para a sua raça. Citou-lhe inúmeros personagens de seu povo, onde se destacava Jó, que haviam transformado os infortúnios em cânticos de Ação de Graças ao Deus Todo-Poderoso, razão primeira e única na vida dos filhos de Israel. Ao despertar, a idéia do autocídio desaparecera completamente dos seus pensamentos, sendo substituída por uma firme vontade de superar a condição adversa.

Algum tempo após esses fatos, Josué recebeu, com surpresa, a visita do seu senhor, logo ao nascer do sol. Sálvio Júlio Escribônio, depois de mostrar interesse pelos seus problemas, levou a conversa, sutilmente, para o evento que motivara a tragédia. Desejava informar-se se, de alguma forma, poderia ele identificar os componentes do par, principalmente a mulher. Ante sua negativa, comunicou-lhe as decisões que tomara a seu respeito. Como sempre fora um servidor leal e trabalhador, iria dar-lhe alforria e um rendimento mensal, suficiente para que não precisasse mendigar pelo resto da vida. A humildade e gratidão com que recebera as disposições do amo comoveram o velho patrício. No mesmo dia, Ayuba lhe trouxe a notícia de que Ctésforo, o impiedoso capataz dos escravos fora aprisionado pelo senhor e, após torturas, decapitado, sem que se conseguisse saber os motivos, enquanto a filha mais nova dos amos, Fúlvia, viajara apressadamente na calada da noite para local desconhecido, sendo os escravos que lhe carregavam a liteira, e os soldados da escolta, completamente desconhecidos. Haviam sido dadas ordens expressas para que ninguém se aproximasse do cortejo, sob pena de severas punições. Disse-lhe também que, na antevéspera à noite, fora chamado ao gabinete do amo, o qual lhe interrogara

sobre os acontecimentos dos quais ele, Josué, fora protagonista, principalmente sobre a identidade do homem e da mulher por ele surpreendidos no jardim.

O moço cego compreendeu imediatamente a razão de tudo aquilo e, prudentemente, calou sobre a visita e promessas do dono.

No mês seguinte Sálvio mandou buscar Josué para uma entrevista. Comunicou que lhe havia feito um legado vitalício, devidamente registrado no fórum local e de Roma, de quarenta denários mensais, pagáveis em qualquer lugar do império que ele desejasse. Profundamente comovido, agradeceu entre lágrimas e soluços ao seu benfeitor. Amainada a emoção, perguntou-lhe o romano sobre os planos para o futuro. Sentiu alguma dificuldade em responder, pois, criado desde a mais tenra infância naquela herdade, não tinha noção alguma sobre o mundo e a vida fora dos seus limites. Um pouco confuso, disse que desejava voltar à Palestina, sua terra natal, mas, como não tivesse experiência alguma de vida em outros lugares, solicitava ao patrício que, retirando o dinheiro da generosa oferta que lhe fazia, alforriasse também o velho Ayuba para lhe servir de companheiro e guia em sua nova vida. Magnânimo, Sálvio alforriou sem ônus o velho escravo, o qual, diga-se de passagem, pela idade, ia se tornando cada dia mais improdutivo, pagando-lhes igualmente as passagens de navio para a Judéia.

Chegando à pátria localizaram-se na região de Lida há uns quarenta quilômetros de Jerusalém, numa pequena herdade comprada com sacrifício em parcelas que lhes levavam quase todo o estipêndio mensal.

A vida ia se desenvolvendo lentamente, com eles sempre a um passo da miséria, tendo de suportar privações constantes.

Quando Josué completou trinta e nove anos, um fato veio quebrar sua triste rotina: eram notícias trazidas por mercadores e viajantes a respeito de um galileu, o qual

estava realizando curas extraordinárias pelo país. Nem ele nem Ayuba deram o menor crédito às histórias fantásticas sobre coxos que andavam a uma simples ordem, leprosos cujas feridas e mutilações desapareciam na hora.

No início do ano seguinte, porém, a cidade de Lida foi visitada por Joaquim Bartimeu, que viera em visita a parentes e a quem acontecera uma cura notável realizada pelo Galileu.

Como atestavam seus parentes, Bartimeu ficara cego aos vinte anos em virtude de insidiosa e incurável doença. Sem recursos para sobreviver, recorrera à mendicância, exercendo seu mister no caminho entre Jericó e Jerusalém, onde o fluxo de caravanas e viajantes isolados era intenso. Certo dia, desempenhava sua atividade quando, *ouvindo os passos da multidão que transitava, perguntou o que era. Informaram-no de que Jesus, o Nazareno, estava passando. Ele já escutara os prodígios que aquele homem realizava e, em seu íntimo, anelara encontrá-lo a fim de lhe solicitar a bênção de tornar a ver. Não perdeu pois a oportunidade: E ele pôs-se a gritar: Jesus filho de Davi, tem compaixão de mim! Os que estavam à frente repreendiam-no para que ficasse em silêncio; ele, porém, gritava mais ainda: Filho de Davi, tem compaixão de mim! Jesus se deteve e mandou que lho trouxessem. Quando chegou perto, perguntou-lhe: Que queres que eu te faça? Ele respondeu: Senhor, que eu possa ver novamente! Jesus lhe disse: Vê de novo; tua fé te salvou! No mesmo instante, ele recuperou a vista*⁴⁸.

Diante do fato irretorquível, Josué encheu-se de esperança. Iria procurar aquele Rabi, e lhe rogaria tanto, que haveria de devolver-lhe a vista também.

O único problema era saber com precisão onde Jesus se encontrava, porque vivia a se deslocar de um lugar para outro anunciando a chegada do *Reino de Deus*.

⁴⁸ Lc. 18, 36-43.

No auge dos seus planos, Ayuba adoeceu gravemente, vindo a falecer nos primeiros dias de Nisã⁴⁹. Mal sepultara o velho companheiro de infortúnios, soube que o Mestre Galileu se encontrava em Jerusalém. Como estavam próximos da Páscoa, muitos peregrinos em caravana passavam por Lida. E não lhe foi difícil encontrar lugar numa delas.

Entrou na cidade pela porta de Jope, após a hora nona⁵⁰. Pelo frio que fazia, sentia que o céu estava coberto de nuvens escuras prenunciando tempestade, como vieram confirmar os trovões que, pouco depois começaram a reboar.

Despedindo-se dos companheiros de viagem, buscou informações sobre o Nazareno com as pessoas que se locomoviam pela rua onde se encontrava. Juntou-se logo um grupo ameaçadoramente, à sua volta, indagando-lhe sobre o que desejava com o galileu.

Desconcertado com a reação respondeu, humilde, que vinha lhe pedir a cura de sua cegueira. Zombarias e gargalhadas acolheram a resposta. E, rudemente, lhe disseram que o tal Jesus não passava de um farsante, – um embusteiro, um pretense Messias, que fora preso e não lograra convencer o Sinédrio da veracidade do que se dizia sobre ele, tendo sido condenado à morte por blasfêmia. Acabara de morrer na cruz, como castigo pelo seu charlatanismo.

Num momento, Josué sentiu ruírem os sonhos e esperanças que acalentara.

O curso de suas reminiscências foi interrompido pela chegada de alguém que o saudou com voz alegre, de timbre inesquecível.

– A Paz esteja contigo, Josué!

Ao que ele replicou, admirado.

– Quem és? E como sabes meu nome?

– Vieste me procurar, Josué, e eu estou aqui para te atender.

⁴⁹ Primeiro mês do calendário hebraico, correspondente a março/abril.

⁵⁰ Três horas da tarde.

Ouvindo tais palavras, o pobre cego prorrompeu em soluços, dizendo:

– Ah senhor! Por quem és, não brinques com minha infelicidade Deves saber que buscava Jesus de Nazaré com a esperança de que me restituísse a visão, mas cheguei tarde. Ele foi executado pelo Sinédrio.

O inesperado visitante redargüiu-lhe:

– Josué, meu irmão. Tenho acompanhado tuas lutas e sofrimentos com muito carinho e atenção. Sofreste sempre com resignação e humildade. Os infortúnios serviram de abençoada lixívia, purificando-te a consciência de erros cometidos no passado quando, carregando o cetro de Israel, abusaste do poder que o Pai te concedera, praticando iniquidades de toda sorte. A condição humilhante de escravo te ensinou o valor da liberdade, tanto própria como dos outros. A cegueira te fez entrar em contato com o teu mundo interior, te levando a longas, e profícuas, reflexões sobre a vida, o destino e os impulsos que motivam ações, por vezes negativas. Também, a falta da visão te fez valorizar a capacidade de ver, e ver com misericórdia e compaixão. Agora, pois, te achas capaz de voltar a enxergar, com proveito, as belezas criadas pelo Pai, com os olhos limpos da maldade e do erro.

No mesmo instante a visão retornou aos olhos do filho de Elisama. A primeira coisa que enxergou foi a radiante figura de inexprimível beleza que lhe estendia as mãos bem feitas, tendo junto a si uma mulher vestida de safirina luz, na qual, estuante de alegria, reconheceu sua inesquecível mãe...

No dia seguinte, descobriram o cadáver de um desconhecido numa gruta do vale do Cedron, perto da saída do esgoto do sangue dos sacrifícios, cuja entrada localizava-se na parte inferior do altar dos Holocaustos. Apesar da inusitada expressão de alegria estampada no rosto, não chegou a causar nenhuma surpresa aos seus descobridores, pois cadáveres de mendigos anônimos eram achados comuns nas ruas e arredores da Cidade Santa.

A Misericórdia Divina

O serviço de alimentos aos necessitados fora intenso naquele dia na modesta casa de Simão Pedro, situada a uns quinhentos metros da pequena enseada existente na orla do lago.

Cansados mas com os espíritos penetrados por uma profunda sensação de alegria e paz, os discípulos se reuniam entre abraços de despedida em torno do Mestre querido.

Do alto do firmamento, o plenilúnio envolvia a natureza num imenso lençol de prata eterizada.

O Messias, despedindo-se de cada um com palavras de incentivo e carinho, informou a Simão que teria de sair, só devendo retornar pela manhã. Apesar do adiantado da hora, ninguém estranhou o fato, pois o Rabi costumava passar noites ao ar livre, em oração, nas cercanias de Cafarnaum.

Antes de se dispersarem, ficaram olhando a figura esbelta do Rabi que se afastava, até que ela foi encoberta numa das voltas do caminho.

Longe dos olhares dos discípulos, enquanto caminhava, Jesus desapareceu repentinamente, como uma miragem que se desfaz, ou uma aparição...⁵¹

⁵¹ Tem-se aqui um “fenômeno de transporte”, o qual acontece com objetos e pessoas, conforme demonstram as pesquisas parapsicológicas. O Novo Testamento narra casos desse tipo, acontecido com o presbítero Filipe (não o Apóstolo), conforme narrado em At 8, 39-40. Leiamos o que nos diz sobre este episódio o

A sudoeste do Mar da Galiléia, distante uns três quilômetros de Cafarnaum, um homem atinge o topo esquerdo dos *Chifres de Hatim*, pondo-se à beira do abismo que despenca a uns trinta metros, na face que olha o lago. Sua aparência causa piedade. As vestes rotas e sujas deixam à mostra porções do corpo onde o sangue coagulado denuncia cortes diversos, já bastante inflamados pela falta de tratamento adequado e contusões generalizadas, principalmente no rosto que apresentava o lado esquerdo arroxeadado e intumescido. Nos olhos vidrados e distantes, onde profundas olheiras falam do cansaço e exaustão, lê-se a deliberação fatídica do suicídio.

Antes da impulsão no vazio, sua mente repassa, pela enésima vez, os eventos que culminaram naquela determinação extrema.

Ele, Oziel de Genesaré, era um homem cuja vida transcorria tranqüila e com relativa felicidade. Seu pai, Abdias Ben Aminadabe, deixara-lhe como herança um sólido patrimônio em terras e rebanhos de ovelhas. Aos trinta anos casara-se com Rute, filha de Itamar, o levita, por quem nutria um profundo amor. Dessa união nasceram dois filhos, Oséias e Amiel, atualmente com doze e dez anos respectivamente.

Seu problema, porém, era uma profunda ambição pela riqueza e os privilégios que ela prodigalizava. Vivia a falar com admiração e inveja sobre as grandes fortunas da Judéia, destacando a maneira como foram adquiridas, ressaltando o espírito de ousadia e coragem dos que se arriscavam em grandes especulações, conseguindo enriquecer de um dia para o outro. Quando lhe apontavam os

filósofo e teólogo protestante Russel Norman Champlin: “O que encontramos aqui, entretanto, é alguma experiência de transporte divino, que levou Filipe para algum lugar, removendo-o instantaneamente da presença do eunuco. O fenômeno do transporte psíquico, ou teleportação, é conhecido entre as diversas manifestações estranhas da personalidade humana, sendo objeto, atualmente, das pesquisas da parapsicologia” (Champlin, 1982, Vol. III, p. 185)

que haviam fracassado caindo na mais absoluta miséria, minimizava o fato rotulando-os de incompetentes e incapazes.

Em seus momentos de descanso, deixava a imaginação galopar, vendo-se mentalmente em altas transações comerciais ou como membro do mais elevado círculo financeiro da Judéia, onde denários e sestércios eram citados aos milhões.

Um dia, resolveu arriscar tudo em um negócio que lhe rendesse grande lucro, sendo o passo inicial de sua ascensão financeira.

Contra as ponderações dos amigos mais chegados que procuraram dissuadi-lo apontando os riscos do empreendimento e o perigo de trocar sua situação estável por uma aventura de conseqüências imprevisíveis, empenhou seus bens a banqueiros siro-fenícios, demandando à cidade de Damasco. Ali adquiriu várias mercadorias a preços vantajosos, preparou uma caravana, contratando inclusive alguns soldados romanos para escoltá-la, empreendendo o regresso, cheio de esperanças e sonhos.

A viagem transcorria tranqüila quando, numa região deserta após o lago Hulé, aconteceu a tragédia: os soldados contratados resolveram roubar o carregamento e mataram todos os que faziam parte da caravana, tendo ele escapado por haver caído no Jordão e os ladrões admitido que morrera afogado. Sendo, porém, um filho das margens do Quineret, acostumado ao nado e ao mergulho, conseguiu alcançar a outra margem, enquanto os bandidos fugiam com as mercadorias.

Num primeiro impulso, pensara em retornar à Cesaréia de Filipe para solicitar providências às autoridades, a fim de reaver seus pertences. Entretanto, a recordação de compatriotas seus lesados por cidadãos romanos que, representando em juízo contra eles, nada conseguiram, tendo, inclusive, alguns, desaparecido sem deixar vestígios, enquanto outros foram encontrados mortos, com seus

cadáveres mutilados de forma cruel, levou-o a desistir do intento. O desespero da impotência fê-lo caminhar automaticamente no rumo de sua terra natal, de seu lar. Quanto mais se aproximava, porém, imaginava a situação constrangedora de ter que enfrentar os amigos, os quais tanto lhe haviam advertido contra os perigos da empreitada. Sentia vergonha principalmente de facear a esposa e os filhinhos de mãos vazias e, pior ainda, sem condições financeiras de sustentá-los, falido irremediavelmente como estava.

Assim, o suicídio insinuara-se em sua mente como único recurso para fugir à humilhação e à miséria...

Quando o corpo de Oziel inteiriçou-se para o salto, uma voz soou às suas costas, fazendo-o voltar-se assustado:

– A vida é um dom de Deus, meu amigo e só Ele pode tomá-la. O suicida assemelha-se a um mordomo infiel que destrói os bens sob sua guarda, traindo a confiança nele depositada.

Ante o olhar espantado de Oziel estava um homem de aspecto singular: cabelos longos que a brisa da madrugada agitava irreverente; barba cerrada, acompanhando as linhas bem feitas do rosto, e terminando em ponta sob o queixo; pele alabastrina, deixando entrever os traços azuis das veias; porte elegante e uma sensível aura de simpatia que parecia dele evolar em ondas consecutivas, enquanto os olhos, separados por um nariz de belo feitio, transmitiam segurança e autoridade.

Extasiado na contemplação do desconhecido, continuou a beber, atento, suas palavras, moduladas por uma voz de timbre agradável e firme:

– Além disso, o suicida é um imperdoável egoísta que, enxergando apenas suas desventuras, delas busca fugir sem se importar com a situação desesperadora e infelizes dos que ficarão para arcar com as conseqüências de sua irresponsabilidade.

Ante tais colocações, Oziel, caindo em si, pôs-se a refletir na situação difícil em que sua esposa e filhos

ficariam se ele desertasse da vida, como pretendia, passando a chorar copiosamente, enquanto o desconhecido prosseguia com bondade.

– Viver no mundo, Oziel, é um ato de grande responsabilidade. Cada atitude nossa, mesmo a mais insignificante, gera conseqüências que nos são vinculadas de forma automática e irreversível. Cada indivíduo é, a todo instante, defrontado pelos efeitos de suas ações, subjetivas ou objetivas, tornando-se, portanto, o artífice do seu próprio destino. Vê o teu caso. És o único responsável pela situação em que te encontras. Alimentaste a ambição com sonhos de glória e poder e te lançaste, de forma irresponsável, numa louca aventura, na qual comprometeste o destino de pessoas que são tuas dependentes, antes de qualquer coisa. A lei de Deus, todavia, faz o seu julgamento levando em conta os atenuantes e, também, a importância do réu para o grupo social a que pertence. No teu caso estão sendo contadas as ações meritórias que tens praticado. O socorro inestimável que prestaste à família de Abiu, o pescador, após ele ter morrido afogado no lago, durante uma tempestade; a forma como, discretamente, auxiliaste Benaia Barjizreel a resgatar a mulher e os filhos, os quais iam ser vendidos como escravos, por causa de suas dívidas; e os pobres das cercanias de Genesaré que sempre receberam de tuas mãos o auxílio necessário e preciso. Desde que partiste, eles têm rogado ao Pai proteger-te e amparar-te e, embora não seja possível sustar as provações que se iniciam, tanto tuas como dos teus, elas serão bastante atenuadas. O bem que fazemos age como abençoada lixívia sobre as nossas consciências culpadas, esmaecendo as conseqüências das ações infelizes.

Ante o silêncio que se fez em seguida, Oziel dirigiu-se ao seu inesperado salvador:

– Quem és tu senhor? E como sabes tanto sobre minha vida e minhas ações?

Com a face iluminada por um sorriso de bondade, o notável personagem respondeu, enquanto, passando o braço sobre os ombros do genesareno, o levava a descer do morro a caminho de Cafarnaum.

– Sou Jesus, teu irmão. Quanto ao resto, mais tarde ficarás sabendo.

Para os lados do Oriente, incipiente dilúculo matutino começava a preparar o festival de luzes de um novo dia, enquanto a brisa da madrugada parecia difundir uma delicada canção, entoada por invisível coral, cujos versos diziam:

Cantemos louvores mil
Ao senhor da criação,
Pois outra ovelha perdida
Nos vãos escuros da vida,
Do seu filho, pela mão,
Está de volta ao redil...

Chegando à cidade, Jesus se dirigiu à casa de Eliúde Barjosiah, o Saduceu, que, convertido ao Evangelho, transformara o seu lar em abrigo dos infelizes, ali deixando Oziel aos cuidados dele e de Rebeca.

Durante quinze dias, o genesareno participou de eventos memoráveis, vendo e ouvindo coisas sublimes e extraordinárias.

A convivência com o Amor Corporificado transformou, radicalmente seus conceitos sobre a Vida.

Finalmente o Mestre chamou-o e disse:

– Oziel, é chegado o momento de retornares à tua casa para enfrentares as consequências dos teus atos e, com humildade e decisão, retificares o erro cometido.

Ante a angústia que se estampou na face do novo discípulo, prosseguiu:

– Nada temas, meu amigo. Quando enfrentamos os testemunhos com sincera submissão e vontade de acertar,

a Misericórdia do Pai facilita nossos esforços. Mantém-te perseverante na fé que já albergas no coração e conseguirás superar as dificuldades do início, criando uma vida nova, com valores positivos e legítimos.

Chamando em seguida um dos discípulos que estava por perto como que aguardando, continuou:

– Levi te acompanhará a fim de te ajudar na tarefa de regularização dos problemas financeiros. Sei que teu pai, como fiel observador da Lei, ensinou-te o ofício de cordoeiro, e será assim que recomeçarás tua vida. Conforme instruções, Levi te porá em contato com Abner, um querido amigo de Magdala, o qual já se encontra em Genesaré, para te proporcionar os meios de iniciares teus novos labores.

Vai, Oziel, e sê um fiel seguidor do meu Evangelho, um verdadeiro servo de Deus.

Com lágrimas a correrem abundantes pela face, Oziel, em agradecimento, beijou a mão do Mestre que o fitava com imensa ternura. Em seguida, acompanhando o futuro evangelista, partiu ao encontro das novas responsabilidades.

Mais de um ano após esses acontecimentos vamos encontrar, na sala modesta da casa de Oziel, em Genesaré, ele e Abner, que viera trazer uma notícia triste: Jesus fora crucificado pelos romanos, por instigação do Sinédrio, em Jerusalém.

Todos na casa choraram dolorosamente, ante a crueldade perpetrada. Repentinamente, a voz cujo timbre Oziel nunca esquecerá, ressoou no ambiente, fazendo com que se voltassem surpresos:

– Que a Paz esteja nesta casa!

Inebriados de alegria, correram ao encontro do Doce Rabi Galileu que, de braços estendidos, na porta de entrada, aguardava-os com um sorriso de alegria, iluminando o rosto de beleza incomparável.

Triunfo

Enquanto a alvorada tangia as trevas noturnas, abrindo caminho para o festival de luzes com o qual o astro rei daria início a um novo dia, Stéfanos de Quios – como era chamada em lembrança de sua terra natal – meditava tristemente, recostada à parede do quarto.

Era mais uma das inumeráveis noites que passava acordada, cuidando da filhinha enferma. Há alguns instantes ela adormecera, dando-lhe uma oportunidade de descanso. Sabia entretanto que este seria quebrado a qualquer momento pelas crises estranhas e sistemáticas. Afirmava-se que a criança estava possuída por um espírito que a queria matar. Alguns chegavam a insinuar que era a alma de Apolo, seu marido morto há quase um ano, que buscava se apoderar do corpo da filha, inconformado com a morte.

Não podia acreditar nisso. Ele sempre fora um homem gentil e desprendido, caráter franco e leal, sempre disposto a ajudar qualquer pessoa em necessidade, mesmo um desafeto, pois seu coração generoso era incapaz de guardar mágoas ou rancores. Por causa dessa disposição de auxiliar sempre foi que, ao irromper um surto de peste na Siro-fenícia, tanto se expôs no socorro às vítimas que terminou contraíndo o mal, morrendo em consequência.

Bem que o advertira sobre o perigo que corria, mas ele, sorrindo, retrucara:

– Se minhas ações em vidas anteriores escreveram o meu destino de morrer de peste, não haveria como fugir-lhe. Aliás, será melhor enfrentar a morte corajosamente do que ser por ela alcançado em plena fuga. No primeiro caso é a morte do herói, no segundo, a do covarde.

Quando lhe ponderara sobre a sua situação e a da filhinha, se ele viesse a faltar, respondera:

– Nos mistérios de Elêusis aprendemos que a multidão dos deuses representa alguns dos atributos do Deus único e Supremo.

Ele é a providência oculta, sempre a envolver as criaturas em Benevolência, Amor e Justiça. Nós, seres humanos, somos seus filhos, somos de sua *estirpe*, como afirmou o grande Píndaro⁵², logo, só nos poderá advir o melhor, pois o Incognoscível é Pai de Misericórdia. Temos de esperar sempre o melhor desse Pai Infinito. Confiemos em sua proteção e ela nunca nos faltará.

Mesmo no momento da morte, quando em desespero suplicava-lhe que não a abandonasse, dissera, já com voz entrecortada pela agonia:

– Ninguém está só no mundo... Mortos e vivos... continuam... juntos pelos... laços do amor... ou pelos... grilhões do ódio. Suplicarei ao... Pai Supremo... me... conceda a dádiva... de... estar junto,... a vocês ... sempre ...

E essas haviam sido suas últimas palavras.

Definitivamente, quem possuía tão altos sentimentos não poderia ser o algoz da própria filha.

Envolvida por tão tristes lembranças, Stéfanas chorava, enquanto o barco de sua mente singrava o mar sombrio das lembranças.

Com velocidade milhões de vezes superior à da luz, seu pensamento voou na direção do passado, aportando nas ridentes praias de sua infância em Quios.

⁵² Píndaro (522 – 442 a.C.) – Poeta tebano, lírico e religioso.

O extraordinário fenômeno da memória fê-la reviver, com riqueza de detalhes, o verde esmeralda do mar em torno da ilha; o marulhar das ondas, os vastos vinhedos, cujos bagos grandes e opimos propiciavam o apreciado vinho que fazia a riqueza daquela colônia dos Jônios, as brincadeiras infantis por entre as oliveiras e figueiras, à semelhança dos folguedos ali vividos por Homero, o Imortal Rapsodo.

Depois, a mudança para Tiro, a juventude de sonhos e as oferendas a Vênus e Eros para que lhe fosse proporcionado viver um grande e definitivo amor.

Finalmente o encontro com Apolo, belo, bom e gentil, por quem se apaixonara imediatamente, sendo correspondida na mesma intensidade.

O casamento que lhe proporcionara quase cinco anos de imensa e inesquecível felicidade.

A brutal separação pela morte...

Ao recordar o triste evento, seu peito estourou em doridos soluços, que acompanhavam o caudal de lágrimas a lhe escorrerem pela face.

Inesperadamente, sentiu-se tomada de estranho torpor, seguido de um delíquio que a fez sentir-se como caindo num abismo escuro e profundo. Tão rapidamente como surgira, o mal-estar desapareceu, dando lugar a uma agradável sensação de leveza e bem-estar. Era como se flutuasse, leve e solta, à semelhança de uma pluma que o vento carrega e dirige.

Esse sentimento era tão intenso e real que ela abriu os olhos a fim de verificar o que estava acontecendo. Qual não foi o seu susto ao ver o teto a apenas alguns centímetros do seu rosto. Viveu, porém, momentos de pavor quando, ao olhar para baixo, viu o seu corpo junto ao da filha, em estado de sono profundo. Acalmou-se, contudo, ao ouvir a – voz de Apolo a lhe dizer:

– Não tenhas medo, nem te preocupes em entender o que se passa. Entrega-te completamente à minha influência, deixando-te conduzir ao meu encontro.

Prazerosamente atendeu às diretrizes daquela voz adorada, sendo arrastada, suavemente, através do teto, em direção ao infinito.

Em plena volitação via, extasiada, o céu da madrugada, levemente tingido de luz aos primeiros afagos da alvorada.

Impossível estabelecer a duração da viagem inusitada. Racionalmente, com base no deslocamento vertiginoso, Stéfanas poderia afirmar que consumira poucas frações de segundos, todavia, ante a expectativa de rever o esposo, era como se acontecesse numa irritante extensão de tempo.

Subitamente, olhos arregalados de assombro, viu descortinar, à sua frente, a bela paisagem dos promontórios ao norte do porto⁵³ de Tiro, onde vira Apolo pela primeira vez : e lá estava ele de braços abertos, para os quais se precipitou como um viajante, perdido nas vastidões crestadas do deserto, ao encontrar uma nascente amiga e generosa.

Durante largos instantes, entre risos, soluços, lágrimas, frases desconexas e beijos, extravasou toda a emoção contida nos infindáveis anos de solidão.

Por muito tempo se acariciaram com a avidez de toques dos amantes, que traduz uma ânsia compulsiva de fusão de suas essências espirituais.

Lentamente, ao influxo das palavras de tranqüilidade do esposo, asserenou-se-lhe o tumulto interior e os dois puseram-se a conversar, enquanto passeavam sobre os alcantis, por entre vergéis de flores luminosas e perfumadas, que instilavam Paz e Alegria.

Após a natural permuta de expressões de saudade, Apolo esclareceu-a que, passado o período crítico de

⁵³ Criação ideoplástica do Espírito para a entrevista.

adaptação ao Mundo Espiritual, vinha buscando ajudá-las nos momentos disponíveis. Ela, porém, cultivando a tristeza, sistematicamente, não oferecia campo mental para receber suas inspirações e consolar-se com sua presença.

– Somente hoje, quando teus pensamentos se demoraram na reminiscência de nossas conversas em tomo de Deus e do destino, tive condições de promover este encontro. Doravante mentaliza a

Alegria e a Esperança, pois a Bondade Divina guarda tesouros de felicidade para os que mantêm a confiança, apesar das tribulações e dificuldades.

Como Stéfanos pensasse na angústia que lhe causava a situação da filha, ele lhe disse:

– Sei que a doença de nossa filhinha te martiriza o coração, todavia, se tivesses meditado em nossas conversas a respeito das vidas sucessivas e sobre a justa retribuição dos nossos atos, terias conseguido reservas de ânimo e coragem para enfrentar a adversidade mais tranqüilamente. Não obstante, os momentos de dor de nosso amado rebento poderão findar hoje mesmo, desde que faças o que vou recomendar.

Ante os protestos de Stéfanos, de que seguiria à risca suas instruções, ele prosseguiu:

– Recorda-te dos tempos em que freqüentei, como simpatizante, as reuniões da sinagoga de Tiro. Várias vezes conversei contigo sobre o Ungido que os israelitas esperavam, o qual viria estabelecer um eterno reinado de paz. Pois bem, o descendente de Davi, o rei poeta, já está entre os homens. Hoje mesmo, o Esperado estará passando por nossa cidade. Assim, coloca-te à espera na Praça do Mercado, por volta da terceira hora, e vê-lo-ás. chegar pela Rua dos Tintureiros. Irás reconhecê-lo e o verás facilmente, pois nunca houve alguém com tanta beleza, simpatia e elegante simplicidade. Além do mais, estará acompanhado de doze discípulos que o ajudam em sua sagrada

tarifa. Quando o vires, vai ao se encalço e suplica, com humildade, mas com veemência, a saúde de nossa filha, e ele a concederá. Não duvides, em momento algum, de que ele poderá restaurar-lhe o equilíbrio orgânico. Confia com toda a alma.

Após ligeira pausa, fitando-a enternecido, acrescentou:

– Agora é hora de voltar aos deveres necessários

E ante os dois tristes aljôfares que lhe tombaram dos olhos, concluiu:

– Recorda o que te disse sobre a Esperança e a Resignação e tem a certeza que estou sempre contigo.

Ao toque suave de sua destra na testa, foi tomada de ligeira vertigem e, quando voltou a si, estava de volta ao quarto, ao lado da filha. O sol já esplendia no firmamento, osculando a natureza com seu beijo cálido. Stéfnas, radiante de alegria, sentia-se como alguém que renascia para a vida. O episódio que se seguiu está assim narrado no Evangelho de Mateus:

E, saindo dali (Genesaré, onde havia discutido com alguns escribas e fariseus enviados pelo Sinédrio)⁵⁴, Jesus partiu para as regiões de Tiro e de Sidon. E eis que uma mulher cananéia, daquela área, clamava em alta voz, dizendo: Tem misericórdia de mim, Senhor, filho de Davi, porquê minha filha está horrivelmente possuída (último grau da obsessa. Ele, porém, não lhe respondeu palavra. Chegando-se a ele os seus discípulos, rogaram, dizendo: Manda-a embora, pois vem gritando atrás de nós. Ele respondeu, dizendo: Não fui enviado a não ser às ovelhas perdidas da Casa de Israel (os judeus). Veio ela, porém, e o homenageou, dizendo: Senhor, ajuda-me! Ele, todavia, respondeu: Não é bom tomar o pão dos filhos e jogá-lo aos cachorrinhos. Ela disse: Certamente, Senhor, porém até os cachorrinhos comem as migalhas que caem da mesa dos seus

⁵⁴ Neste parágrafo, as frases entre parênteses são esclarecimentos meus.

*donos. Respondeu-lhe Jesus: Oh mulher! Grande é a tua fé, aconteça como queres. E desde aquele momento sua filha foi curada*⁵⁵.

Desde então, Stéfanos sentiu um profundo desejo de conhecer mais a respeito daquele homem extraordinário. Buscou informações com Jair, o Israelita, em cuja casa o Mestre se hospedara durante a permanência em Tiro.

Jair era um bondoso judeu de meia idade, discípulo de Jesus, desde quando tivera a saúde restaurada por um simples toque de sua mão.

– Ele é o Prometido pelas Escrituras. Respondeu-lhe, empolgado. O Príncipe da Paz de Isaías, que restabelecerá o Paraíso que perdemos, por causa da desobediência de Adão e Eva. Ele é Poderoso em Feitos e Imenso em Bondade. Junto dele se respira Amor, Harmonia e Paz. Sua voz suave possui tanta autoridade que os espíritos imundos, mais violentos e empedernidos obedecem às suas ordens, amedrontados e respeitosos.

E, por longo tempo, Jair desfilou uma série de notáveis curas, realizadas por Jesus. Falou, também, de sua Doutrina de Fraternidade e Altruísmo, Dedicção e Amor. Relacionou um grande número de pessoas de vida desregrada e até criminosa, modificadas completamente pelos seus ensinamentos. A mulher grega escutava embevecida, sentindo nascer na alma em desejo intenso de seguir aquele homem inigualável. Ao se despedir do velho hebreu, já traçara um plano em sua mente: venderia seus bens, colocando o resultado nas mãos de financistas judeus para que, com os juros, pudesse levar uma vida digna, juntamente com sua filha. Em seguida, iria para Cafarnaum, para junto do Rabi que tanto a ajudara, a fim de dedicar-lhe a vida. Nessa mesma noite, sonhou com Apolo, como passara a lhe ocorrer com freqüência, o qual lhe aprovou os planos demonstrando muita alegria.

⁵⁵ Mt. 15, 21-28.

Concretizando suas idéias, dois meses depois embarcava numa caravana de mercadores gregos que se dirigiam à região da Decápolis. Chegando a Cafarnaum, integrou-se ao grupo dos discípulos e, junto com as outras mulheres, passou a trabalhar na assistência aos pobres e sofredores.

Stéfnas e Astréia, sua filha, acompanhavam o Mestre em suas viagens como discípulas fervorosas e atentas.

Quando o Nazareno, naquela que seria a última etapa do seu ministério entre nós, deslocou-se para a Judéia, elas o acompanharam. Participaram dos eventos da semana fatídica da crucificação, compartilhando a crença comum dos outros discípulos na implantação imediata do *Reino*. Acaso não fora Jesus aclamado pela multidão dos peregrinos, reunida para celebração da Páscoa, como ninguém jamais o fora na Cidade Santa, desde muitas gerações? Nenhum deles ousava expressar suas convicções, pois bem conheciam a forma enérgica pela qual o Rabi reprimia quaisquer insinuações nesse sentido.

Os discípulos mostravam-se enlevados pela forma como o povo reagia favoravelmente às prédicas de Jesus, e se deliciavam com a raiva impotente das diversas facções do templo, expostas ao ridículo diante da multidão, pelas respostas seguras e contundentes que lhes dava.

No rosto dos adeptos desenhava-se, permanentemente, o sorriso alegre dos que têm a certeza de que a vitória está à mão.

Quando a notícia da prisão do Mestre chegou à casa de Tobias Benadim, em Betfagé, onde Stéfnas e Astréia haviam ficado naquele dia, o choque foi indescritível. Levi, o publicano convocado pelo Mestre para as lides espirituais, pusera-se a chorar convulsivamente:

– Eles o prenderam no Getsêmani. Disse por entre soluços. A maioria de nós dormia despreocupadamente, quando os soldados do Templo chegaram, trazidos por Judas de Qerioth, miserável traidor. A revelação motivou

um coro de exclamações indignadas. Quando o dono da casa as fez cessar, Levi prosseguiu:

– Pedro reagiu atacando o comandante da escolta, de espada em punho, e decepou-lhe a orelha. Íamos seguir-lhe o exemplo, mas o Mestre se antecipou, repreendendo a Pedro e, com a generosidade de sempre, curou o soldado. Então, tomados de medo, fugimos, abandonando-o à própria sorte...⁵⁶

Neste ponto, suas lágrimas explodiram, incontroláveis, enquanto um silêncio de consternação invadia a casa.

Se a madrugada do parasceve foi de angústia, o sofrimento dos discípulos, durante o dia, superou tudo o que se possa imaginar.

Stéfanas, Astréia, Levi, Tobias e outros seguidores demandaram Jerusalém pela manhã, bem cedo, em busca de notícias. Nas imediações do Pretório souberam que Jesus havia sido enviado por Pôncio Pilatos a Herodes Antipas, e se dirigiram ao palácio deste, onde permaneceram, misturados à multidão.

Muito doía-lhes ouvir os expletivos injuriosos e as calúnias proferidos pelo povo em relação a Jesus. Muitos deles, com certeza, haviam-no saudado poucos dias antes, aos gritos de *Salve o Filho de Davi, Louvado seja aquele que está vindo em nome do Senhor*⁵⁷, enquanto estendiam flores e ramos aos pés do burrico que ele montava.

Cada observação infamante doía fundo na alma de Stéfanas e sua filha. O pior sofrimento, contudo, estava em não poder refutar as objurgatórias, defendendo o Rabi amado, pelo medo da multidão furiosa, além do estado de profunda perplexidade que as possuía, diante do evento inesperado. Nunca lhes passara pela mente que aquilo

⁵⁶ Este episódio é rejeitado por alguns estudiosos, pois a descrição da prisão de Jesus, no Quarto Evangelho (Jo 18), está eivado de ocorrências fantásticas.

⁵⁷ Mt. 21,9.

pudesse acontecer. Sabiam que a camarilha do Templo conspirava contra o Mestre, contudo ele sempre os reduzia a mais completa impotência, através de manobras bem realizadas de constantes e inesperadas mudanças de lugar. Outras vezes colocava-os em posição difícil ante a multidão que, de imediato, tomava-lhe partido dando a necessária proteção. Naquela semana, todavia, mudara completamente sua estratégia, pondo-se em situação vulnerável.

Quando o Mestre, ferido e alquebrado, apareceu em meio a um destacamento romano, as lágrimas correram, incontroláveis, dos olhos dos discípulos. A multidão começou a uivar como uma imensa matilha de cães selvagens. Os mais exaltados, incentivados pelos sacerdotes, avançavam com o intuito de linchá-lo, sendo contidos à distância pelos chuços dos soldados.

Jesus, empurrado brutalmente com o coto das lanças, era levado aos arrancos, mostrando no rosto desfigurado a marca das sevícias sofridas naquela noite de agonia.

Os adeptos, com a alma em frangalhos, seguiram-no até a fortaleza Antônia, como se estivessem vivendo um sinistro pesadelo.

O transcurso do dia foi um interminável suceder de agonias. O ápice, entretanto, começou a ser atingido após a emissão da sentença de morte por crucificação. Stéfanas e Astréia compartilharam cada sofrimento do querido Nazareno, desde a saída do Pretório, carregando a trave da cruz, até o instante do sepultamento apressado. Os golpes de açoite, as agressões gratuitas, as crueldades de toda sorte sofridas por ele, repercutiam dolorosamente em suas almas sensíveis. O sadismo da crucificação, que provocava contorções de sofrimento superlativo no Sublime Mártir, dilacerava suas fibras mais íntimas, enlouquecendo-as de dor. No sofrimento que as empolgava, junto com as outras discípulas, eram outras tantas Maria de Nazaré que, estátua viva de dor, jazia petrificada a poucos metros do madeiro.

Mãe e filha ajudaram a ligeira preparação do cadáver do Justo, com as essências e tecidos trazidos por Nicodemos, acompanhando a colocação do corpo no sepulcro que José de Arimatéia, arrostando os preconceitos de sua posição, colocara à disposição.

Tudo acabado, retornaram à casa de Tobias Benadim, onde chegaram ardendo em febre alta, que lhes fazia delirar. Apesar dos cuidados de que eram objeto, e dos remédios ministrados, a temperatura não se lhes normalizava.

Mergulhadas na crise orgânica, mãe e filha não participaram dos eventos extraordinários que começaram *quando já se aproximava o início do primeiro dia da semana*⁵⁸, após a tragédia do calvário.

As aparições de Jesus multiplicavam-se com todas as provas de objetividade ante os discípulos deslumbrados e felizes.

Alguns dias após a crucificação, Levi, renovado e feliz, comentava na casa de Tobias como o Senhor lhes aparecera na sala onde haviam comido a última ceia, local em que permaneciam trancados, amedrontados e abatidos:

– Rute colocara alguns alimentos sobre a mesa, mas nenhum de nós sentia fome. O silêncio opressivo só era quebrado por soluços ou exclamações de tristeza e desânimo. Eu, com o rosto entre as mãos, meditava nos tristes acontecimentos, quando ouvi aquela voz inesquecível dizer...

– A Paz seja convosco!

Todos se voltaram espantados para o centro da sala onde Jesus, com um doce sorriso a iluminar-lhe o semblante, fitava-os com seus belos olhos claros.

Ninguém será capaz de escrever a alegria que se apoderou deles.

⁵⁸ Mt 28, 1.

Quando serenou a balbúrdia, o Mestre, se dirigiu ao quarto onde Stéfanos e Astréia jaziam prostradas pela febre pertinaz.

Uma vez ali, tocou-as e, no mesmo instante, a febre desapareceu.

Como se despertassem de um longo sono, abriram os olhos estremunhados. Ao depararem com Jesus, atiraram-se em seus braços num transporte de alegria, falando de um pesadelo em que Ele era morto, cruelmente numa cruz. Depois de acalmadas, certificaram-se que o fato havia realmente ocorrido. Estavam ante o Mestre ressurrecto, o que foi motivo para uma nova expansão emotiva, agora de diferente aspecto.

Durante algum tempo, o redivivo conversou com seus espantados seguidores, em seguida despediu-se, solicitando-lhes que fossem para Galiléia, onde desejava conversar com seus discípulos, pela última vez. Finalmente, desapareceu à vista de todos, deixando no ambiente uma onda de perfume tão suave, como nunca existiu em toda a terra.

Cumprindo a determinação do Mestre, demandaram a Cafarnaum, onde, num dia inesquecível, viram-no em exuberante demonstração de imortalidade. Ouviram suas últimas recomendações e, chorando de saudade, testemunharam o seu desaparecimento em pleno ar, como névoa matutina aos beijos cálidos do sol da manhã.

Após esses acontecimentos, Stéfanos e sua filha radicaram-se em Jerusalém, na Casa do Caminho, onde se dedicaram ao auxílio dos infelizes.

Quando da perseguição que se abateu sobre a comunidade, na qual Estevão foi martirizado, elas fugiram para Antioquia da Síria onde, algum tempo depois, tiveram a ventura de conviver com Saulo de Tarso, o feroz perseguidor, então convertido ao Evangelho.

Durante esse tempo, a mediunidade das duas mulheres desabrochou em toda a plenitude. Participaram, ativamente,

do intercâmbio mediúnico que se realizava na comunidade cristã daquela importante metrópole do antigo Império Selêucida.

Quando Herodes Agripa I desencadeou feroz perseguição à comunidade Cristã hierosolimitana em 43 d.C., mandando matar Tiago, filho de Zebedeu e prender Simão Pedro, este, após ser libertado pelos Espíritos do Bem, retirou-se para Antioquia. Dali saiu em tarefa de disseminação do Evangelho, levando consigo, entre outros companheiros, Stéfanos e Astréia.

Em 64 a.C., para atender os desejos de Lucius Domitius Nero Claudius, Tigelinus tramou o terrível incêndio que destruiu mais de um terço da Cidade Eterna. Diante da revolta popular, as autoridades, caluniosamente, inculparam os seguidores de Jesus, dando origem a uma feroz perseguição, cuja crueldade e covardia permanecem como nódoa imperecível na história dos povos. Durante essa perseguição foram mortos, entre inúmeros mártires cujos nomes se perderam na noite dos tempos, os apóstolos Pedro e Paulo, coroando com brilhantismo suas extraordinárias vidas.

Stéfanos e Astréia, presas logo no início da perseguição, depois de sofrerem ignominiosas torturas, foram queimadas vivas nos jardins da Domus Imperial, para gáudio dos sádicos e perversos membros da aristocracia romana.

No momento em que o fogo as envolveu num manto de dor e agonia, a perda dos sentidos apagou-lhes a prece nos lábios, balsamizando-lhes o sofrimento. Ao recuperarem a consciência, mãe e filha encontraram-se à beira mar, nos alcantis do norte de Tiro, onde Stéfanos e Apolo se haviam conhecido. Uma vasta assembléia de companheiros, que as haviam precedido no túmulo, envolviam-nas em carinhosas expressões de alegria. Destacando-se do grupo, Apolo estreitou-as num jubiloso abraço levando-as até Jesus que, ladeado por Estevão e Tiago, enxugou-

lhes as lágrimas de alegria e, aconchegando-as ao tórax iluminado por luz indescritível, as conduziu para as resplandecentes regiões, onde vivem as almas libertas da *erraticidade*.

Vida Eterna

A treva noturna era tão densa, que se tinha a sensação de poder tocá-la.

A chuva, em grossas bâtegas, produzia a impressão de que um novo dilúvio fora ordenado por Deus, em castigo aos crimes humanos.

O vento, como o lamento angustiado de um espectro errante, açoitava a natureza em fúria alucinada e aterradoradora.

Relâmpagos, raios e trovões davam um toque de surrealismo dantesco à terrível procela, instilando o medo no coração de homens e animais.

Na casa de Tobias Benadim, em Betfagé, reinava uma atmosfera de opressão e agonia, pontilhada de tristes lamentações murmuradas por entre gemidos e prantos abafados.

No quarto que lhe fora destinado, Levi soluçava com a alma estraçalhada de dor, como soem fazer aqueles que tiveram, num só golpe, esmagados os sonhos, alegrias e esperanças; os que sorveram até o fim o cálice de fel da amargura. Em sua mente rugia uma tempestade tão violenta quanto a que se esbatia contra as paredes da casa. Os pensamentos em desalinho eram um suceder de imagens formadas pelos cruéis eventos da prisão, martírio e morte de Jesus, seguidos da angustiosa e irrespondível inquirição: – Por quê?

Aos pés do apóstolo desenrolava-se o pergaminho onde, desde que conhecera o Mestre, anotava, de memória, seus ditos e discursos que lhe tocavam a sensibilidade.

Num momento em que, por entre véus de lágrimas, os olhos do discípulo se fixaram sobre o manuscrito, a mente conturbada começou a serenar, enquanto sua memória voltava no tempo, fazendo um balanço retrospectivo de sua vida.

Começou por recordar os dias primaveris da infância, a figura austera, mas bondosa de seu pai. O dia de sua morte deixara-lhe a mesma sensação de desamparo que sentia no momento. Em seguida, foram os anos de lutas, pois a perda de seu pai deixara a família em situação financeira precária. Durante aquele período de dificuldades e penúrias sobressaía a personalidade lutadora de sua mãe, cuja fé em Deus não permitia vacilações, fossem quais fossem as circunstâncias. Prosseguindo, voltaram os momentos da juventude, a oportunidade de trabalhar para um grupo de publicanos. Desde então, conseguira a vitória na luta contra a pobreza. A fartura da mesa, a casa imponente, os móveis e decoração preciosos, os servos inúmeros... Mas, também, teve início uma luta dolorosa contra o desprezo social. Por toda a parte ele era agredido pelos doestos e imprecações do anonimato popular. Seus familiares foram obrigados a se afastar do convívio de velhos amigos, sob a pecha de traidores.

Nesse período começara a doença pertinaz e dolorosa de sua mãe, que terminou por levá-la ao túmulo. Quando ainda se achava sob o impacto dessa perda, ouviu as primeiras notícias sobre um Nazareno que realizava prodígios na cidade.

Sendo um bom pragmático, não deu a mínima atenção ao fato, inicialmente. Como, todavia, aumentassem as discussões em torno do forasteiro, sua curiosidade o levou a querer constatar pessoalmente a verdade do que se dizia.

Uma manhã, sabendo que ele estava ensinando e curando numa região fora da cidade, resolveu ir até lá para ver o que realmente acontecia.

Ao chegar ao *Campo dos Três Irmãos*, fora de Cafarnaum, deparou-se com uma imensa multidão, onde avultavam doentes de todos os tipos. Mas, apesar do grande número de pessoas, reinava um profundo silêncio, o que já era um enorme prodígio, pois, devido à diversidade e ecletismo da turba, era de se esperar uma algazarra incontrollável. No ponto mais elevado da aclividade do terreno, que se inclinava até o lago, destacava-se um homem, acolitado por quatro pessoas que ele, como os habitantes da cidade, conhecia muito bem: os irmãos Cefas e André, naturais de Betsaida, e os filhos de Zebedeu, Tiago e João, sócios numa pequena empresa de pesca. Apesar de já ter ouvido rumores sobre a adesão deles ao *Homem de Nazaré*, causou-lhe admiração vê-los assim, tão ligados ao desconhecido, pois sempre os soubera ponderados, além de comerciantes seguros, com um belo futuro pela frente.

De olhos postos no homem, que irradiava simpatia, começou a escutar-lhe a palavra, pois ele dirigia ensinamentos ao povo:

– “... o Reino de Deus não vem com aparências exteriores. Ele nasce no interior de cada um, como resultado de um esforço constante para transformar sentimentos infelizes em impulsos nobres e dignos...”.

A preleção transcorria num clima de absoluta simplicidade. As imagens, despidas de floreios retóricos, encaixavam-se naturalmente, despertando o interesse da multidão. Era um discurso muito diferente dos pronunciados pelos doutores da Lei. As citações dos Escritos Sagrados eram sempre envolvidas em aclaradoras imagens, extraídas do prosaísmo do cotidiano, que dilatavam a compreensão dos seus conteúdos.

A voz do Nazareno, contudo, era a moldura que enriquecia o painel desenhado pelo pincel de seu verbo

iridescente. De uma tonalidade impossível de descrever, prendia pela energia suave e constante. Porém, o que mais o intrigou foi que, por mais distante que se estivesse dele, se escutava palavra por palavra, com a mais absoluta clareza, como se o Rabi estivesse junto de cada um dos ouvintes, conversando em particular.

Levi, ao contato daquela voz, sentiu-se invadido por uma imensa sensação de Paz e Alegria. Seu coração, há muito ressequido, embebeu-se de Esperança e um insopitável desejo de seguir aquele Rabi diferente empolgou-lhe todas as fibras. E as palavras do Mestre, saturadas de consolação, continuaram inundando-lhe a alma com inexprimíveis blandícias, enquanto lágrimas de alegria escorriam-lhe pelas faces.

Após o sublime ditirambo, o doce pegureiro do amor passou a atender os que se cercavam dele, pedindo auxílio. Mantendo-se à distância, Levi teve oportunidade de testemunhar fatos verdadeiramente extraordinários. Doentes de variadas síndromes eram curados de forma radical, sem que ficasse a menor seqüela dos males sofridos. Pôde constatar a realidade de tais curas, verificando-as em pessoas do seu conhecimento, principalmente pobres mendigos, portadores de variadas deformações, deficiências ou chagas repulsivas, contumazes comensais de sua caridade que, alucinados de alegria, passavam por ele a gritar as bênçãos recebidas. Quem não os tivesse conhecido antes, não poderia, sem sólidas provas testemunhais, acreditar que houvessem, algum dia, sofrido tão graves estados patológicos.

Horas depois o transcendental esculápio, juntamente com seus quatro seguidores, atravessou a multidão, dirigindo-se a um barco que os aguardava à borda do lago. Durante a lenta descida, já que a multidão o apertava por todos os lados, impedindo-lhe um mais rápido deslocamento, o Nazareno passou a poucos metros do local em

que o responsável pela coletoria permanecia, fascinado e aturdo pelo que havia presenciado. Seus olhos – como os cabelos e a barba – castanhos claro, auscultaram a turba como se buscasse alguém. Ao se encontrarem com os de Levi, um sorriso doce como um mirífico favo de mel, iluminou-lhe ainda mais o belo semblante. No coletor de impostos, o efeito foi impossível de descrever: Uma paz inefável tomou-lhe o ser, fazendo-o desligar-se do burburinho em torno. A mente, dilatada em infinita extensão, parecia abarcar universos sem conta, ao tempo em que o fazia sentir uma profunda unidade com os seres e coisas de inumeráveis dimensões, e, prodígio dos prodígios um sentimento profundo de ligação completa, definitiva e indissolúvel com o próprio Deus.

Tudo aconteceu segundo as convenções humanas numa fração quase imensurável. de tempo, embora para o agente do fisco houvesse uma sensação de eternidade. Ao retornar a si percebeu que os olhos do Rabi se afastavam, desfazendo aquele instante mágico, e ele, com seus acólitos, prosseguia o caminho tomando o barco que, de velas pandas, singrou em direção de Betsaida Júlias, na confluência do Jordão com Genesaré.

Com o dispersar da multidão, Levi voltou para casa pelo caminho que corria paralelo à margem do lago, de olhos postos na embarcação que se distanciava lentamente.

Não era o mesmo de horas antes. O transe místico que acabara de viver transformara radicalmente sua vida. Em verdade não sabia ainda o que seria de sua existência daí para frente, mas tinha convicção de que ela estava incoercivelmente ligada à daquele homem singular, que *o vento do dia* transportava por sobre as ondas do *Mar da Galiléia*. A expressão *vento do dia* fê-lo verificar que chegara a hora nona, pois o sol despencava célere rumo aos montes da Gaulanítida. Quando viera, iniciava-se a terceira hora, logo ao findar do *cedo da manhã*. Percebia

agora que, juntamente com o povo ali aglomerado, atravessara a hora do almoço e *o calor do dia*, sem que a fome e o cansaço o incomodassem e sem sentir a inclemência do sol dos primeiros dias de Tammuz.

Ainda a fixar a embarcação, agora apenas um ponto ao longe, viu-se envolvido pelos irmãos e criados que, aflitos e desesperados, o haviam procurado por toda a parte, julgando lhe houvesse acontecido alguma desgraça. Envolvido pelas vibrações do estado alterado de consciência de há pouco, acalmou-os com rápidas palavras, demandando seus aposentos para, a sós, continuar a fruir aquele agradável estado de exaltação psíquica, no qual permanecia mergulhado.

Mais tarde, devido à insistência dos seus, tomou algum alimento, indo em seguida para o eirado, onde ficou a meditar nos acontecimentos do dia, sob a luz suave das estrelas do límpido zimbório palestinese, acariciado pela agradável brisa noturna, o célebre *vento da noite*, que soprava do lago para a terra, amenizando o calor do verão.

Nessa noite, após se recolher, o futuro apóstolo teve um sonho inesquecível. Viu-se, juntamente com mais de uma centena de pessoas, numa região de transcendente beleza. Era um anfiteatro natural onde todos se assentavam em meio a flores que possuíam a característica da luminescência, guardando ainda a faculdade de uma cambiante policromia, transformando cada canteiro num caleidoscópio natural. Também saturavam o ambiente com aromas desconhecidos e tranqüilizantes. Safirina luz envolvia o ambiente, sem que se pudesse perceber a fonte que a produzia. Ao centro do semicírculo, Jesus, ladeado pelos quatro irmãos: Pedro, André, Tiago e João, dirigiu-lhes a palavra:

– Meus irmãos! Há alguns meses demos início à tarefa de construção do Reino do Amor e da Paz que haverá de se estender por toda a Terra, materializando o sonho das

almas nobres por um mundo onde Felicidade não seja uma simples abstração.

Dentro do programa que dirige os nossos esforços, alcançamos um momento decisivo: a construção dos fundamentos da *Civilização da Fraternidade*.

Vocês foram escolhidos como meus auxiliares diretos no serviço que começa. Não foram selecionados por algum injustificável privilégio, mas sim porque no passado tiveram participação destacada nos eventos que criaram a atual situação de miséria moral dos homens. Os esforços que têm feito para se recuperarem dos atos infelizes do ontem, somados às qualidades de trabalho e persistência que possuem, credenciam-nos para a tarefa.

Pressinto, entretanto, que alguns não conseguirão cumprir seus deveres até o fim. Mas, de forma geral, nossos objetivos serão alcançados.

Doze de vocês serão meus assistentes diretos. Foram escolhidos por representarem, cada um de per si, uma amostra dos caracteres médios dos seres humanos. Individualmente, refletem os hábitos e atitudes comuns aos homens. O conjunto é um retrato moral da própria humanidade, excluídos, naturalmente, os caracteres extremos.

Preparemo-nos, pois, para as lutas que se iniciam, guardando no coração a certeza de que a Bondade Divina estará sempre conosco, proporcionando-nos os necessários incentivos para que as levemos a bom termo.

Que a paz fique convosco.

Em seguida ao término da edificante reunião, Levi despertou com o coração pleno de alegria e felicidade.

Uma semana depois desses acontecimentos, *saindo dali, Jesus viu um homem sentado na coletoria de nome Mateus, e disse-lhe: Segue-me. E ele, levantando-se, o seguiu*⁵⁹.

⁵⁹ Mt 9,9.

Assim, ele próprio definiu o momento que tão ansiosamente aguardara: de entregar incondicionalmente toda a sua vida ao Príncipe da Paz.

No momento em que suas recordações alcançaram o marco de completa renovação de sua vida, o apóstolo sentiu um toque de mão sobre o seu ombro esquerdo. Despertando das reminiscências, abriu os olhos e num misto de susto e alegria viu a figura adorada de sua inesquecível mãe a fitá-lo com profundo carinho.

A entidade espiritual apresentava-se envolta numa aura azul celeste com cintilações violetas. Antes que pudesse verbalizar suas emoções, o espírito falou:

– Meu filho! Tenho acompanhado tua trajetória na senda do Bem, sob a direção sublime do Justo de Deus. Também sofri, contigo, o martírio cruel a que foi submetido, e nossas lágrimas se misturaram, a cada tortura que lhe infligiam. Contudo, filho amado, entristeço-me por ver que desesperas, esquecido das lições de fé que o Ungido nos deu, com sua própria vida. Confiar, sempre, sejam quais forem as circunstâncias, é o predicado fundamental do seguidor de Jesus. E tu te deixas abater desta maneira, meu querido?

– Mas eles o mataram, mãe.

– E o que é a morte, meu filho? Eu também morri e contudo, estamos a conversar!!!

Nesse momento Levi conscientizou o fato de que estava a conversar com um Espírito desencarnado. Antes que pudesse traduzir seu assombro em palavras, o ser luminoso começou a se diluir lentamente, enquanto dizia:

– Tem fé, meu filho, e aguarda o amanhã cheio de esperança, certo de que a Misericórdia Divina nunca abandona o crente sincero.

A escuridão voltou a envolver o apóstolo enquanto a Paz penetrava-lhe a intimidade, fazendo-o adormecer suavemente.

Pela manhã bem cedo demandou a Jerusalém, indo encontrar vários companheiros já reunidos no cenáculo do Monte Sião.

Havia um desnorreamento geral. Os discípulos haviam convivido estreitamente com o Rabi, e se acostumado a vê-lo realizar prodígios extraordinários, com a maior simplicidade. Sua morte fora, pois, um impacto arrasador em suas mentes. Tentavam raciocinar sobre o fato, emitir hipóteses, encontrar respostas, mas conseguiram, apenas exteriorizar o próprio caos interior.

Choros e lamentações explodiam incontroláveis.

Nesse momento, Maria de Magdala, Salomé e outras mulheres irromperam, sala adentro, gritando, ébrias de alegria.

– O Rabi ressuscitou! Ele vive! Ele vive!

Estabeleceu-se o tumulto até que Pedro, usando toda sua energia, impôs silêncio e interrogando Maria ouviu-lhe a história de como encontrara o túmulo vazio e, no jardim, conversara com o próprio Jesus.

Enquanto uns chamavam as mulheres de loucas, outros exprimiam sua descrença por vários meios. Pedro, seguido por João, correu ao sepulcro voltando com a confirmação de que o corpo do Messias não se encontrava ali. A descrença contudo prosseguia com muitos afirmando que alguém, provavelmente as mulheres ou os sacerdotes, havia roubado o cadáver.

Levi, recordando a visão que tivera durante a noite, sentiu que a esperança crescia em seu coração. Com o retorno de dois companheiros que haviam partido para Emaús dizendo que haviam andado com o Rabi sem o reconhecerem, até o momento em que abençoara e partira o pão, consolidou-se a sua certeza e a Paz voltou-lhe definitivamente ao coração.

Entre os demais discípulos todavia, a incredulidade era a nota dominante.

Quando o desespero e a amargura ameaçavam descambar para o completo desânimo, ouviu-se uma voz conhecida e amada dizer:

– A Paz seja convosco!

Todos puderam então, surpresos e alegres, ver o Messias, vivo e sorridente no meio do aposento. E assim a morte foi vencida em definitivo e a Vida Eterna, triunfante, empolgou o mundo.

A Retribuição

O coração de Harin Benheleb batia fortemente, enquanto o feiticeiro derramava sobre ele o sangue do bode que fora sacrificado. O líquido espesso causava uma sensação aversiva, que o fazia arrepiar-se de nojo irreprimível.

Palavras incompreensíveis saíam dos lábios do mago, em frases sem sentido aparente, enquanto seu rosto se apresentava descorado, e os olhos, estranhamente revirados, apresentavam-se inteiramente brancos, gerando uma fâcies fantasmagórica, amedrontadora.

Harin sentia-se desconfortável, quase arrependido de estar se submetendo àquela cerimônia estranha que, inclusive, era contrária à religião em que fora educado, e na qual acreditava. Mas ele precisava ficar bom daquela paralisia, a qual lhe impedia de viver plenamente, dificultando-lhe trabalhar e, por conseqüência, acarretando problemas financeiros para sua família, que começava a sofrer privações.

O estranho ritual prosseguiu por muito tempo, produzindo cansaço e, depois, estado alterado da consciência, com uma série de visões fantásticas. Num determinado momento, Harin viu-se fora do corpo, presenciando a cena absurda da qual se sentia, ao mesmo tempo, participante. Ao redor do feiticeiro enxergava, assombrado, um grupo de seres disformes, alguns com feições animais, que pareciam ligados mentalmente entre si e ao mago. Depois

de algum tempo, os seres monstruosos tomaram consciência de sua presença, e correram sobre ele, como a querer atacá-lo. Apavorado, atirou-se em direção à sua imagem coberta de sangue, gritando de pavor. No mesmo momento o corpo foi tomado de convulsões, caindo ao chão, contorcendo-se e se debatendo, enquanto os auxiliares do mago tentavam contê-lo. Depois de muita luta, foi dominado e despertou, com lacerações e hematomas por todo o corpo. Porém, o mal-estar que sentia foi superado pela percepção de que o braço direito havia readquirido os movimentos normais.

A alegria da família foi imensa, e tudo pareceu voltar ao normal. Harin retomou a atividade de consertar e construir embarcações para os pescadores de Betsaida, o pequeno vilarejo na confluência do Jordão com o Lago da Galiléia.

Um ano depois da ocorrência, Harin Benheleb começou a ter, periodicamente, sonhos estranhos, nos quais se via em lugares desertos, com paisagens amedrontadoras, onde escutava gritos apavorantes, que o faziam acordar tremendo e coberto de suor.

Aos poucos, os pesadelos se tornaram freqüentes, e mais apavorantes. Agora, sentia-se perseguido por seres semelhantes ao da visão do dia em que fora curado. As solicitações eram cobranças que lhe faziam pelo benefício recebido. Exigiam que lhes sacrificasse animais, bebesse o sangue e comesse a carne crua. Fora beneficiado, agora teria que pagar. Gritava aos seres deformados que pagara, ao mago, o preço combinado, além de haver fornecido animais e outros ingredientes que lhe foram pedidos, à época. Mas os seres lhe retrucavam que ele não lhes pagara devidamente, afinal voltara a ter vida normal, estava ganhando dinheiro, e sua família fora salva da miséria, logo, lhes devia, tanto sua vida, quanto a dos seus. Precisava resgatar essa dívida oferecendo-lhes, regularmente,

sacrifícios animais, e servir de intermediário para que sentissem o gosto do sangue e das carnes sacrificadas, caso contrário, seu braço voltaria a ficar paralisado.

Harin começou a se questionar se fora certo utilizar feitiçaria para se curar. Sua religião proibia isso de forma severa e, não fora a leniência social para com as práticas de magia, que aconteciam por toda parte de forma disfarçada e escondida, poderia ser acusado legalmente, sofrendo a pena de lapidação, indicada em tais casos. O fenício que lhe curara fora, inclusive, indicado por um levita, seu conhecido, que usara versículos das Escrituras, para justificar a indicação, quando ele retrucara que Moisés proibira tais práticas.

Seis meses após se iniciarem os pesadelos, o braço de Harin voltou a ficar paralisado, e de tal forma, que sua mão teve os músculos definhados, a ponto de ficar parecida com a mão de um esqueleto. Seu desespero foi inenarrável. Familiares e amigos instaram para que voltasse ao mago que o havia curado, mas a lembrança dos seres que lhe apareciam em sonhos o fez desistir, aterrorizado. Começou a pensar que estava sendo castigado por haver recorrido às práticas condenadas por Deus e, arrependido, resolveu pedir perdão pelo que havia feito, e se submeter ao castigo divino. Unindo pensamento à ação, iniciou uma semana de jejum e orações. Nas três primeiras noites foi acometido por pesadelos ainda mais terríveis do que os que vinham ocorrendo, mas na quarta noite eles cessaram e, na última noite da semana de penitência teve um sonho: Estava no meio de uma multidão que se encaminhava em direção a um monte onde, diziam, se encontrava o profeta Isaías, o qual estava orientando aqueles que o buscavam. Quando chegou sua vez, narrou ao venerado profeta sua história e ele, com voz grave, lhe disse: “Na casa do pescador, a rede de Iaweh pesca almas”. E um gesto do profeta o atirou para longe do monte, fazendo-o acordar. Diferente

das outras vezes, apesar do susto, não sentia pânico, ao contrário, uma sensação de esperança brotava do seu coração. Envolvido nela, voltou a dormir, acordando tarde com muita disposição, mas querendo entender o sonho.

Em Betsaida, havia uma senhora idosa, a qual tinha fama de inspirada, aos conselhos da qual muitos recorriam. Harin a procurou e contou-lhe o sonho. Depois de meditar um pouco, ela lhe disse:

– Isaías é o profeta que fala do Servo Sofredor, que alguns interpretam como sendo o Ungido que haverá de inaugurar uma era de paz. Sendo verdade, ele poderia ser chamado de *Rede de Iaweh*, pois sua função seria a de escolher os melhores dentre o Povo de Israel para ajudá-lo na tarefa. Nós moramos na *Casa do Peixe*⁶⁰, mas o profeta se refere à casa do pescador, e isto deve indicar que na casa de um pescador deve estar a solução dos teus problemas. E a casa não está em Betsaida, mas em outro lugar, porque foste atirado para longe. Lembra-te em que direção?

Harin Benheleb procurou recordar o momento em que se sentiu jogado fora do monte e se lembrou que, enquanto caía, percebera que o sol estava à sua direita, na direção da Decápolis, pois era manhã, e disse isso para a senhora.

– Então, a casa do pescador deve ficar para o sul, pois o sol nasce daquela direção. E sinto que a casa do pescador, referida no sonho, deve ser procurada em Cafarnaum.

Ao chegar à casa, contou à esposa a interpretação da velha senhora, e ela o incentivou a ir até Cafarnaum, que era vizinha de Betsaida. Lá morava sua irmã, em cuja casa ele podia se hospedar, e em Cafarnaum existia uma Sinagoga, onde ele poderia orar, suplicando a Deus misericórdia.

⁶⁰ Significado do nome Betsaida.

Após o almoço do Parasceve, Harin se pôs a caminho, entrando na cidade antes do anoitecer. Ao chegar à casa da irmã de sua mulher, contou-lhe o seu drama. Ela, depois de ouvi-lo, lhe censurou o haver recorrido a um adivinho idólatra.

Ele ouviu de cabeça baixa a reprimenda e se confessou arrependido do ato, contando-lhe os terríveis pesadelos por que passara, bem como o sonho que tivera e a interpretação que lhe fora dada.

– Iaweh seja louvado! Acredito que a interpretação está correta, pois em casa de André e Simão, filhos de Jonas de Betsaida, que você conhece, está hospedado um Nazareno que está fazendo curas e pregando a chegada do *Reino dos Céus*.

Harin Benheleb ficou emocionado. Lembrava-se de André e Simão, que conhecia desde a infância. Será que ali estava a solução do seu sofrimento? Perguntava-se angustiado. Naquela noite mal conseguiu pregar os olhos e, pela manhã, resolveu ir primeiro à Sinagoga, orar ao Senhor, porque desta vez queria fazer tudo direito. Entregaria seu problema nas mãos do Todo Poderoso, e depois iria à casa de André e Simão, para ver o que aconteceria.

Ao chegar à Sinagoga, pôs-se em prece contrita, enquanto os trabalhos normais do sábado não começavam. De repente, um burburinho o despertou de sua concentração. Um homem alto, de cabelos longos e barba, ambos castanhos, entrara no recinto, acompanhado de outras pessoas, dentre as quais Harin reconheceu os irmãos a cuja casa iria, depois. Imaginou que o homem seria o Nazareno de quem sua cunhada lhe falara.

Era o momento em que o Chefe da Sinagoga dava início aos trabalhos da manhã. Depois de lido o trecho das escrituras, como de praxe, perguntou ao recém-chegado se queria fazer uso da palavra, e ele não se fez de rogado. Com entonação agradável, e vivacidade de

expressão, ele começou a falar sobre o amor de Deus pelas criaturas, e Harin ficou espantado por escutá-lo referir-se ao Senhor como Pai. Descreveu a implantação de um Reino de Paz, onde todas as criaturas seriam felizes, e onde não haveria sofrimento de espécie alguma. Nesse momento, um fariseu o interrompeu, com uma pergunta:

– Rabi, pode-se curar alguém em dia de sábado?

Todos perceberam que havia uma provocação na forma como o homem indagou. Ele queria criar uma polêmica, não havia dúvida.

O Nazareno, sem mostrar qualquer agastamento, retrucou com outra indagação, mas abrangendo todos que ali estavam:

– *Qual dentre vós é o homem que possuindo uma ovelha, se ela cair numa cova num dia de sábado, não lançará mãos dela, e a retirará? Na verdade, não vale mais um homem do que uma ovelha? Logo, é lícito fazer bem nos sábados!*

E, como para lhes dar uma lição prática, voltou-se para Harin e, olhando-o nos olhos, ordenou:

– *Estende tua mão!*⁶¹

Harin Benheleb, tomado de surpresa, estendeu o braço, sem pensar no que fazia, olhando espantado para o Nazareno. E, ao escutar as exclamações de assombro, que partiam de todos os lados, olhou para o braço, e ele estava completamente curado da paralisia, e sua mão direita mostrava-se perfeita, e com todos os seus movimentos⁶². Então, começou a gritar seus louvores a Deus e, dirigindo-se para seu curador, ajoelhou-se a seus pés, tentando beijá-los, no que foi impedido por ele que, erguendo-o, lhe disse:

– Harin Benheleb, as forças do mal também podem curar, mas como são egoístas e más, exigem muito pelo

⁶¹ Esta narrativa reproduz Mt 12, 9-14.

⁶² O texto está inspirado em Mt 12, 9-14.

pouco que fazem. Somente a misericórdia do Pai, agindo através dos bons, cura sem nada pedir em troca, cabendo ao curado, apenas, estar sempre grato ao Pai pelo benefício recebido. Vem conosco à casa dos teus amigos André e Simão, para conversarmos melhor.

O filho de Betsaida estava perplexo: como aquele homem sabia que ele conhecia os dois irmãos pescadores? Mas, sem conseguir articular palavra, com lágrimas de alegria a escorrer pela face, Harin dirigiu-se aos amigos, que o abraçaram carinhosamente, por entre expressões de afeto. E, enquanto desciam a ladeira em direção à casa, que ficava numa *insula*⁶³ depois da Sinagoga, viram o grupo de fariseus, ao qual pertencia o que provocara a discussão, afastando-se em conciliábulo, com olhares agressivos em direção a Jesus de Nazaré, o qual não demonstrava a menor preocupação com o fato.

⁶³ Termo latino que significa Ilha. Era usado pelos romanos com o mesmo sentido que hoje se usa “quarteirão”.

As Dúvidas do Discípulo

Naquele dia, aos primeiros clarões da madrugada Jesus retornava à casa de Simão Pedro após uma habitual noite de meditações ao ar livre nos montes das cercanias de Cafarnaum. Havia deliberado que partiriam bem cedo para a região de Gérgesa, onde daria prosseguimento à difusão da Boa Nova do Reino.

No dia anterior haviam chegado de um período de atividades em Dalmanuta, sendo comentário predominante entre os discípulos a recuperação de Maria, rica moradora de Magdala, cuja fama de endemoninhada era conhecida por toda aquela região. Em suas crises, tomada por incoercível força espiritual, agredia familiares, amigos ou desconhecidos com palavras e atos, infundindo medo por causa das expressões faciais, muitas vezes animalescas.

Ao encontrar-se com o Mestre, foi tomada por verdadeira fúria mas, a uma ordem dele, os espíritos infelizes que a obsediavam foram contidos e, assenhorearam-se de sua faculdade de psicofonia, um a um, gritando as angústias e desesperos que traziam no coração. Em torno de sete entidades, enlouquecidas por problemas diversos, foram afastadas pela autoridade moral do Cristo, após relatarem suas tragédias pessoais.

Maria recebera então, do Rabi Galileu, orientação carinhosa, decidindo-se a realizar a *metanóia*, isto é mudar a maneira de pensar e sentir, tornando-se sua discípula e

seguidora, pois sua condição financeira lhe dava condições para tanto. Integrou-se ao decidido grupo de mulheres que o seguiam, cuidando dos necessitados e doentes que, em número sempre crescente, o procuravam em busca de diretrizes e cura. Como as outras discípulas, colocou seus bens à disposição do Mestre, auxiliando na difusão da Boa Nova do Reino.

Durante a noite, ao se comentar o fato na casa de Pedro, João, no entusiasmo da juventude, afirmara ser Jesus superior aos profetas, inclusive ao próprio Moisés, motivando protestos da maioria dos presentes, judeus ortodoxos e convictos para os quais a afirmativa era uma blasfêmia inconcebível. O Mestre prontamente repreendeu o imaturo seguidor, mostrando-lhe que os líderes dos judeus, como os das outras nações, eram enviados de Deus, cumprindo sua vontade de acordo com as condições e circunstâncias de suas épocas.

Após a tertúlia costumeira, quando ministrara preciosas lições, ensinando a forma de trilhar o Caminho da Fraternidade, para a construção do Reino de Deus, o Mestre retirara-se, como de costume, tomando a direção dos montes que ficavam próximos de Cafarnaum a fim de passar a noite em suas transcendentais meditações.

Retornando às primeiras luzes da alvorada, ao se aproximar do portão da casa, o Nazareno viu Filipe, o conterrâneo de Pedro e André que, sentado num banco tosco de madeira, fitava o lago, absorto e meditativo. Achegando-se ao discípulo, Jesus tocou-lhe o ombro, saudando-o alegremente:

– Que a Paz seja contigo, filho de Betsaida!

Após a resposta do discípulo, prosseguiu com o carinho fraternal de sempre:

– O que te preocupa, meu irmão?

– Senhor, respondeu o amigo de Natanael, o acontecimento de Magdala trouxe-me muitas interrogações.

– Por que não deixar que juntos busquemos as respostas para elas? Quando duas pessoas analisam um problema, com mais facilidade podem chegar à sua solução.

– Rabi, como um homem casado desde os dezoito anos, tenho vivido o sexo em toda a sua gama de impulsos e emoções. Muitas vezes parece que ele me tolda o raciocínio, suplantando minha vontade. Como uma tempestade de imensas proporções, me avassala numa impulsão irresistível que só se aplaca quando satisfeito. Será que nesses momentos sou possuído pelos espíritos imundos?

É o sexo uma criação do mal para nos perder? Para evitar esse mal, não seria melhor extinguir a relação sexual de uma vez?

Levantando a mão direita, Jesus interrompeu o fluxo de inquirições, falando a sorrir:

– Calma, Filipe! Estás semelhante às torrentes que descem das montanhas em dia de chuva. Examinemos as questões uma a uma, com calma e objetividade.

Ante o discípulo expectante, prosseguiu:

– Como os Escritos Sagrados resumem a criação dos seres humanos, meu amigo?

Mostrando no brilho dos olhos o desejo de aprender, o discípulo respondeu:

– *Deus criou o homem à sua imagem, a imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou*⁶⁴.

– Muito bem – retrucou Jesus – E o que lhes ordenou o Pai?

– *Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a Terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra*⁶⁵.

– Ora meu amigo, poderia o Senhor, Fonte de Todo o Bem, criar algo mau? E, ainda mais, ordenar aos seres humanos o seu uso de forma tão taxativa?

⁶⁴ Gênesis 1,27.

⁶⁵ Gênesis 1,28.

– Realmente isso não é possível, retrucou o amigo de Natanael, denotando confusão no semblante. Como, porém, conciliar essa conclusão com o fato de ser o sexo a origem de tantas tragédias, de tantos crimes, de tantas dores?

– Voltemos, querido irmão, a examinar a Thora⁶⁶. Por que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso?

– Por terem desobedecido ao mandamento de Deus para que não comessem o fruto da Arvore do Bem e do Mal.

– Como bom Filho de Abraão, respondeste corretamente. E, porque, Filipe, os nossos Pais puderam escolher entre a obediência e a desobediência?

– Pelo livre arbítrio. Nós temos liberdade de escolher nosso caminho na vida.

– Tua resposta foi perfeita. Cada um de nós goza da faculdade de decidir sobre as atitudes a tomar, em qualquer momento da existência. Se podemos sofrer restrições físicas de qualquer sorte, moralmente somos livres para selecionar o comportamento diante das situações que a vida nos apresenta, sucessivamente.

A função sexual tem por finalidade principal, entre os animais, a perpetuação da espécie. Entre os animais isto é infalível, tanto assim que eles se acasalam em épocas específicas, quando o instinto a isto os impele. Atendido o objetivo, cessa a inquietação que incentivava ao ato. A sensação que acompanha o seu uso é um estímulo ao cumprimento daquele desiderato. O homem, aplicando a razão que lhe permite agir de forma consciente, faz do sexo um veículo de ternura e carinho, enriquecendo a existência e transformando uma ação instintiva em veículo de beleza e amor. O sexo exercido de forma correta, dentro dos critérios da fraternidade que manda se fazer aos outros o que gostaríamos que nos fosse feito, é fonte de alegria, de bem estar, de estímulos à criação e ao crescimento

⁶⁶ Thora: Lei, denominação que os judeus aplicam aos cinco primeiros livros do Antigo Testamento.

espiritual. Graças a ele estabelecem-se vínculos estáveis que permitem a formação da família, base da existência social.

O egoísmo, contudo, gera a busca do prazer pelo prazer, como se viver fosse um momento lúdico e irresponsável. Aí está o exercício da liberdade que nos foi outorgado pelo Pai. Não obstante, estaremos impreterivelmente presos às conseqüências derivadas de escolha. Aplicando-o de forma incorreta sofreremos o resultado como ansiedades, carências, angústias ou inibições e deficiências, senão imediatamente, num futuro mais distante. Isto porque, na ânsia de gozar sem medida, o indivíduo exerce as formas mais abjetas do crime: a hipocrisia, a mentira, a traição e o assassinato. Criando complexos específicos de culpa, os quais impõem diversas modalidades, dolorosas e aflitivas, de autopunições.

– Assassinato, Mestre? Inquiriu o discípulo espantado.

– Que título cabe a quem mata sonhos e esperanças, ilaqueando a boa fé de alguém que entrega, confiante, a alma e o coração, para despertar, repentinamente, nos braços da solidão e do desespero, senão o de assassino? A morte mostrará a cada um que crime não é apenas o que está capitulado nos códigos do Direito. Existem formas sutis de criminalidade, mais perversas e destruidoras do que as catalogadas nos cânones jurídicos dos povos, praticadas na convivência social, e seus autores transitam pela existência, aparentemente impunes. Eu te garanto, querido irmão, que haverão de chorar lágrimas amargas, na retificação necessária de conceitos e comportamentos, da qual é impossível fugir. Pois os mecanismos retificadores se encontram no próprio psiquismo dos que se permitem tais desregramentos.

Na verdade, sempre que abusamos de uma função orgânica ou psíquica, começamos o processo de reequilíbrio interior, imediatamente, mesmo sem perceber.

Veja o caso do ébrio contumaz. No início ele bebe por prazer, depois por necessidade física, porque seu organismo se acostumou ao álcool, passando a exigí-lo, imperativamente. Além do mais, espíritos impuros se ligam ao alcoólatra como parasitas, impulsionando-o mais e mais ao vício, para usufruir das baixas emanções que passa a emitir. Ele carregará o resultado da intemperança durante largo espaço de tempo, em forma de doenças pertinazes do aparelho digestivo ou más-formações congênitas dolorosas e difíceis de suportar em novas oportunidades físicas. Além de ansiedades, angústias e auto-aversão, no interior da mente.

– Que novas oportunidades físicas? Não compreendi!

– Um dia entenderás. Basta por agora a minha palavra de que para se ganhar a vida eterna é necessário nascer de novo, tantas vezes quanto for preciso.

Mas voltemos ao assunto em discussão. Com o sexo ocorre o mesmo que acabamos de relatar. As criaturas têm abusado tanto das funções genésicas que se tomaram escravos de suas solicitações, viciando-se no desequilíbrio emocional, passando a agir loucamente, como todo viciado, no afã de atender aos reclamos atormentadores das energias em comoção.

Somente, querido amigo, dores excruciantes auto-inflingidas, em meio a conflitos interiores angustiantes, ou um profundo mergulho interior, com a conscientização dos impulsos negativos, poderá conduzir a um comportamento adequado à moral natural, que está inscrita na consciência de cada um de nós, produzindo o equilíbrio das ações.

Todas as funções orgânicas são nobres e sublimes. Expressam recursos que a Sabedoria e Bondade do Pai colocam a nossa disposição para construção da felicidade imperecível. São filhas das atitudes pessoais as desarmonias que apresentem.

O sexo tem por objetivo a criação de vínculos, no plano dos sentimentos; a criação de corpos, no campo das formas; e a criação de conceitos, no campo das idéias. Utilizado com nobreza e responsabilidade, conduzido pelo amor, será abençoada origem de alegria e estímulos edificantes. Os que mergulham no pântano da viciação desmedida, amargarão os tormentos decorrentes da irresponsabilidade no trato com energias que se vinculam à própria estrutura da alma. Custar-lhes-á muito trabalho o readquirir o equilíbrio perdido.

– Proibir o uso do sexo, meu irmão, seria fechar às almas as portas abençoadas da redenção e do progresso.

– O que os seres humanos precisam é aprender a aplicar a fraternidade em todas as situações da vida, inclusive no convívio sexual. Aí, mais do que nunca, é necessário amar o outro como a si mesmo. Na busca equivocada da felicidade, os indivíduos apelam para os recursos mais torpes, a fim de lograr a satisfação de suas paixões criminosas, mas o látego purificador do conflito, quando não despertem por si mesmos, levá-los-á a reconhecer o doloroso engano em que caíram. Nessa faceta da vida, meu amigo, como em todas as outras, a pedra de toque será sempre a pureza de sentimentos, a elevação de propósitos, a renúncia e a tolerância, o perdão e a caridade.

E, ante o sol que se elevava no firmamento, enchendo de luz um novo dia como divino convite à renovação e à sementeira da Paz e do Amor, o Mestre convidou o discípulo a entrar na casa de Simão, a fim de ultimarem os preparativos para uma nova excursão de misericórdia.

No semblante de Filipe, estampava-se uma alegria diferente, nascida das idéias renovadoras que se abrigavam agora no seu coração, liberto das dúvidas e incertezas anteriores.

Da Descrença à Fé

Clódio descendia de antigos romanos, cujas raízes imbricavam nas épocas lendárias da Cidade Eterna quando Rômulo e Remo implantavam o núcleo colonizador do que viria a se tornar o grandioso império, no futuro. Trabalhador, como seus ascendentes, não se deixou amolentar pelo desfibramento dos novos tempos, preferindo viajar pelo Império à testa dos seus negócios, do que fruir os sentidos nos infindáveis banquetes da aristocracia patrícia ou se corromper no ambiente das intrigas palacianas, onde uma corte crescente de parasitas espairecia o tédio, manejando os escusos recursos da politicagem abjeta.

Naquela manhã de primavera, o negociante romano, sentado à sombra de belo toldo que o protegia da luz crestante do sol da Galiléia, em pleno meio dia, conversava com Márcio Quinto Silvano, seu hospedeiro e amigo de muitos anos, enquanto usufruía a beleza do panorama que o Mar da Galiléia oferecia, com seus inúmeros barcos a singrá-lo em todas as direções:

– Meu caro Márcio, dizia o visitante, estou realmente admirado com a cura do nosso Telêmio. Tenho visto muita coisa por esse mundo, em minhas andanças, mas nunca um fenômeno semelhante. No Egito, vi as *het neter, casas de Deus*, como lá são chamados os templos, dedicadas à cura, onde os crentes afirmam ocorrer restabelecimentos praticamente impossíveis, sendo que uma grande quantidade

de ofertas atestam o reconhecimento dos beneficiados. Os sacerdotes – *itou neter* (*pais divinos*), ou *hémou neter* (*servidores de Deus*) – possuem conhecimentos secretos sobre a arte de curar verdadeiramente maravilhosos.

Entre os gregos, Asclépio pontifica como divindade salúfera por excelência. Seus templos se espalham por toda a Hélade e colônias, mais o centro maior do culto é, sem dúvida, a argiva Epidauro no Peloponeso. Ali como em outros locais de adoração, é realizada a incubação ou intervenções médicas durante o sono, realizadas pela divindade em pessoa, dizem os crentes. Vi inúmeras tábuas votivas bem como esculturas de partes doentes do corpo que haviam sido curadas. Visitei também templos de Isis e Serapis, onde se diz acontecerem notáveis recuperações, principalmente por operações oníricas.

É verdade que, junto a algumas curas realmente impressionantes e que tive oportunidade de constatar pessoalmente, existe a exploração da credulidade humana, promovida pelo sacerdócio inescrupuloso e ávido por dinheiro, o que leva à descrença por não se poder separar o legítimo do falso. De tanto ver nas viagens que já fiz, o comércio de coisas que deveriam ser santificadas e as mais torpes formas de superstição, me tornei um completo descrente e ateu. Desde a morte das inesquecíveis Sílvia e Fúlvia já me tornara avesso à religião e aos sacerdotes assim como a todas as formas de magia e culto, pois, como sabes, gastei fortunas para conseguir salvá-las, sem resultado. Por isso, meu amigo, o restabelecimento de Telêmio e a tua visão me deixam perplexo. Todavia, Márcio, creio ter uma explicação plausível para ambas. Presta atenção: Telêmio vinha há algum tempo tomando os mais variados medicamentos e recebendo diversos tipos de tratamento. Casualmente, no momento em que foram buscar o tal Nazareno, o processo de cura, que já vinha se realizando, completou-se, ficando a impressão de que havia uma

relação de causalidade entre os dois fatos mas, em realidade, nada tinham a ver. Por outro lado, meu amigo, vinhas sofrendo muito com o estado do querido servo. Ao vê-lo se levantar de repente, completamente bom, envolvido pelas conversas sobre o pretense curador e ansioso pela expectativa de sua chegada, foste presa de uma alucinação, como acontece com os que se excitam nas festas báquicas ou nos mistérios.

Meu caro Clódio, não penses que deixei de buscar explicações lógicas para os dois eventos. Se a cura de Telêmio fosse um fato isolado, poderíamos entendê-lo como uma coincidência fortuita de fenômenos normais, todavia, existem aqui mesmo, em Cafarnaum, diversos casos de pessoas moribundas que recuperaram a saúde de forma imediata e completa por intervenção de Jesus de Nazaré. Em cada episódio bastou uma simples ordem dele para que os doentes desenganados se levantassem de pronto dos seus leitos, como se nada houvesse acontecido, à semelhança do nosso servidor. Poderei levar-te em visita a eles, e mais ainda, far-te-ei conhecer Diná, filha de Jairo, chefe da Sinagoga local, que é o mais extraordinário dos casos, pois já estava morta há mais de três horas quando o Rabi a fez reviver com apenas uma ordem.

– Não, meu amigo! Ressuscitação de morto? Sinto muito, mas isto já atingiu o limite da loucura absoluta. Desculpa-me, mas não posso acreditá-lo. Esse Jesus já deve ter juntado uma fortuna com a divulgação dessa história.

– Clódio, tu me conheces há bastante tempo e sabes que, apesar de ter uma concepção religiosa firmada, nunca fui um tolo. Tenho o saber que o tempo me fez coletar, além da vasta experiência nas fileiras das legiões, onde sou reconhecido pelo raciocínio equilibrado e senso de realidade.

– É por isso que estou admirado, meu amigo, de demonstrares tanta credulidade diante de coisas verdadeiramente impossíveis, como devolver à vida pessoas mortas.

Tenha cuidado com esse taumaturgo, pois deve ser um grande espertalhão.

– Clódio, meu caro, posso te garantir que estou em perfeito juízo. Logo após os fatos acontecidos nesta casa, procedi a uma completa investigação sobre o Nazareno e seus seguidores. Sei tudo sobre seus familiares e negócios. Posso assegurar que não recebem dinheiro nem presente pelas curas que fazem.

– Pois os discípulos também fazem prodígios?

– Sim, embora não tão extraordinários como os do Mestre, que foi quem lhes transmitiu o poder. Além do mais, visitei e interroguei pessoalmente todas as pessoas que se diziam curadas por ele, bem como várias testemunhas de cada fato, concluindo pela veracidade deles.

Abalado pela argumentação do amigo, o negociante levou um tempo imerso em fundo cismar, após o que, inquiriu:

– Se não existem razões pecuniárias, o que me dizes das políticas? Sabes melhor do que eu que esses judeus são rebeldes e insubmissos ao domínio de Roma.

– Atento aos meus deveres de representante militar do império, meu amigo, foi o que primeiro busquei averiguar, embora o grande benefício recebido e a visão celeste, pois a minha lealdade ao dever se sobrepõe aos problemas pessoais. Posso garantir que em nenhum momento de suas pregações o Mestre insuflou seus ouvintes contra as autoridades, muito pelo contrário. Quando o quiseram prejudicar, interrogando-o sobre se era lícito o pagamento de tributo a Roma, uma questão sobremodo explosiva, aqui, pediu que lhe mostrassem uma moeda, perguntando de quem era a efígie nela esculpida. Quando lhe responderam de César, retrucou: *Daí a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus*⁶⁷, fazendo calar seus inimigos, sem se com-

⁶⁷ Mt 22, 15-22.

prometer com qualquer ato de rebeldia ou conivência, como esperavam os seus inquiridores, com o fito de prejudicá-lo ou com o povo ou com as autoridades romanas.

Impressionado pelo que ouvira, o romano comentou:

– Preciso conhecer esse homem tão fora do comum.

– Terás de aguardar uma oportunidade em que ele esteja na cidade, pois viaja constantemente pregando o que denomina O *Evangelho do Reino de Deus*, retrucou o centurião.

– Aguardarei um século, exclamou Clódio. Mesmo que tenha de fixar residência aqui, esperarei pelo momento de estar com ele. Se não me quiseres em tua casa, acrescentou sorrindo, adquirirei nem que seja um tugúrio para morar enquanto aguardo.

– Sabes que minha casa sempre será tua, retrucou o militar. Ficarás nela o tempo que quiseres, pois tua amizade é uma bênção que os fados me concederam.

Á noite, Jairo e a Filha, convidados previamente, vieram para que o negociante lhes fosse apresentado e ouvisse, de viva voz, suas experiências

Depois de cumpridas as formalidades sociais da apresentação e cumprimentos, passaram algum tempo a conversar amenidades.

Quando o clima se descontraíu o suficiente, Márcio pediu que Jairo narrasse a história da cura maravilhosa de sua filha.

O Judeu, que possuía um ar tranqüilo e alegre, acedeu com satisfação.

– Minha filha é um tesouro de inestimável valor para mim, disse ele, acariciando os longos cabelos pretos da graciosa mocinha que, ruborizada, abaixou os olhos, encabulada com o arroubo paterno. Desde que nasceu, porém, apresentou uma constituição física debilitada que a fazia adoecer constantemente. Há um ano, todavia, seu estado piorou de forma assustadora. Consultamos vários médicos

das cidades próximas, inclusive de Cesaréia marítima e de Jerusalém, Nenhuma melhora contudo foi conseguida. Vendo-a minguar-se gradualmente, entrei em franco desespero, rogando ao Senhor, dia e noite que devolvesse a alegria e a saúde ao meu anjo querido.

Há cerca de dez meses, no primeiro parasceve do mês de Adar, sua crise foi mais intensa. O médico que a assistia me informou que ela estava vivendo suas últimas horas de vida.

– A menina está agora nas mãos do Senhor, disse-me. Só Ele poderá salvá-la. Minha ciência esgotou todos os seus recursos.

Fiquei desesperado, mas como sou um homem de fé, tanto que me dedico ao serviço do Senhor na Sinagoga daqui, que a generosidade de Márcio construiu para nós, tranquei-me em meu quarto e, de joelhos implorei ao Todo-Poderoso tivesse piedade de mim e me concedesse a vida de minha Diná.

Não sei quanto tempo levei em minha rogativa desesperada, só sei que em certo momento ouvi claramente a voz do meu falecido pai, que me disse:

– Filho, pede socorro ao Nazareno e ele atenderá tuas súplicas, curando nossa menina.

O fenômeno me assustou. Além do mais nunca pensara em pedir qualquer coisa ao Rabi de Nazaré, sobre quem havia tantas opiniões divergentes e emocionais. Acima de tudo, a minha condição de Chefe de Administração da Sinagoga de Cafarnaum não me permitia pedir favores a um homem que, segundo nossas maiores autoridades, não obedecia às nossas sagradas tradições. Excogitava esses razoamentos comigo mesmo quando voltei a escutar a voz de meu pai:

– Deixe de orgulho. Sacrifique sua vaidade e vá humildemente prostrar-se aos pés do Rabi, pois ele é o Messias que tanto aguardamos. Se não o fizer, carregará para

sempre o remorso de não haver feito tudo para salvar sua filha.

– Não tive mais dúvidas. Levantei-me num átimo e saí porta afora em busca do Nazareno. Não sabia como indagar sobre seu paradeiro, mas lembrei-me de que morava na casa de Cefas, o pescador. Para ali me dirigi sem delongas, perguntando por Jesus. Apesar da admiração que se estampou na face da sogra do pescador, ela me informou que o mestre fora a Nazaré, mas que retomaria naquele dia. Fiquei em desespero, e me decidi ir a Nazaré implorar ao Rabi que viesse curar minha filhinha. Recordava-me de que ele curara Telêmio sem nem o ver. Quem sabe não faria o mesmo com minha Diná?

Quando me dirigia para estrada com o objetivo de ir a Nazaré, ouvi um alvoroço e vi uma multidão que se comprimia na praia. Ao longe vi um barco que chegava e nele, o Nazareno que procurava. Meu coração saltou de alegria. Corri em direção à ribeira. Quando ali cheguei, o Mestre havia saltado e a multidão o envolvia com os mais diversos pedidos. Abri caminho por entre o povo e, com muito custo, cheguei onde ele se encontrava. Colocando-me de joelhos diante dele, implorei que fosse à minha casa e curasse minha filha⁶⁸. Nesse momento, Jesus teve uma atitude estranha, voltando-se para trás indagando:

– Quem me tocou?

Os discípulos que se encontravam atrás dele negaram de viva voz que o tivessem feito, e Cefas chegou a retrucar, um tanto agastado pelo esforço que fazia para protegê-lo da multidão:

– Mestre, todos te oprimem e apertam!

Jesus contudo insistiu:

– Alguém me tocou, porque senti que de mim saiu poder.

⁶⁸ Todo esse colóquio está baseado em Lc 8, 40-56 e Marcos 5, 35-43.

Então uma pobre mulher que conhecíamos, doente de um fluxo hemorrágico há vários anos e que morava pobremente nas cercanias da cidade, desprezada e vivendo de esmolas por ser impura, avançou e disse, timidamente, que fora ela e de como sentira imediata cessação de seus males.

Fitando-a com imensa ternura o Senhor lhe disse:

– Filha, a tua fé te salvou: vai em paz.

O mestre voltou-se para mim, mas nesse momento chegaram junto a nós uns parentes e amigos. Pelas expressões de seus rostos adivinhei o pior. O meu tio materno, Barach Ibn Betel, me disse:

– *Tua filha já está morta, não incomodes mais o Rabi.*

Sua expressão dura era uma clara desaprovação por eu estar ali, em posição que, segundo ele mais tarde me disse, *comprometia sua dignidade de judeu e chefe!* A notícia dada de forma tão brutal foi um terrível choque; sentia desmoro-narem-se todas as minhas esperanças. Nesse momento Jesus colocou a destra em meu ombro e disse:

– Não temas, crê somente, e ela será salva.

Uma imensa confiança me invadiu, como se os olhos postos nos meus me infundissem fé e certeza nas suas palavras, principalmente após o que acabara de presenciar.

Tendo chegado à casa, a ninguém permitiu que entrasse com ele, senão a Pedro, Tiago e João, bem como a mim e minha esposa. Todos choravam e a pranteavam, rodeando-lhe o cadáver. Mas ele disse:

– Não choreis; ela não está morta, mas dorme.

Alguns escribas e fariseus presentes riram-se, escarnecendo dele, sem respeitarem a solenidade do momento. Como única resposta, *ele, tomando-a pela mão, disse-lhe, em voz alta:*

– *Menina, levanta-te.*

Ela imediatamente se levantou, e ele mandou que lhe dessem de comer.

Nossa alegria não teve limites e o assombro dos que presenciaram a cena também.

Clódio, impressionado pela narrativa, fez inúmeras indagações, embora mantivesse uma atitude de ceticismo, estava intimamente muito abalado.

Uma semana depois, um servo de Jairo veio informar que Jesus chegara e estava em casa de Simão Pedro.

Márcio para ali se dirigiu com o outro romano. Eram as primeiras horas da manhã; Cafarnaum acordava. O mestre chegara durante a madrugada e a notícia ainda não se espalhara.

Foram encontrar a pequena comunidade de apóstolos reunida com o Rabi à mesa, ouvindo embevecida suas colocações sábias. Ao ver entrarem os dois descendentes de Rômulo e Remo, o Nazareno saudou-os dizendo:

– A paz venha convosco, meus irmãos.

E prosseguiu, se dirigindo ao negociante:

– Clódio, querido amigo, te esperava há muito tempo.

– Me conheces, Senhor? – Inquiriu o espantado romano.

– Desde há muito, mas, principalmente daquela tarde, para o teu coração carregado de dor, em Baías, quando diante do cadáver de Sílvia buscaste ansioso nos deuses de Roma um socorro não achando resposta. Mas, quando rogaste a *Misericórdia Desconhecida*, pacifiquei-te o coração e a mente, dando-te forças para atravessares a rude provação que culminaria com o desenlace de tua amada Fúlvia.

Tomado de pasmo Clódio retrucou:

– És sem dúvida o Filho de Deus!

Voltando-se para os circunstantes, o mestre lhes disse:

– Enquanto os filhos de Israel relutam em aceitar a minha palavra e os fenômenos que produzo, romanos são capazes de me renderem homenagens por coisa bem mais simples. É por isso que, *muitos virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e tomarão lugares à mesa no Reino de Deus* ⁶⁹.

⁶⁹ Lc 13, 29.

Desde então Clódio se tornou um dos mais fiéis discípulos do Rabi Galileu. Acompanhou-o e testemunhou inúmeros prodígios. Um dia, contudo, precisou ir à Ásia Menor para regularizar seus negócios. Iria se dedicar exclusivamente a servir Jesus. Quando lhe expôs seus planos, o Mestre sorriu e disse:

– Clódio, sei que me servirás fielmente até o fim de teus dias, mas essa viagem não será de grande valia. A capital do império está assinalada como o grande campo onde prestarás o teu valioso concurso na difusão do Evangelho. De qualquer forma, esta é uma despedida. Veremos outra vez em clima de eternidade.

O romano não entendera bem as palavras do mestre e partiu para a Cidade Eterna. Quando regressou, recebeu a triste notícia: Jesus fora morto pelos judeus de Jerusalém em conluio com as autoridades romanas. Seu abatimento foi profundo, mas notícias de que Jesus estava aparecendo aos discípulos lhe trouxeram novo ânimo e, num esplendoroso dia de primavera, em plena região de Genesaré, viu, junto com mais de quinhentos companheiros, o Messias Ressurrecto. Sua fé consolidou-se para sempre. As últimas palavras que Jesus lhe dirigira voltaram-lhe à mente e ele as compreendeu. Retornou a Roma e distribuiu toda a sua fortuna com os pobres, reservando apenas o necessário para erguer, num sítio das imediações da Capital do Império, uma casa de auxílio aos desfavorecidos, principalmente crianças expostas. A Casa de Jesus, como a chamou, transformou-se na demonstração viva dos ensinamentos do Mestre. Ali a Caridade e o Amor eram sempre realidades concretas e não meras abstrações.

Depois de quase três decênios de trabalho na Seara Bendita, Clódio desencarnou pacificamente, deixando Flávio Marcelo⁷⁰ encarregado do ninho de amor que fundara sob a inspiração do Cristo.

⁷⁰ Ver capítulo Regeneração.

Quando a separação do corpo se completou, Clódio viu-se diante do Mestre Amado que o recebeu carinhosamente nos braços e, ante um hino de boas vindas, entoado por centenas de espíritos que vieram acolhê-lo, partiram para as Regiões Sublimes da Eterna Ventura.

Despedida

A manhã surgira radiante e bela. O sol deslizava sua luz através de um céu azul sem nuvens, como se fora um disco de ouro iridescente.

A natureza parecia vestida de fantástica roupagem de alegria, num festival de pipilos, perfumes suaves e policromia de matizes delicados.

A brisa matutina passeava por entre as folhas das oliveiras, tamareiras e falsos-plátanos⁷¹ daquela vertente do Monte das Oliveiras, levando por toda parte uma mensagem silenciosa de esperança aos corações.

Lentamente as pessoas foram chegando, em grupos ou solitárias, a se saudarem com grandes expansões de júbilo e satisfação.

Formavam pequenos círculos de acordo com o grau de amizade que já se dedicavam, embora não se isolassem egoisticamente, como acontece comumente nas reuniões sociais.

O comentário geral era em torno da ressurreição de Jesus.

– Eu o vi, estava belo como sempre!

Exclamava uma senhora de semblante sereno, continuando:

⁷¹ Gênero-tipo da família das platanáceas, que reúne grandes árvores nativas da América do Norte, da Europa Oriental e da Ásia, e que se caracterizam pelo córtex descamante; são dotados de grandes folhas decíduas, ger. palmatilobadas, de flores em capitulos, e sementes globulares (Dicionário Aurélio, Século XXI).

– Senti a mesma alegria que se apossou de mim quando ele me curou da cegueira cruel e dolorosa. Uma visão impossível de esquecer.

– Confesso, replicou um senhor maduro, que o anúncio de sua morte me foi um choque do qual nunca pensei em me recuperar. Quando, porém, ele me apareceu em pleno campo, foi como se houvesse nascido outra vez. Nunca tive nem terei outro momento igual.

Neste tom corriam as conversações em todas as rodas, cada qual ilustrando com adjetivos de admiração e espanto, a maneira como vira o mestre ressurgido.

Já se aglomeravam cerca de duzentas pessoas, inclusive os apóstolos, que se destacavam pela maneira como eram saudados: um misto de respeito e carinho.

Nesse momento alguém perguntou:

– Quando vem o Mestre?

– Não sabemos, retrucou Simão Pedro, Ele nos disse apenas que estivéssemos aqui pelo *cedo da manhã*. Aguardemos com paciência, pois já sabemos que nenhuma de suas promessas é vã.

Repentinamente o local pareceu tocado de vibrações delicadas que, tangendo as cordas mais profundas da emotividade dos circunstantes, induziu ao silêncio, arrancando ao mesmo tempo suspiros e lágrimas de cada um deles.

Um perfume transcendente saturou o ambiente, enquanto o ar parecia estar repleto das notas sublimes de música divinal.

O grupo se voltou, automaticamente, para o aclave do monte e lá estava ele.

Apresentava a mesma beleza de sempre. Os cabelos castanhos eram despenteados graciosamente pela brisa e um sorriso pleno de Paz emoldurava-lhe o rosto de beleza clássica, inolvidável...

Escutaram mais uma vez sua voz, que parecia modulada em notas angelicais, como nunca houve em todo mundo.

Concitou a que cumprissem o dever de levar sua mensagem aos povos para que a alegria que experimentavam se transformasse em patrimônio comum, de cada homem e mulher, um dia.

Exortou a ensinarem, acima de tudo pelo exemplo, fazendo de suas existências pregações vivas, a fim de que a humanidade pudesse constatar a veracidade da Boa Nova.

Pediu a materialização do Amor, no constante exercício da Caridade indiscriminada.

Incentivou à manifestação perene da Fé, para que se transformassem em veículos das energias do Bem, espalhando a Esperança e a certeza de que o Pai atende, com presteza e carinho, os filhos que se colocam na posição espiritual correta.

Quando começou a falar que estaria presente junto a eles em todas as circunstâncias, compreenderam que era chegado o momento do adeus.

As lágrimas escorriam pelas faces. Homens, mulheres e crianças soluçavam na emoção da despedida.

O Mestre elevou-se gradualmente no ar, enquanto transmitia suas últimas instruções, tornando-se luminoso e translúcido até que, como névoa matutina sob os raios ardentes do sol, desapareceu da vista de todos.

Durante algum tempo a multidão ficou estática, a fitar o ponto onde Jesus desaparecera. De repente, dois Espíritos de beleza transcendente a irradiarem ondas luminosas matizadas em ouro e azul apareceram no local em que há pouco Jesus pairara e disseram, com uma voz que mais parecia soar na mente de cada um:

*– Homens galileus, porque estais olhando para o céu? Esse Jesus que foi elevado ao céu, de vosso meio, voltará, assim como o vistes subir.*⁷²

⁷² At 1, 11.

Assim admoestados, com imensa saudade no coração, tomaram o caminho de Jerusalém, onde seria iniciada a Epopéia Cristã, cujo desenvolvimento ainda prossegue, e cuja completa estabilização se dará quando for implantado entre nós o seu objetivo maior: O *Reino de Deus*.

Fontes Bibliográficas

Argollo, Djalma⁷³.

_____ 1992, O Novo Testamento: um enfoque espírita.

_____ 1996, Quando o Amor Veio à Terra.

_____ 1997, O Sermão do Monte.

_____ 1997, O Evangelho Conforme Mateus.

_____ 1993, Espiritismo e Transcomunicação

_____ 1994, Possibilidades Evolutivas.

Champlin, Russel Norman. 1982, O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, Seis Volumes, Milenium Distribuidora Cultural Ltda, São Paulo – SP.

Daniel – Rops. 1950, Jesus no seu Tempo, Livraria Tavares Martins, Porto – Portugal.

Dodd, C. H. 1977, O Fundador do Cristianismo, Edições Paulinas, São Paulo – SP.

Drane, John. 1982, Jesus, Ed. Paulinas, São Paulo – SP.

Felder, Hilarino. 1949, Jesús de Nazaret, Ediciones Desclée, de Brouwer, Buenos Aires – Argentina.

Guignebert, Ch. 1933, Jésus, La Renaissance du Livre. Paris – França.

Kardec, Allan. 1972, Le Livre des Esprit, Librairie Leymarie, Paris – França.

_____ 1972a, Le Livre des Médiums, Librairie Leymarie, Paris – França.

⁷³ Observação: Os direitos autorais dos livros citados a seguir, foram doados pelo autor, de acordo com os critérios legais, e de forma irrevogável, à Fundação Lar Harmonia, de Salvador – BA, para que os resultados auferidos com suas edições, sejam aplicados nos diversos projetos de promoção social dos menos favorecidos que implementa e mantém.

Kardec, Allan. 1974, L'Évangile selon le Spiritisme, La Diffusion Scientifique, Paris – França.

_____ 1866, L'Évangile selon le Spiritisme, FEB, fac-símile da 3^a edição de 1866. Brasília – Brasil.

_____ 1978, La Genèse, La Diffusion Scientifique, Paris – França.

_____ 1978, Le Ciel et l'Enfer, Editions de l'Union Spirite, Bruxelas – Bélgica.

_____ 1978, Oeuvres Posthumes, Dervy-Livres, Paris – França.

Novaes, Adenáuer. 2002, Psicologia do Evangelho, Fundação Lar Harmonia, Salvador – BA

Nisin, Arthur. 1961, Histoire de Jésus, Éditions du Seuil, Paris – França.

Pastorino, Dr. Carlos Tôrres. 1967, Sabedoria do Evangelho, oito vols., Grupo Editorial Spiritus, Brasília – Brasil.

Ricciotti, G. 1963, Vida de Cristo, Casa do Castelo, Coimbra – Portugal.

Tresmontant, Claude. 1983, Le Christ Hébreu, O.E.I.L, Paris – França.

_____ 1986, Évangile de Matthieu, O.E.I.L, Paris – França.

_____ 1987, Évangile de Luc, O.E.I.L, Paris – França.

_____ 1984, Évangile de Jean, O.E.I.L, Paris – França.